



MARIA HELENA ANDRÉS
VIAGEM AOS ESTADOS UNIDOS
& DIÁRIO DE VIAGEM



Este capítulo é parte da Autobiografia completa da autora.

Está atualizado até outubro de 2023.

Os textos foram publicados nos blogs www.memoriaseviagensmha.blogspot.com.br

e www.mariahelenaandres.blogspot.com.br

APRESENTAÇÃO

Em 1961, Maria Helena Andrés foi convidada pelo governo americano para fazer uma viagem de estudos e pesquisas àquele país. A viagem durou quatro meses e ela deixou em Belo Horizonte, sob a guarda de seu marido Luiz Andrés e familiares, seus seis filhos, que tinham entre 12 e 1 ano de idade.

Nos Estados Unidos, o roteiro incluiu visitas a Nova Iorque, Washington, Seattle, Cleveland, San Francisco, Los Angeles, Phoenix, Santa Fé. Ela realizou exposições, contatou artistas e colecionadores, universidades e escolas de arte.

Estudou na Art Students League em Nova Iorque e se encantou com a pintura de ação, a “action painting” que a influenciou desde então, com a liberdade de seus gestos e a atenção ao aqui e agora. Era a época da guerra fria e o clima belicoso se refletiu em sua fase do fogo, da guerra e da violência.

Comparou a produção artística americana da costa leste e da costa oeste. Na Califórnia, teve o primeiro contato pessoal com as culturas asiáticas, especialmente a China e o Japão, o que posteriormente a influenciou no seu interesse pelos estudos de integração entre o oriente e do ocidente, tema em que evoluiu para se aprofundar na cultura indiana.

Maurício Andrés Ribeiro
outubro de 2023

SUMÁRIO

1. VIAGEM AOS EUA I	4
2. VIAGEM AOS EUA II	5
3. VIAGEM AOS EUA III	7
4. VIAGEM AOS EUA IV	10
5. VIAGEM AOS EUA V – TREINO DE GUERRA	12
6. VIAGEM AOS EUA VI – STAMOS E ARTS STUDENTS LEAGUE	14
7. VIAGEM AOS EUA VII – MINHA EXPERIÊNCIA COM A “ACTION PAINTING”	16
8. VIAGEM AOS EUA VIII - SAN FRANCISCO, CALIFÓRNIA	18
9. VIAGEM AOS EUA IX - SÃO FRANCISCO E O ORIENTE	20
10. REFLEXÕES SOBRE GUERRA E A PAZ	22
11. DIÁRIO DE VIAGEM AOS EUA – 1961	24
WASHINGTON – INTERNATONAL CENTER- PHILLIPS COLLECTION - EMBAIXADA BRASILEIRA	25
NEW YORK – ONU- CONSULADO	44
SEATTLE – ZOE DUSANNE	53
SAN FRANCISCO – CHINATOWN – O ORIENTE	58
LOS ANGELES – HOLLYWOOD – COLEGIO IMACULETED HEART	75
PHOENIX – FLAGSTAFF- GRAND CANYON	82
SANTA FÉ- O MUSEU	86
WASHINGTON – UNIAO PAN AMERICANA	96
NEW YORK – ART STUDENTS LEAGUE – THEODORUS STAMOS – GREENWHICH VILLAGE	120
CLEVELAND	130
NEW YORK- METROPOLITAN- MOMA	132

VIAGEM AOS EUA I



Fotos: arquivo e internet

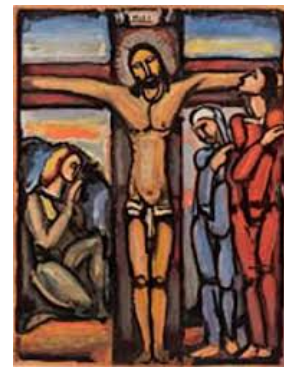
Recebi de Maurício Andrés esta síntese referente ao meu diário de viagem nos EUA em 1961. Transcrevo abaixo trechos deste diário.

“Em 1961, Maria Helena Andrés foi convidada pelo governo americano para fazer uma viagem de estudos e pesquisas àquele país. A viagem durou quatro meses e ela deixou em Belo Horizonte, sob a guarda de seu marido Luiz Andrés e familiares, seus seis filhos, que tinham entre 12 e 1 ano de idade.

Nos Estados Unidos, o roteiro incluiu visitas a Nova Iorque, Washington, Seattle, Cleveland, San Francisco, Los Angeles, Phoenix, Santa Fé. Ela realizou exposições, contatou artistas e colecionadores, universidades e escolas de arte. Comparou a produção artística americana da costa leste e da costa oeste. Era a época da guerra fria e o clima belicoso se refletiu em sua fase do fogo, da guerra e da violência.

Na Califórnia, teve o primeiro contato pessoal com as culturas asiáticas, especialmente a China e o Japão, o que posteriormente a influenciou no seu interesse pelos de integração entre o oriente e do ocidente, tema em que evoluiu para se aprofundar na cultura indiana.” (Maurício Andrés)

VIAGEM AOS EUA II



Fotos: arquivo pessoal e internet

Mrs. Phillips escreveu-me gentilmente um cartão. Marcou-me um appointment a que não posso faltar. Encontro marcado na Pan American Union às 3 e meia da tarde. Espero-a no lobby. Ando de um lado para outro, imaginando como seria a famosa lady. Não a conheço pessoalmente, sei que deve ter uns 55 anos e pinta. Tem a melhor galeria de arte dos Estados Unidos, a Phillips Collection. Finalmente chegam, Mrs. Phillips veio com o marido. Já o conheço daquela vez que lá estive. Vamos até o local da exposição. Mrs. Phillips mostra-se entusiasmada com os desenhos, compra um para sua coleção. Para mim, isto é uma grande vitória. Mrs. Phillips coleciona quadros de artistas famosos, ter um desenho na sua coleção significa muito para um artista. Saio feliz da Pan American Union com o casal Phillips, com o fato de estar presente na melhor galeria de Arte dos EUA. A Phillips sempre foi a minha galeria preferida. Sempre admirei o gosto que tem no arranjo dos quadros, nas luzes, na escolha dos trabalhos. Estou contente no meio deles. O carro sai conosco da União Pan Americana. O chauffeur nos cobre as pernas com uma manta de lã, Mr. Phillips está ao meu lado. Conversamos sobre arte.

A estrada é linda, leva-nos além de Georgetown à mansão dos Phillips. Entro meio sem jeito naquele palácio. Vem um mordomo abrir as portas, dois cachorros de raça nos recebem festivamente. Já me acostumei à presença de cachorros dentro de casa. Eles percebem que sou amiga, chegam perto de mim, aliso-lhes o pelo. Já não tenho medo. Sei que não mordem, são educados. A casa é uma imensa galeria de arte. Às vezes, trocam os quadros, o Salão Grande agora está cheio de Bonnards. Levanto-me para ver de perto. Quadros de Rouault, Braque, Picasso, Puvis de Chavannes. Nunca havia visto antes um Puvis de Chavannes ao natural, apenas por reprodução. Admirei-me das cores suaves que emprega. Há um imenso Bonnard em tons de rosa, uma praça de Paris em plena neve.

A neve é cor-de-rosa, o céu é cor-de-rosa. Quase não me foi possível engolir o chá. Estava tão surpresa, que ele fazia barulho na garganta ao descer, gole por gole. Mr. Phillips indagou muito sobre o Brasil. Tive de escrever o nome de Guignard para ele. Talvez se lembre de comprar um para sua coleção... Mrs. Phillips é discreta, fala pouco, mas muito simpática. Mostrou-me um dos seus quadros em cima da lareira, um grande painel representando uma paisagem de montanhas. Mrs. Phillips gosta de pintar paisagens. Também, a casa é rodeada de paisagens belíssimas. Fica situada no alto, com os gramados cercado árvores plantadas sobre a grama. Ao longe, enxerga-se a paisagem de Washington. Demoro-me olhando a vista. Como deve ser bom pintar dentro de um cenário tão deslumbrante e convidativo! ... O chauffeur vem me trazer em casa. Pelo caminho, indaga sobre minha terra. Está curioso por saber notícias do Brasil. Conhece o Rio de fama e Brasília de postais.

Phillips Collection

Esta é uma galeria em que os quadros podem ser realmente contemplados. É por isso que todo o mundo entra devagarinho, pisando nas pontas dos pés. Entram com o respeito com que entram numa igreja, conversam baixinho, para não perturbar a paz e a poesia que flui de cada quadro. Sento-me horas em frente ao Bonnard da sala de cima, representando uma menina com o cachorro. Interessa a poesia daquele vermelho, único toque luminoso no centro do quadro. Bonnard não é o meu artista preferido, mas essa menina de vermelho tem alguma coisa de diferente e inédito. Na sala de Rouault há uma figura estranha sentada na minha poltrona. Na poltrona verde, de veludo, onde costumo me assentar. A figura parece de cera, está imóvel. Sentou-se

debaixo de um quadro, a luz ilumina-lhe o rosto, também. Deve ter uns 18 anos e é de uma palidez impressionante. Só o rosto iluminado, cabelos pretos, blusa preta, calça preta... Está olhando horas seguidas o mesmo quadro que eu também admiro, “O Cristo com o soldado”. Peço lápis ao porteiro para tomar notas, e subo para ver a salinha de Klee. Depois desço, venho escolher postais de quadros. Talvez seja a última vez que estou entrando na Phillips Collection, preciso reunir alguns cartões. Escolho os que mais me agradam e vou ao porteiro. O porteiro é um velhinho simpático. Está sempre naquela mesa de entrada, treinando taquigrafia. Trabalha há muito tempo para o Mr. Phillips. Já me viu tantas vezes entrar e sair que meu rosto lhe é familiar. “- A senhora é a artista que veio do Brasil? Não vou lhe cobrar os cartões, leve-os de presente...” (Trecho do Diário aos EUA, 1961)

1 de março de 2016

VIAGEM AOS EUA III



Fotos: internet

Transcrevo aqui trecho de um diário de viagem aos EUA em 1961.

Hoje fiquei muito feliz. Vendi um desenho em Seattle. Recebi aviso de Mrs. Duzanne. Estava eufórica com a rapidez com que o quadro foi vendido. No mesmo domingo que saí de lá ele foi vendido. Escreveu-me contando. Estava escutando o

rádio, quando entraram dois casais na galeria. Vieram ver outra exposição. Sentaram-se e começaram a folhear os catálogos em cima da mesa. Interessaram-se especialmente por um vindo do Brasil. Um dos casais havia recentemente feito uma viagem ao Brasil. Mrs. Duzanne foi buscar meus desenhos. Interessaram-se por um denominado “Boats” – “But, it is just like Brazil” disseram. Compraram o desenho. Mrs. Duzanne ficou admirada com a rapidez. Escreveu-me, mandou-me o cheque de 65 dólares. Ficou com 35 para ela, o desenho foi vendido por 100 dólares, sem moldura, nem nada. Imagine, um desenho, 20 mil cruzeiros..., mas a alegria maior tive com aquela pequena frase: “It is just like Brazil!”. Representa a pátria ser parecido com ela; não pode haver maior alegria para uma brasileira...

Vou comprar selo na portaria do hotel e lá eu encontro com Mr. John Pogzeba. Mr. Pogzeba é conservador do museu. Nasceu na Polônia, mas reside há muitos anos nos EUA. Está me cumprimentando sorridente – “Vi seus desenhos, gostei muito. Você quer me vender um? Não é para mim, é para o museu. Estive pensando em comprar quadros de três artistas brasileiros. Você será um deles...”. Santa Fé, New México, é a cidade mais artística dos EUA. Cada pedra da rua respira arte. E para mim seria muito agradável figurar num museu de Santa Fé. Estou interessada na venda. “- Os desenhos estão com Mrs. Martin, quando eles chegarem o senhor poderá escolher o que mais lhe agrada.”

Mr. Maussy vem trazer meus desenhos. Estou com a pasta na mão, escutando o que ele me diz. Mr. Maussy é o meu responsável aqui e um dos diretores do museu. Está me convidando para expor lá. “-Será muito interessante para nós ter uma exposição de artista brasileira. Seus desenhos precisam ser vistos aqui...”. Estou meio pasma com tantas solicitações. Primeiro, o conservador querendo me comprar um para o museu. Agora, o diretor me oferecendo a sala para expor. “- Nós lhe remeteremos direto para o Brasil, se não puder vir na ocasião... faremos tudo, a senhora não terá despesa alguma...”

Corcoran Gallery

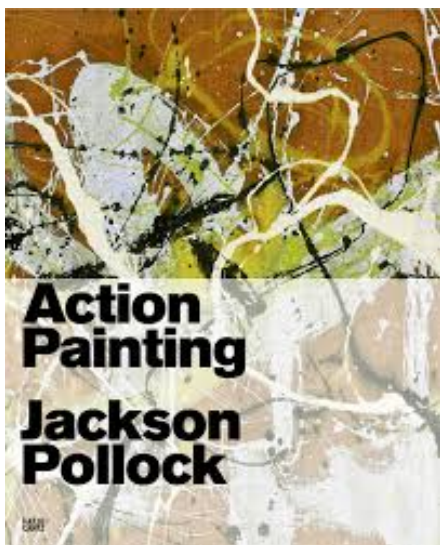
A Corcoran Gallery tem duas correntes de arte. Uma acadêmica e outra moderna. Mr. Forsytle é o professor moderno. Tem um processo de ensino todo pessoal, e está me mostrando alguns slides de sua coleção. Mostra-me trabalhos de alunos e eu vou separando alguns para levar para o Brasil. Ensina na Corcoran, no meio

de acadêmicos, deve lutar contra a corrente, aí. Por isso mesmo, procura aperfeiçoar seus processos de ensino. Conto-lhe sobre Sister Madalena, e seu ensino ultramoderno de arte. “- A senhora é de sorte! Correr tantos museus e escolas, ver tantas coisas! Sou americano e ainda não tive esta oportunidade”. Mr. Forsytle dá-me endereços em N. York. Conhece gente lá, já expôs também em Greenwich Village. Agora é professor da escola mais tradicional de Washington. Lá, ensinaram os acadêmicos, em tempos passados, e ainda ensinam, até hoje. Corri a escola, vi os trabalhos. Há professores que ensinam aquele processo antigo de Chambelland e Oswaldo Teixeira! No meio deles, impondo, com a força renovadora de uma arte nova, está o jovem professor Charles Forsytle. Usa colagem, fotos, diversos meios de procurar inspiração. Das fotografias o aluno tira apenas os planos, transformando-os em elementos abstratos. Bom exercício de composição e combinação de cores. Há também aquele processo de se jogar tintas sobre o papel, deixando as cores escorrerem. O aluno repete o exercício umas cinquenta vezes. No final, o resultado deve ser bom. Não há o perigo de se viciar, de se ficar preso a um ensino tradicional. Não sei se Mr. Forsytle dá aulas para principiantes. Seu método deve ser bom para aqueles que já têm algum treino de desenho. Com uma disciplina de branco e preto e uma segurança preliminar, o aluno naturalmente compreenderá melhor esta liberdade de improvisar, e deixar que o acaso colabore na sua criação artística.



7 de março de 2016

VIAGEM AOS EUA IV



Fotos: internet

Trecho do meu diário de viagem aos EUA em 1961:

Greenwich Village – NY

Greenwich Village é o bairro existencialista de N. York. Copiam o Montmartre de Paris. Lá se veem homens barbados e mulheres de longos cabelos, literatos e artistas se misturam à boemia da cidade. À tarde, depois do lanche, a praça está cheia. Estudantes levam sanduíches para comer na grama, fazem da imensa Washington Square um enorme pátio de recreio. Sentam-se ao longo dos bancos circulares, discutem problemas, estudam. Vi um estudante atentamente lendo alguma coisa ao meu lado, e tomando notas. “Introdução à Filosofia”. É lá que fica a Universidade de N. York. Lá também os artistas costumam alugar ateliers para trabalhar durante o dia. Reúnem-se à noite no Cedar Bar, junto à Universidade, para trocar ideias e beber. Há artistas que vêm de longe para participar do ambiente de inspiração que o Village lhes

dá. Percorro a Washington Square, pensando como podem as opiniões serem tão diferentes. Prefiro uma quadra mais autêntica da imensa Washington Square. Há uma cerca para separar as crianças dos grandes. Os grandes lá estão, mostrando a “pinta” de gente diferente. As crianças não os veem, brincam inocentes no cercado de areia. Sujam as carinhas, constroem castelos. Cabelos ruivos, narizinhos sardentos, como são lindas as crianças americanas! Aquele pequenino acabou de comer areia, a mãe vem socorrê-lo correndo. A mãe é pintora e minha colega na Art Students League. Será que estas crianças, quando crescerem, vão ser também existencialistas? Bato uns slides da turma de guris, da miniatura do Arco do Triunfo, do povo sentado lendo.

James Brooks

Marcaram-me um appointment com Mr. James Brooks. Mr. Brooks é o autor da célebre frase que citei no meu trabalho sobre arte.

“A superfície da tela é o ponto de encontro daquilo que o pintor conhece, com o desconhecido que ali aparece pela primeira vez.”

É um dos melhores artistas americanos, e tem atelier neste bairro modesto e pobre de N. York. Tomo um táxi para não ter de atravessar a pé as ruas. Há bêbados e homens discutindo, e eu prefiro parar exato onde preciso descer. Mr. Brooks espera-me às 3 horas. Foi avisado da minha visita. Às 3 horas em ponto, estou tocando a campainha de baixo. O Studio fica no 3º andar. “- Are you Mrs. Andrés?”. Mr. Brooks está à minha frente, leva-me por aquelas escadas enormes até seu atelier. Nunca vi um Studio tão grande! Há quadros empilhados nas paredes, painéis enormes, e os últimos desenhos sobre a mesa. Mr. Brooks mostra-me tudo, pergunta sobre o Brasil, interessa-se por minha exposição. Gosto de conhecer artistas, de ver de perto como trabalham. É melhor e mais interessante do que ver os quadros dependurados no museu. Oferece-me café feito por ele, na hora, conta um pouco do movimento artístico de N. York. “- Sou do Texas, mas há muito moro aqui. New York é o centro para onde convergem artistas vindos às vezes de todas as partes do mundo”. Os artistas do leste e oeste americano têm um estilo completamente diferente. Notei isto nas minhas viagens. Aqui em N. York predomina a escola de Pollock, Hoffman, De Koonig, Stamos e Brooks. São violentos, expressivos, completamente informais. James Brooks pertence à categoria dos informais, suas fases são firmes e conscientes e há uma certa unidade entre elas. Todo o itinerário de sua pintura está aí nos quadros

que me mostra. Este itinerário será publicado em livro brevemente. Mr. Brooks é polido com as senhoras, como todo americano. Desce comigo as escadas, leva-me até o ponto mais próximo de ônibus. “Vou levá-la até a Broadway, não convém que ande sozinha por aqui”.

15 de março de 2016.

VIAGEM AOS EUA V - TREINO DE GUERRA



Fotos: arquivo pessoal

Relato de uma experiência nos EUA em 1961.

Isto de guerra me apavora. Hoje, abri por acaso a gaveta da mesinha, havia um anúncio em letras enormes “Quando as sirenes da Defesa Civil tocarem, aqui está o que fazer”.

1º alerta – contínuo, ininterrupto som de sirene por 4 minutos, significa ataque inimigo provável. Evacuar a cidade, sair imediatamente de onde estiver. Seguir o tráfego. Ir de automóvel.

2º ataque sem aviso – nenhum som de sirene. Um brilhante, luminoso foco, o mais brilhante que você já viu. Você terá apenas poucos minutos antes que o choque chegue. Deite-se debaixo da mais pesada peça de mobília, ou se não houver, deite-se no chão, a face voltada para a parede, longe da janela e dos vidros.

Continua uma série de medidas preventivas, inclusive depois de passado o ataque atômico. Se sair à rua, lavar logo o corpo, trocar de roupas e se livrar de tudo que possa estar exposto à radioatividade. Escutar o rádio para instruções, não ligar o telefone...

Este anúncio pôs-me pensativa e impressionada. Quanta coisa pode acontecer e eu aqui, sozinha! Lembrei-me de que San Francisco sofre terremotos, meu corpo se arrepiou. E, se aparecer um agora comigo, eu que desenhei tantos terremotos e explosões! Por falar em explosão, outra coisa veio perturbar meu sossego. A explosão do Boeing 707 na Bélgica foi algo de tremendo. Estava em N. York quando as patinadoras se exibiram no ringue, fazendo louco sucesso. Vi-as na televisão e agora, coitadas, estão mortas...

Sempre me senti tão segura no jato! Agora passarei a ter medo deles também. A situação tem sido de medo e tensão esta semana.

Este é o primeiro treino de guerra a que assisto. Estou no quarto fazendo as malas. Colocar as coisas em ordem para a viagem final é mais difícil do que se pensa. Falta espaço, excede o peso. Estes pequenos problemas absorvem-me por completo. Nem escuto o rádio ligado. Há muito tempo que estão falando, falando. De repente, uma frase mais clara soa aos meus ouvidos. “Quando as sirenes tocarem, procurem os abrigos”. Ordem do presidente Kennedy em Washington. A Baía de Porcos tinha sido cercada por ele e o presidente russo avisou que poderia fazer uma retaliação tendo Nova York como alvo. Fico parada escutando. Um arrepio corre-me pelo corpo, lembro-me daquele anúncio de S. Francisco. Antes que eu possa pegar o telefone e indagar na portaria, as sirenes já estão tocando, tocam insistentes, sonoras, como um longo gemido. Da janela, posso ver as ruas em baixo. A cidade movimentada de N. York está em completo suspense. Ninguém se mexe. O povo se comprime à entrada dos subways, embaixo dos toldos. Há alguém querendo tomar um táxi e os guardas impedem. A imobilização tem de ser geral, ordem vinda de Washington. O rádio parou também, apenas a angústia da espera, e esta sirene, tocando, tocando...

Não aguento ficar sozinha no meu quarto. Subo correndo as escadas para o 7º andar, onde mora o casal de brasileiros. Lá estão eles à janela, espiando. Não estão assustados, sabem que é apenas um treino de guerra. Depois de meia hora, a cidade se movimenta novamente. A vida volta ao ritmo normal e eu desço para acabar minhas arrumações. Graças a Deus, já estou me preparando para voltar! ...

21 de março de 2016.

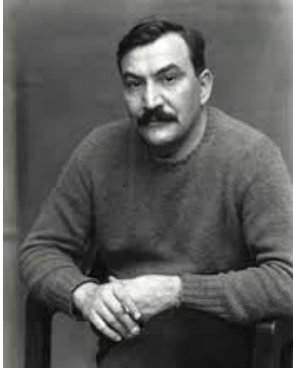
VIAGEM AOS EUA VI - STAMOS E ART STUDENTS LEAGUE



Fotos da internet

Escrevo de dentro do Boeing da United Airlines. Vim de 1ª classe, assentos confortáveis, melhores que a minha viagem do Brasil. Expectativa. O Boeing ainda não levantou voo. Enorme campo, coberto de neve, somente a pista, limpam para a aeronave subir. O sol do poente, muito vermelho, levanta-se no meio da fumaça e da neve, como as manchas de um quadro de Stamos. Vi este quadro ontem numa galeria em New York. Enorme campo branco e no meio do espaço manchas dramáticas de vermelho, alaranjado. Igualzinho ao quadro de Stamos, um dos maiores expressionistas, americanos.

Resolvi frequentar um curso noturno de arte na tradicional Art Students League. Fico admirada de ver tanto academismo nas paredes e nas salas. Vou passando depressa pelos corredores, até atingir a sala de Mr. Stamos. Mr. Stamos é um dos poucos professores modernos da escola. Conheci-o de longa data, através de um catálogo que o consulado americano me enviou no Brasil há um ano. Aquele quadro vermelho e negro, com um grande espaço branco, impressionou-me de início. Mr. Stamos tem consciência do que faz. Considerei-o o melhor dos pintores americanos por aquele catálogo. Considero-o ainda o melhor da costa leste. Tem uma capacidade de síntese impressionante e extraordinária força de expressão. Agora, virei estudante. Sou sua aluna. O State Department abriu-me uma verba de 100 dólares. Posso gastar 80 em material de pintura, os 20 restantes são para a escola. Comprei um stock novo de tubos e telas. Esses tubos, enfileirados dentro da caixa, dão-me uma certa alegria de viver. Com a ajuda deles, posso me expressar, isto me dá uma emoção logo de entrada. A sala é iluminada com enormes lâmpadas, cercada de prateleiras. Milhares de estudantes trabalham aí. Veem-se restos de papéis sujos de tinta, os cavaletes são imundos de tintas, as portas são sujas de tinta. Há tintas e quadros por todos os lados, quadros modernos, expressionistas, sem o controle e a disciplina da nossa conhecida escola brasileira. A pintura vem à tona espontânea, saindo diretamente do pincel para a tela, sem o estudo prévio de um croqui. Fico observando os colegas e começo também a pintar. Tenho as tintas à minha frente, uma tela enorme para ser usada. Posso gastar 80 dólares de material. Quero usar cores bem claras, para não ser chamada de decorativa. Não quero ser decorativa, quero ser expressiva. Pinto o espaço pensando nos imensos voos que dei. Não são mais navios, são céus, céus americanos, guiados por mãos brasileiras. Estou contente de começar a ser livre. Agora, posso pintar sem o medo de errar. Posso pintar livremente, sem a medida da régua, do espaço dividido geometricamente, e, engraçado, uso, às vezes, o pincel como Guignard me ensinou, há anos. Ponho duas, três cores, e faço o pincel rodar. As aulas de Guignard voltaram à tona, depois de tantos anos. Os alunos me observam, mas não tenho medo. Mr. Stamos ainda não viu meus quadros. Vem duas vezes por semana para criticar. Reúne em círculo os alunos, e um por um, são observados os quadros. Faz a crítica, dá sugestões – não toca no quadro, nem dá



pinceladas para mostrar. Critica, apenas – depois pede sugestões aos alunos. Depois de uma hora de crítica, retira-se e deixa a turma sozinha.

As aulas de Theodorus Stamos influenciaram a minha pintura. O meu abstrato informal passou a ser mais livre e corajoso. Depois dessa viagem aos EUA em 1961, passei a pintar diretamente em grandes telas, sem estudos preliminares. (Trecho do diário de viagem aos EUA, 1961).

28 de março de 2016

VIAGEM AOS EUA VII – MINHA EXPERIÊNCIA COM A “ACTION PAINTING”



Fotos: internet

Transcrevo abaixo trecho de minha viagem aos EUA em 1961:

Acabei de pôr em liquidação as telas inacabadas. Meus colegas americanos disputaram a herança de minhas coisas. Dei duas telas esboçadas para um, a lata de terebintina para outro; o terceiro ficou olhando e me pediu a chave do armário. Com a entrega da chave na portaria, tem direito a receber dois dólares de reembolso. Foi uma despedida feliz.

Turma desinibida, esta! Pintam loucamente, sem complexo, telas enormes. Não existe a preocupação da tinta, nem do preço do material. As cores são atiradas na tela a jato, sem o cuidado de um croqui preliminar. Mr. Stamos faz questão do quadro ser pintado, não desenhado. A forma é o próprio quadro depois de pronto. As cores têm de vibrar, as pinceladas devem ser livres, espontâneas. Gostei da maneira. Precisava há

muito deste contato com gente corajosa, para largar o medo de enfrentar a tela de um jato. Nunca imaginara poder me embrenhar em semelhante aventura. A aventura de falar diretamente, sem intérprete, para a tela branca. Consegui com facilidade me fazer expressar. Não sei se meus quadros estão bons, são grandes tentativas de libertação. Os colegas interessam-se por meus problemas. Perguntam onde aprendi a pintar, um deles, o mais caladinho e tímido de todos, veio indagar, num intervalo, se não teria, por acaso, estudado em Paris. Morou em Paris muitos anos, estudou com André Lhote. Há o americano que já esteve na 2ª Grande Guerra, e lá conheceu um brasileiro; há o argentino baixinho que briga e brinca como uma criança com aquela loirinha da turma. A loirinha é bonita e jovem, casada com um engenheiro, o marido veio buscá-la outro dia, na escola. O argentino tem um Studio em Greenwich Village e pinta o dia inteiro. Não trabalha fora, mas a esposa trabalha. Agora, anda às voltas com a loirinha. Tive vontade de avisar a pequena, mas não tenho nada com isto, o melhor é ficar calada. O monitor da turma pinta quadros deprimentes em fundo negro. Já dançou no carnaval do Plaza Hotel, em N. York, ficou encantado com a animação do brasileiro. Coisa de louco! Para demonstrar, puxou cordão com o argentino dentro da sala. O argentino é fã da música brasileira. Assobia samba o tempo todo. Aquele ruivo de cabelos compridos chama-me de little lady. Espantam-se da minha produção em massa. Resolvi dar as duas telas para aquele que já esteve na guerra. É dedicado à pintura e parece não ter muito dinheiro. Pinta quadros pequeninos, poupa as tintas. Ficou encantado com a herança.

Aqui em N. York predomina a escola de Pollock, Hoffman, De Koonig, Stamos e Brooks. São violentos, expressivos, completamente informais.

James Brooks pertence à categoria dos informais, suas fases são firmes e conscientes e há uma certa unidade entre elas. Todo o itinerário de sua pintura está aí nos quadros que me mostra. Este itinerário será publicado em livro brevemente. Mr. Brooks é polido com as senhoras, como todo americano. Desce comigo as escadas, leva-me até o ponto mais próximo de ônibus. “Vou levá-la até a Broadway, não convém que ande sozinha por aqui”. (Trecho do diário de viagem aos EUA, 1961).

VIAGEM AOS EUA VIII - SAN FRANCISCO, CALIFÓRNIA



Fotos: internet

Transcrevo abaixo trecho do meu diário de viagem aos EUA, em 1961:

Esperava-me no aeroporto uma americana de 30 anos, muito gentil e despachada. Tomou-me metade dos pacotes, saiu andando na frente até o seu carro estacionado no aeroporto, resolveu tudo para mim. Enquanto rodávamos em direção ao hotel, ia apreciando a paisagem noturna e recebendo o primeiro impacto com aquela maravilha de luzes e curvas, que é a cidade de San Francisco.

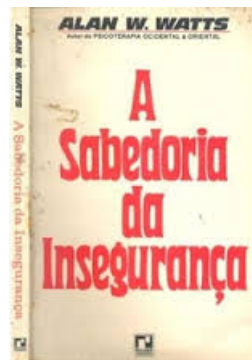
Já havia apreciado por cartões e fotografias, mas não há como ver com os próprios olhos. Não há como viver e poder sentir a cidade de perto. San Francisco é chamada a Paris da América, recebe muito da cultura européia, misturada com o espírito oriental. As lojas e vitrines são bem arranjadas, gosto francês nos manequins. Flores por toda a cidade, colorido de matizes diversos, perfumes, alegria de primavera. Um contraste completo, sem a tristeza do leste e suas terríveis tempestades de neve. Este foi um domingo cheio de surpresas. Havia um *appointment* marcado com o pintor Ralf Du Casse. Conheci Ralf Du Casse quando estive no Brasil em 1956. Estive lá em casa, com Mário Silésio, Lúcia e Antônio Joaquim de Almeida. Lembro-me bem dele. Mas já me avisaram em Washington que ele mudou muito. Sofreu um acidente enquanto pintava um mural. Teve fraturas nos dois braços, precisou fazer plástica no rosto. Recebi um telefonema dele ontem, a voz muito alegre “Welcome to San Francisco, Maria Helena!” Queria saber se eu poderia mesmo ver seus quadros. O *appointment* foi marcado, acho melhor quando é assim, pois o horário é cumprido religiosamente. Às duas horas, já estava ele no hall do hotel. Desconfiei que só podia ser ele.

Estava esperando uma reação minha. Tornou-se muito feliz quando disse tê-lo reconhecido. Levou-me até seu estúdio, mostrou-me os quadros um por um. Vai fazer uma exposição em San Francisco agora em março. Os quadros estão fresquinhos, o cheiro de tinta chega até o corredor. São enormes, 2 metros de altura por 1 metro de largura. Formas abstratas em fundo branco, um abstrato informal, mais lírico, mais limpo, mais cuidadoso. Pinta as formas sobre a tela, sem um estudo prévio. Depois vai cuidando delas, acrescentando detalhes à composição. Alguns são extremamente poéticos e têm certa influência oriental. Chamei-lhe a atenção disto e ele me disse que de fato esteve o ano passado no Japão. Mr. Du Casse reage contra o expressionismo do leste. Contra Hoffmann e seus filiados e também contra o concretismo matemático, cheio de medidas e regras. Suas formas são leves, luminosas. São decididas, abraçam o espaço branco da tela como mundos que se desvendam. Gostei muito. A turma de pintores do Pacífico é extremamente diferente do expressionismo furioso dos pintores do Atlântico. Engraçado, eu estou podendo fazer este julgamento. Mas a minha viagem me proporciona também, além de tudo, o prazer de comparar. Estive em Washington e N. York, agora em Seattle e S. Francisco. Parece que os daqui são mais comedidos, refletem mais quando pintam.

Volto a olhar a paisagem. A Califórnia deve ser o celeiro do país. São campos e campos cultivados; enquanto neva no Leste, o homem planta e colhe aqui. Faz gosto ver como tratam da terra. Estamos agora em Watson View, célebre por suas plantações de morangos. Do outro lado cultivam espinafres, peras, maçãs. Da janela, estou vendo o panorama. Estamos perto de algum campo de aviação. Não vejo o aeroporto, vejo os jatos no céu. Deixam um traço reto no espaço, como uma enorme cauda de fumaça. Um na frente, deve ser dos Boeings 707, muito grande; outros menores, atrás. Um já fez uma curva para descer. Quando se está lá dentro, não se percebe que vão tão depressa. (Trecho de diário de viagem aos EUA, 1961)

11 de abril de 2016

VIAGEM AOS EUA IX - SÃO FRANCISCO E O ORIENTE



Fotos: internet

Transcrevo abaixo trecho do meu diário de viagem aos EUA em 1961:

Hoje os brasileiros devem estar no auge do carnaval. Aqui nem se fala nisso, mas é feriado nas escolas por ser aniversário de Lincoln. Marcaram-me um encontro com Mrs. Swanson, para correr a cidade. Mrs. Swanson pertence à categoria das senhoras voluntárias que se oferecem para acompanhar convidados em "tours". Levou-me no seu carro. Acompanhou-nos um casal vindo da Argentina. Ao me ser apresentado ele fez questão de mostrar um cartãozinho com o seu nome e as credenciais "Deputado de la Nación". Gente muito importante, pensei. Percorremos a cidade. Fomos a todos os recantos pitorescos, percorremos colinas, estacionamos em lugares altos para ver a vista. A paisagem é deslumbrante, lembra muito o Rio de Janeiro, tive saudades do Brasil quando vi os navios chegando. Saudades da minha terra e das belezas que também possuímos... Os navios não vêm da Europa, mas da Ásia. São navios japoneses, filipinos, chineses, indianos. Vêm de longe, trazendo coisas diferentes que serão misturadas à cultura ocidental para dessa mistura fazer uma só civilização. Mrs. Swanson foi muito gentil. Mostrou-nos recantos maravilhosos, levou-

nos a parques e jardins e fez-nos descer no jardim japonês para poder apreciá-lo de perto. Tudo ali é inspirado no Japão. As flores, os pequenos lagos, os quiosques e templos. No meio da vegetação, imagens de Buda e outros deuses, tudo disposto com carinho e arte. Havia muita gente visitando o parque, por ser feriado.

São 9 horas da manhã e estou voltando da igreja de St. Mary, situada em China Town. Estou em jejum e procuro um lugar para tomar meu breakfast. Enquanto isso, vou olhando as vitrines. Paro em quase todas. O oriente me fascina. Como tudo é estranho, misterioso, os menores objetos têm um cunho de beleza e arte! Vou andando cada vez mais para dentro de China Town. As lojas estão fechadas por ser domingo. Mas posso ver as coisas através dos vidros. Penso nas meninas. Gostaria de tê-las agora comigo, para juntas correremos as vitrines. Tem tanta coisa para se ver! Meu sapato faz um barulhinho esquisito na calçada, comprei-o há dias em San Francisco, parece que tem o salto de metal. Quando entrei na igreja, precisei andar nas pontas dos pés para não fazer barulho. Mas, aqui na rua chinesa, divirto-me em escutar o barulhinho que eles fazem na pedra: toc, toc, toc.

Relendo este texto, tomei consciência de que meu fascínio pelo Oriente foi estimulado por essa viagem à Califórnia. Em São Francisco existia uma enseada chamada Sausalito, onde morava Alan Watts, autor de vários livros espiritualistas e muito conhecido no Brasil. Lembro-me de um dos seus livros “A sabedoria da insegurança”, onde ele propõe uma simplicidade voluntária. Alan Watts morava num barco em Sausalito e tornou-se “o guru dos hippies”. Vários mestres da Índia criaram comunidades na Califórnia, entre eles Yogananda e Krishnamurti.

18 de abril de 2016

REFLEXÕES SOBRE A GUERRA E A PAZ



Fotos da internet

O vento agita a legião de bandeiras em frente ao edifício das Nações Unidas, onde são discutidos os problemas do mundo. Nos grandes salões da ONU, alguns

homens debatem os problemas da humanidade. Distribuem responsabilidades, marcam fronteiras, determinam os direitos humanos.

Representantes de todos os países ali se reúnem, defendendo cada um os interesses de seu povo. Traçam-se os destinos do mundo. Através de filmes, projeções, teipes, painéis fotográficos, publicações, telas, o visitante toma conhecimento de todas as misérias que afligem a Terra: a pobreza, as injustiças, a fome, as doenças, as guerras.

Sente-se o sofrimento do nosso planeta, suas lutas e conquistas, seu progresso e o quanto de sacrifício e dores este progresso exige. A paz é reivindicada através de acordos, discursos, polêmicas, no grande tribunal das Nações Unidas.

Naquela casa, que recolhe os problemas mais angustiantes da humanidade, a sala de meditação é o momento de silêncio. Oferece-nos, sob outra forma, a paz que se pretende alcançar e que é objeto de intermináveis reuniões. E ela não é discutida em voz alta, nem assinada em atas. A sala é tão pequena que não se permite a entrada de muita gente. Não se fala nem se escuta, sente-se o silêncio. Uma estranha emoção nos invade quando penetramos nesse ambiente escuro, desabitado, onde as coisas são percebidas devagarinho, à medida que nos costumamos com a penumbra. As sombras não nos deixam perceber de uma só vez as cores do painel abstrato ao fundo. Uma pedra retangular no centro da sala convida à introspecção. Um raio luminoso projeta-se sobre ele, vindo de um pequeno orifício no teto. Aquela luz de paz, vinda do alto, tem a pureza de uma revelação. É como se essa luminosidade, penetrando pela fresta, atingisse nossa percepção, fazendo-nos refletir sobre nós mesmos, o significado da vida, nossa condição na Terra e o silêncio que virá depois. Abre-nos para o absoluto.

Na ONU, os dois grandes painéis de Portinari *Guerra e Paz*, mostram em sua monumentalidade, os contrastes humanos. De um lado, cores sombrias e formas dramáticas identificam a guerra e suas consequências: a tristeza e luto, a violência e a dor. Do lado oposto, o colorido dos amarelos e laranjas predomina na alegria das crianças e no otimismo do trabalho do homem. Entre a luz e a sombra, as cores frias e quentes, Portinari resumiu a vivência de nossa época.

Por que tanta luta e violência, tanta crueldade e ambição? O futuro de todo homem é encontrar um dia o silêncio e a eternidade. No edifício das Nações Unidas de Nova York, a sala de meditação é o encontro com a paz interior.

4 de julho de 2016

DIÁRIO DE VIAGEM AOS EUA-1961

Recebi um convite do Consulado Americano em Belo Horizonte: tinha sido escolhida como artista e professora de arte para visitar os Estados Unidos num programa cultural denominado “Comitê de líderes e especialistas”. A programação, de janeiro a maio de 1961, incluía visitas a escolas de artes, museus, galerias e contatos com artistas de vanguarda da época. Como poderia eu aceitar uma viagem internacional com uma família de seis filhos? Fiquei em conflito com essa ideia, mas meu marido, Luiz Andrés, com a sua grande compreensão, me estimulou a aceitar o convite. “Você deve ir, vai ser bom para a sua carreira. Pode deixar que eu tomo conta das crianças”.

Dia de exposição é um dia cheio. Ninguém imagina o quanto de cansaço e emoção nos acompanha este dia. Os flashes aqui começam cedo. Desta vez, coincidiram com um programa na televisão. Tive de ir para lá às duas horas, nem ao menos almoçar pude. Fiquei nos chás e torradas por falta de tempo. Apresentaram-me a um brasileiro encarregado de me entrevistar. Perguntas relativas à exposição e às minhas viagens, para serem televisionadas na América do Sul, grande propaganda para mim. De todas as impressões, depois de passado o movimento, ficaram os flashes na lembrança. Os focos luminosos deslumbrando a sala, pessoas, pessoas, pessoas. TV, fotografia para jornais, cinema. Tenho de fazer pose, fingir que explico um quadro, sorrir, ser fotografada de perfil. As pessoas me rodeiam. Algumas vieram de chapéu, outras, não... Os quadros lá estão, na parede à mostra. São apertos de mão, abraços, muitos nomes para guardar e uma infinidade de olhos em cima de mim. Tenho de falar inglês, português e castelhano; às vezes, falo português com um americano e inglês com um brasileiro. A colônia brasileira compareceu em peso. Não faltou ninguém.

Muito americano, também, alguns chapéus e eu com o meu na cabeça. Não tive tempo de me arrumar direito, o jeito foi enfiar o chapéu. De tudo ficam a lembrança dos flashes e a dor nos pés.

22 de fevereiro de 2016

VIAGEM AOS EUA - WASHINGTON

Janeiro 5

Não saí ainda do hotel desde a hora em que cheguei a Washington. Cheguei tão exausta da viagem que não me foi possível aceitar qualquer programa ontem. Felizmente, a Instituição que me convidou compreendeu perfeitamente, já estão acostumadíssimos a receber estrangeiros nesta situação. Deixaram-me descansar à vontade. Meu quarto tem banheiro ao lado, com água fria e fervendo e aquecedor interno, “um biombo prateado que exala vapores quentes e faz um barulhinho de chuva o tempo todo”. Televisão, telefone, colchão de mola e uma janela envidraçada, de onde posso ver a paisagem urbana de Washington. Escrevo da cama, sobre o catálogo de telefone, porque a mesinha é tão perto do aquecedor que é impossível a minha permanência lá. A viagem pelo Boeing 707 da Varig, classe turista é um verdadeiro show. Cheguei com sono e não me foi possível dormir um minuto. Desde o início começou o ritual de bordo: a aeromoça sorridente distribuiu aos viajantes pequenas ofertas que lhes seriam de grande utilidade durante a viagem. Em primeiro lugar, sapatilhas de Jersey para descansar os pés dos sapatos de bico fino, um pequeno estojo para toalete contendo pente, escova de dente, pasta, desodorante, dois carretéis de linha e até um vidrinho de perfume. Ganhamos também uma máscara preta para vendar os olhos e dormir. Mas, quem disse que se podia dormir? Logo de início serviu-se a ceia. Garçons a rigor empurravam carrinhos de bebidas variadas, desde o Whisky escocês até o nosso bem brasileiro guaraná. Cada poltrona tinha uma mesinha presa às costas que servia, quando esticada, de suporte às bandejas dos viajantes de trás. Não se comia no colo, como nos vôos domésticos. Colocava-se a bandeja em cima da mesa, com todo o conforto. Serviram caviar, lagosta, roast-beef,

presunto, churrasquinho, acompanhado de salgadinhos variados. Depois, caldo de galinha, sandice, peru e presunto, aspargos e frios sortidos. Mastigamos até às duas horas da manhã. Houve então um silêncio a bordo, desligaram a música e os passageiros se esticaram para digerir aquela ceia. Esqueci de dizer que a única diferença entre a classe turista e a especial era que a classe turista comportava três bancos juntos em lugar de dois; quer dizer, o passageiro teria de suportar o ronco e os assuntos de dois vizinhos. Felizmente os meus eram um casal de americanos residentes no Rio e falando perfeitamente o português. Meu assento era o do corredor, o do americano era junto à janela e sua mulher no centro, ao meu lado. Não pude ver a paisagem noturna devido à distância, mas em compensação fiquei mais à vontade para ir ao reservado. Tudo era luxo naquele avião, e no reservado a descarga transformava a água numa espuma azul, como se contivesse OMO na caixa!

Chegamos a New York com atraso de uma hora, devido a uma escala em Trinidad.

Vesti-me com todos os agasalhos disponíveis e mesmo assim sentia as mãos duras de frio. O rádio de bordo anunciava seis graus abaixo de zero. A descida do avião constituiu para mim o primeiro impacto, o primeiro mergulho no desconhecido. O frio cortava e o vento castigava o rosto e as pernas desprotegidas. Eu vestia um tailleur xadrez tão elegante para o inverno brasileiro, com apenas um manteau por cima... Como invejei os homens que estavam de calças compridas! Enfim, numa corrida, estávamos novamente em ambiente interno, no aeroporto. Escalaram para meu cicerone um senhor de meia idade, parecido com o Vitório de Sica, do cinema italiano. Falava um inglês pausado, especialmente indicado para receber visitantes estrangeiros. Ajudou-me a carregar um dos casacos e a mala grande, deixando para mim apenas a maleta. Desde o início tive boa impressão, pois os funcionários do projeto são escolhidos a dedo - polidos, falam devagar, carregam as malas e procuram livrar os convidados de problemas com a alfândega. Meu rolo de desenhos teve de ser aberto em público e minha mala revirada, mas não houve maiores aborrecimentos, devido ao apoio daquele funcionário. Fiquei muito tranqüila quanto ao meu inglês que funcionou com grande precisão e mereceu um elogio do cicerone – “You speak english very well”! Não sei se falam o mesmo para todos os convidados, mas de qualquer

forma, senti mais segurança para me desdobrar na língua. Pelo menos não passarei aperto.

Tomei um avião para Washington num aeroporto perto (não precisei pagar condução para lá) e seguiram no mesmo avião alguns brasileiros que viajaram comigo do Rio. A viagem para Washington, num dia de sol, é uma beleza! Afastei-me dos brasileiros e sentei-me sozinha num banco da frente, onde poderia melhor apreciar a viagem. Em baixo a neve cobria trechos dos campos deixando em outros lugares apenas a consequência do frio. Parecia um grande painel abstrato em cores de cinza, ocre e branco. Nem um palmo de terra sem cultura. Tudo cortado, arado, retalhado pela mão do homem. Do alto tive a impressão de pequenas fazendas e povoados. Depois de uma hora de vôo, já nos encontramos voando sobre a capital americana. De entrada, tive ótima impressão. Ordem, serenidade. Muitos carros coloridos, especialmente carros vermelhos. Telhados e casas cor de tijolo. Veio esperar-me um americano alto. "I'm looking for a lady". Naturalmente a lady convidada era eu. Não paguei taxi nem carregador: o cicerone se encarregou de toda a minha bagagem.

Janeiro 7

Hoje conheci a cidade, juntamente com um grupo de estrangeiros. Logo após nossa chegada aos EUA, somos enviados ao International Center, para uma adaptação ao novo país. Lá estavam todos os neófitos da semana, chineses, indianos, argentinos, alemães... A única brasileira era eu. Indicaram-me um assento ao lado de um turco, da Turquia mesmo, não da Síria. Ele indagou muito sobre o Brasil, nossos costumes e religião, bem como sobre a diferença entre o protestantismo e o catolicismo. "Porque tantas seitas?" Tive de explicar que "eles" os protestantes é que se separaram da igreja.

Fazia parte do programa correr a catedral de Washington. Os protestantes não usam santos na igreja. Suas capelas são nuas, sem adornos. Aquela que estávamos percorrendo só poderia ser católica. O aspecto geral era de uma catedral medieval, nos moldes europeus. Tudo importado: santos, vitrais, abóbadas, ogivas. No centro uma cruz enorme de ouro, cravejada de pedras preciosas e ao fundo um grupo de santos ladeando a figura de Cristo. Não os santos conhecidos, mas os santos de todas as religiões, conforme nos explicou o guia. Ajoelhei-me, fiz o nome do Padre e foi então

que notei a falta do Sacrário. Indaguei do nosso cicerone. “Will you please tell me, is this a Catholic church?” “No, madam, it is a protestant one”.

Tive de explicar ao meu vizinho de ônibus, maometano, que a diferença estava no espírito e ritual de cada religião, mas não no aspecto exterior das igrejas. Quanto mais se vive, mais se aprende. Fiquei conhecendo uma catedral protestante por dentro. Para meu espanto a única diferença das igrejas católicas é a falta do Sacrário. O aspecto, arquitetura, decoração são idênticos.

Corremos todas as principais avenidas e ruas de Washington, sempre com o nosso cicerone a nos orientar. Usando um microfone, ele irradiava a descrição de todos os monumentos, embaixadas, igrejas e parques. Não vi a embaixada brasileira. Mas como terei de ficar em Washington por duas semanas, ainda terei tempo de encontrar o embaixador e esposa. Washington é uma cidade linda. Ruas largas, bem traçadas, casas em estilo normando, as fachadas quase sempre de tijolo descoberto. Enormes mansões de gente rica, embaixadas monumentais. Pouco movimento nas ruas, gente calma, tudo em ordem. Tudo azul, como diz o cabineiro do hotel. Em Washington o povo vive em paz.

Gostei de ver as crianças saindo das escolas. Um bando de saias coloridas, de botas e meias de lã, com capuzes e golas de pele. Pareciam bandeiras de todas as nações enfileiradas. Não consegui reparar se havia uniforme na escola, só sei dizer que as saias eram bem coloridas, xadrez e os paletós cada um de uma cor. A criança americana é linda, muito bem vestida, pelo menos no inverno.

Janeiro – 8 (sábado)

Hoje foi meu primeiro feriado nos EUA. Sábado é o dia dos americanos saírem para o weekend. Passam fora o fim de semana, somem das ruas, dos “drugstores”. Tudo fechado à tarde como acontece no Brasil. Só agora comecei a reparar na tristeza de um dia de sábado! Aqui não tenho minha família, meus filhos, estou sozinha. Felizmente Célia Roscoe está morando aqui. Célia foi amiga de infância, dos tempos de colégio. Está agora em Washington com o marido e filhas, residindo por dois anos. Convidou-me para almoçar. Reside num bairro afastado, onde se encontram as mais belas residências de Washington, as embaixadas. Almoço brasileiro, com arroz, feijão para matar saudades. Também para matar saudades da nossa língua natal.

Convidaram-me para um passeio em Baltimore, distante de Washigton uma hora. As crianças ajeitaram-se atrás e eu fui na frente com o casal. Nos EUA os carros são enormes!

Andamos por estradas belíssimas, ladeadas de gramados e residências confortáveis no mesmo estilo de Washington. O americano de Washington assemelha-se ao nosso paulista. Não em atividade de trabalho, mas na maneira de saber apreciar o conforto de uma grande e espaçosa residência. As casas não tem muro de separação. São divididas por jardins e grupos de árvores. Não se vê gente nas ruas, nem figuras às janelas. Tudo fechado, como se ali não penetrasse ninguém. Ao longo das estradas que conduzem a Baltimore há muito movimento de carros, carros novos, confortáveis. Os americanos não se utilizam por muito tempo de seus carros. Quando saem de moda ou estragam o motor, o seu destino não é a oficina como no Brasil. Vão para um depósito de carros usados, um verdadeiro cemitério. Alguns ainda em bom estado, poderiam ser remendados e causariam a alegria de muita gente no Brasil... Enfim, cada um sabe de si, talvez paguem tanto por um conserto que preferem jogá-lo fora a apodrecer e enferrujar nos cemitérios das estradas. Ao longo do nosso caminho, encontramos alguns cemitérios de automóveis...

Baltimore é uma cidade antiga, casas sujas e enorme bairro residencial de negros. O mar calmo e silencioso, na tarde de sábado, tem a mesma beleza triste de Washington. Algumas crianças patinam, de gorros coloridos e roupas de inverno sobre o lago gelado. Um bando de pombos repousa sobre a superfície sólida. Atravessamos o parque. O inverno anula por completo a possibilidade de se encontrar alguém nas ruas. Bancos vazios, silenciosos, as árvores completamente despidas de folhas, tudo parado. Ainda assim é de uma beleza impressionante. Fiquei maravilhada com o parque de Baltimore coberto de neve na tarde de inverno.

Domingo - 8

Comecei o dia com a televisão tocando música religiosa, um coro muito bonito e entoado de uma igreja protestante. Aqui existem oito canais diferentes e desde cedo podemos assistir uma programação variada. Muito filme de cowboy, alguns filmes de longa metragem, e, aos domingos, música sinfônica. Se não fosse a televisão não aguentaria a solidão do meu quarto de hotel. Ela ajuda a distrair, trazendo imagens

variadas, diferentes, alegres ou tristes, mas imagens. Temos a impressão de que não estamos sozinhos. Estou me familiarizando com os programas e, enquanto isto, treinando o inglês. Célia e Maurício ajudaram-me novamente a passar o domingo. Levaram-me à missa e depois à casa do Dr. Fernando Lobo, embaixador do Brasil em Washington. Sua casa abre-se regularmente todos os domingos, de 12 às 14 horas, para um cafezinho bem brasileiro servido aos brasileiros itinerantes ou permanentes. Lá estava o high society brasileiro de Washington. Entreguei os cartões de Juita e do Dr. Wladimir Murtinho. A embaixatriz é irmã de D. Santinha do Dr. Ivan Ferreira. Muito gentil, sabe receber com uma hospitalidade fora do comum, tendo um sorriso amável e encorajador para todos os convidados. Prometeu-me conversar com o marido sobre a possibilidade de me patrocinarem uma exposição em Washington na União Pan Americana. Se isto acontecer, poderei deixar os quadros aqui e seguir viagem tranqüilamente.

Segunda - 9

Fui incorporada ao grupo do “International Center”. Cada um se levanta e diz em inglês, em poucas palavras, o que veio fazer nos EUA e o que faz em sua terra. Gente de todas as partes do mundo: Coréia, Filipinas, Japão, Indonésia, Iugoslávia, etc. Na maioria homens, uns 80 homens. Além deles quatro moças filipinas e eu. Levantei-me sem jeito para dizer o que pretendia. “I’m an artist. I want to see museums and art schools in the United States.”

“We are glad to have an artist among us” respondeu o conferencista. As profissões são as mais variadas possíveis, todos convidados ou estudantes do Departamento de Estado, bem como de outras entidades. Confraternizam-se povos de raças e costumes diferentes. Alguns pertencem à cortina de ferro, aos países dominados pelo comunismo. Outros a regiões distantes, das quais muitas vezes nem ouvimos falar. Troquei poucas palavras com o representante da Iugoslávia. Queria indagar mais sobre o seu país, mas não houve o tempo necessário para satisfazer minha curiosidade. Admirei-me de encontrar pessoas de um país comunista em plena capital americana e, ainda mais, a convite do governo!

A afluência de estrangeiros esta semana foi tão grande que tiveram que separar as salas para as conferências. Uma turma de médicos brasileiros participou do nosso programa. Alguns deles viajaram comigo do Brasil.

Um deles especialmente, parecido com Marcelo C. Christo, veio com a esposa. Era um dos bolsistas do Ponto quatro. Falavam muito pouco o inglês e a funcionária do International Center fez-me apertar todas aquelas mãos, na esperança de que eu me tornasse intérprete deles. Quanto a mim estava interessada, sim, em descobrir que jeito deram para esbarrar aqui, mas não seria muito conveniente perguntar. Limitei-me a poucas palavras e preferi ficar junto às moças filipinas que são uns amores... Aquelas carinhas risonhas, de olhos apertadinhos (diria todas japonesas) são de uma simpatia fora do comum. Residem no Hotel 2400, perto do International Center e pagam três dólares cada uma para um quarto coletivo. Tudo isto fiquei sabendo, mas preferi continuar no meu mesmo. Pago quatro dólares e meio, mas fico sozinha, sem companhia e mais à vontade. Espalho minhas coisas do jeito que quero, ligo a televisão ou escrevo, sem que ninguém venha me perturbar. Às seis e meia vieram me buscar no hotel. Mr. and Mrs. Raul D'Eça. A propósito, preciso urgente comprar um chapéu. A senhora Raul D'Eça entrou pelo saguão a fora toda encapotada e risonha. Usava um chapéu não me lembro de que cor, mas, de qualquer forma, um chapéu. Perguntou-me se estava bem agasalhada. "O frio lá fora está de bater os queixos!"

Descemos juntas até o carro aquecido. Dr. D'Eça quase não mudou nada: a mesma simpatia e serenidade dos tempos de Belo Horizonte. Levaram-me a um hotel em Virgínia, longe da cidade, muito grãfino. Lembra o interior de um transatlântico luxuoso. Na piscina gelada, crianças e jovens trajando roupas apropriadas deslizavam sobre os patins. Alguns mais ágeis chegavam a dançar e ensaiar passos novos. Das janelas do restaurante do envidraçado observa-se o espetáculo de inverno. Para mim aquilo era realmente um espetáculo maravilhoso. Não tirava os olhos dos patinadores. Dr. Raul estava louco por novidades. Perguntou-me por todos, Guignard, Mario Silésio, Estevam. Vejo que tem um carinho especial por Belo Horizonte onde esteve sete anos. Fizeram-me comer quase um frango inteiro, sopa e ainda por cima torta de maçã com sorvete. Foi a primeira vez que comi bem em restaurante nos EUA. Também já aprendi, tenho de pedir boiled chicken, nada de beef. Depois levaram-me para correr a cidade. A residência de Kennedy e os grã-finos americanos está situada em

Georgetown, o mais antigo bairro de Washington. São casas coloniais conservadíssimas e pintadas de fresco. Levaram-me para ver por fora a embaixada brasileira e a cidade com os principais monumentos.

Janeiro 10

O programa do International Center focalizou hoje o tema política. Cheguei atrasada ao centro, não assisti à conferência. Mas participei de uma excursão em conjunto ao Congresso e ao Senado, sempre com o cicerone a nos guiar. O ônibus saiu superlotado. Visitamos o Capitólio em estilo greco-romano, de uma suntuosidade fora do comum, diretamente importada da Europa. Tudo conservadíssimo, claro, como que pintado de fresco. No Supremo Tribunal assistimos a uma sessão entrando devagarinho nos bancos de trás. Debatiam uma questão. Discutiam. Tudo novidade para mim que nunca estivera antes num tribunal. Não me interessei pelo assunto.

Preferi dar uma volta e entrar noutra sala, a biblioteca, onde se encontrava em exposição grande número de gravuras modernas. Foi a primeira coleção que vi sobre arte. Mas terei de voltar lá sozinha. Os visitantes tinham fome, não se interessavam por arte. Entrei pela primeira vez numa cafeteria. Servem o que o freguês escolhe, num bandeirão. Escolhe-se o alimento que está exposto na vitrina, escolher com a vista é melhor do que dar um palpite no escuro e receber um feijão com geléia, por exemplo. Comi com apetite - estou precisando de calorias. Caí na besteira de só comer sandwiches e minhas calorias baixaram - senti isto hoje. Tive de vestir dois casacos, o de pele e outro por cima. Depois do almoço trocamos de prédio. Fomos ao Senado. Lá estavam também os senadores discutindo, quase brigando. Assistimos a sessão das torrinhas e podíamos perfeitamente ouvir os discursos, um democrata e outro republicano. A oportunidade de assistir a uma sessão de senado foi a primeira para mim. Entramos em seguida na sala da câmara, situada no mesmo prédio. Enorme, espaçosa com quase 200 lugares para deputados. Infelizmente não os encontramos lá. O guia nos explicou que são eleitos por dois anos, mas pelo legislativo, não pelo povo. Um pouco diferente da nossa, a democracia Norte Americana.

Janeiro - 11

Hoje aconteceu-me o que se podia imaginar de triste para uma iniciante em viagens internacionais. Foi quando o velhote do hotel me deu a conta - 35 dólares - Abri confiante a bolsa à procura do meu cheque. Não estava lá. Revistei tudo, voltei ao quarto assustada. Corri todos os papeis, um por um... Era um envelope grande, não poderia ser dobrado. Como sumiu da minha bolsa? Um mistério.... Quem ousaria furtar um cheque do tesouro?

A dona do hotel veio me ajudar. Revistamos tudo, papel por papel, desejei ardentemente estar na minha terra, devo ter perdido anos de vida nessas poucas horas. Tranquilei o hoteleiro. Tenho dinheiro meu. Pagarei as despesas..., mas, como avisar ao D.E.?

Com que cara telefonaria para o Mr. Carnahan, sempre tão delicado e amável? Fui à Varig para ver se estava lá, se havia deixado em cima da mesa, quando retirei os papeis do reembolso. Não haviam achado. Há um homem na Varig que fala bem o português. Pedi-lhe para telefonar ao Mr. Carnahan e explicar a situação para mim. Depois eu mesma falei. Mr. Carnahan tranqüilizou-me por completo, a senhora será reembolsada, não se assuste. O cheque está em seu nome. Pior seria se tivesse perdido dinheiro.... Riu com aquela displicência do americano. “Teve muita sorte de perder o cheque...” não terá o menor perigo! Senti-me aliviada. A garganta estava tão seca que exigia imediatamente algum refresco. Ao lado da Varig há uma cafeteria. Entrei para tomar um “orange juice” - Já cheguei ao hotel com outra cara. Mr. Carnahan enviará Miss Mariassy para me visitar. Pensaram que eu falhara ao meu compromisso de me encontrar no International Center por estar doente. Mandaram a mocinha em visita de cortesia.

Hoje o secretário da embaixada brasileira em Washington veio me procurar no hotel a mando do embaixador Fernando Lobo. Levou-me até a União Pan Americana a fim de entrar em contato com o organizador das exposições. A princípio o sujeito pôs dúvida, estamos com tudo tomado até agosto. “Essas coisas têm de ser programadas com grande antecedência...”

Havia levado comigo uns cinco desenhos em pastel. Abri-os para o homem ver. Estendi-os pelo chão a fora. Aos poucos o homenzinho foi se interessando: Usted save minha senõra, temos um salão menor que será inaugurado em fevereiro com uma exposição de fotografias. Quem sabe poderíamos fazer a sua lá? Deu-me um papelório

para encher. Resolveu tudo para mim, não será preciso despesa nem trabalho. É só estar presente à inauguração...

Janeiro - 12

Deram-me entrada para o teatro de Arena. Nunca havia assistido a um espetáculo de arena. As arquibancadas se estendem em forma circular, deixando no centro a área livre para a representação como se fosse um circo. Os artistas se locomovem livremente, fazendo parte da platéia. São como personagens reais, não figuras estudadas. Talvez por isso, o espectador tem a oportunidade de participar mais ativamente da cena, porque o drama se torna real, extraordinariamente real...

Passaram “Seis personagens à procura de um autor” de Pirandello, peça vibrante, um pouco angustiante até. Quando a artista gritava mais alto, eu quase morria de aflição na platéia. Entendi bem o inglês. Alguma palavra que me escapava era substituída pela mímica dos personagens. Achei interessantíssimo. No intervalo, estava no corredor tentando tomar um pouco d’água, quando um senhor de idade se aproximou, ajudou-me a encher o copo (como sempre, eu ignorava como se abria a torneira) e perguntou-me de que nacionalidade era - Sou do Brasil – A senhora é brasileira? Permite que a apresente à minha esposa? Ela é espanhola, gostaria muito de conversar com uma brasileira. - Pois não, respondi, achando graça como os americanos confundem o Brasil com os outros países sul-americanos descendentes da Espanha. Já não é a primeira vez que me perguntam se hablo espanõl. Aceitei ser apresentada à tal espanhola, uma senhora alta, simpática, de chapéu. Conversou muito comigo, eu em português, ela em castelhano. Conhece um bocado de artistas de Washington e vai apresentar-me a eles, na próxima oportunidade. Para completar, trouxeram-me ao hotel de carro. Gente amável esta americana! Como recebem bem os estrangeiros, como são gentis! Deram-me o endereço e nome - guardei apenas o sobrenome deles - Lyon - Quando voltar a Washington para minha exposição, já sei que poderei contar com eles. A senhora é professora na universidade de Harvard e ficou muito alegre em saber que eu também lecionei pintura no meu país. À noite, fui a um dinner em casa de Mr. Starcevic. Helen Starcevic foi minha aluna de pintura em BELO Horizonte. Trataram-me com grande amabilidade e a costumeira simplicidade do americano. Depois do jantar fui à cozinha ajudar a lavar os pratos. A cozinha americana

dispõe de conforto nunca visto. Tem máquina para engolir sobras de comida, máquina para lavar pratos e secar.... Os bolos, empadas, galinhas, pernis, já vêm do supermercado semi-confeccionados, e só enfiar no forno e deixar o tempo necessário. Tudo muito facilitado para substituir o elemento humano da empregada – “Maids” aqui são difíceis e cobram 10 dólares por dia. A dona da casa faz tudo e é ajudada quase sempre pelo marido, que se orgulha de saber preparar quitutes.

Mr. Starcevic foi por três anos o cônsul americano em BELOH. É uma figura simpática e simples. Levou-me para ver o supermercado, mostrou-me tudo, tudo. Entende muito de cozinha e fiquei conhecendo uma infinidade de temperos e latarias que o americano usa diariamente. Aprendi muito.

Janeiro – 15

O costumeiro cafezinho do domingo é o lugar onde se reúnem os brasileiros de Washington, na residência do embaixador Fernando Lobo. Celia Roscoe veio me buscar no hotel. Chovia e nevava um pouco, mas assim mesmo lá estavam reunidos os brasileiros. O embaixador recebeu-me sorridente – “Seu nome está hoje em todos os jornais de Washington e do Brasil”. Levei um susto. Já estão fazendo os preparativos para a minha exposição, pensei. Quando os brasileiros expõem, toda a colônia se une para prestigiar. Aliás as notícias do Brasil são muito divulgadas aqui. Mr. Starcevic ontem, perguntou-me se havia recebido um prêmio, no mês de dezembro.

- Como soube? perguntei.

- Pelo New York Times - Lemos a notícia, na ocasião e ficamos muito contentes.

Imagine, receber um prêmio em Belo Horizonte e a notícia sair no New York Times...

Segunda-feira

Os convidados do Departamento de Estado, tem aqui regalias nunca vistas. Os appointments por eles marcados, são observados à risca. Recebem os visitantes como príncipes. Mr. Carnahan enviou-me hoje a Mrs. Mitchell da Corcoran Art Gallery. A galeria estava fechada por ser 2ª feira, mas, para alguém indicado pelo departamento, as portas se abriram. Corri a galeria acompanhada da tal senhora Mitchell. Levou-me a ver tudo e eu pude dar os meus palpites com franqueza. Naturalmente procurei enxergar o que tem de melhor, não ver defeitos. Lá estavam os pintores americanos

reunidos em Bienal. Uns 200 quadros, lembrando o nosso Salão de Arte Moderna. Muito tachismo e informal. De concretismo só um, assim mesmo fraquíssimo. O júri premiou com \$ 2.500,00 dólares três quadros figurativos, que a meu ver não eram os melhores. Enfim, cada um tem seu gosto... Só deixei a galeria às 11 horas da manhã para almoçar com Mrs. Betty Ann Craig. Muito simpática, levou-nos a um restaurante perto do Departamento de Estado, onde estavam alguns brasileiros também reunidos para o almoço.

À tarde veio novamente procurar-me no hotel o Secretário da embaixada brasileira em Washington, Sr. Luiz Almeida Cunha. Ficou entusiasmado com os meus desenhos em pastel, acabei dando-lhe um de presente. Já conhecia meus trabalhos do Salão de Arte Moderna do Rio de Janeiro, mas esta última é a melhor, segundo seu ponto de vista. Fiquei muito contente, de saber, porque sei que é entendido em assuntos de arte e costuma escrever para o jornal do Brasil. Seria ótimo se ele pudesse estar aqui por ocasião de minha exposição, mas, infelizmente, embarca para a Bélgica daqui a três dias. Levou-me a ver a Phillips Collection, uma das melhores de Washington. Já ouvira referências sobre ela em casa de Mr. Starcevic. Um casal de ricos americanos resolve comprar quadros célebres de pintores modernos, e depois de possuir uma coleção caprichada, abre as portas ao público. Ali estão reunidos os impressionistas franceses, desde Daumier até Renoir, Degas, Bonnard. O Renoir que têm é monumental, de uns dois metros de comprimento, "Le déjeuner des Canotiers". É um quadro alegre, festivo, cheio de cores. Impressionou-me mais do que a "Menina com o regador" da National Gallery. Desfilei pelas salas atapetadas, descobrindo os quadros já conhecidos por fotografia. Ali estava Rouault com "Christ et le docteur", uma verdadeira maravilha. A sala de Rouault é sombria como se fosse uma boite, móveis escuros, parede forrada de jacarandá preto. Os quadros com focos de luz surgem como vitrais na penumbra da sala. São todos iluminados e com isto ganham um aspecto diferente da galeria de Washington. Tornam-se mais bonitos e valorizados. A galeria é pequena, mas agradável, tem sofás confortáveis em frente aos quadros. A sala de Klee é uma verdadeira jóia. Mr. Phillips soube escolher os quadros com grande unidade. Klee ali é representado em várias fases, mas com o mesmo colorido, o que dá um conjunto agradável, bem arranjado. Passei ali muito tempo. Uma das melhores salas é a de Braque. Os quadros também se harmonizam no conjunto em cinzas e

ocres. Sala repousante, uma das melhores representações do cubismo. Ao chegar ao hotel, já quase às 6 horas da tarde, encontrei dois cartões do American Council marcando appointments. Um deles é justamente para visitar a Galeria Phillips. Voltarei lá amanhã.

Terça-feira.

Voltei à Galeria. Acompanhou-me desta vez um americano indicado pelo American Council. Correu tudo, comigo explicando em inglês quadro por quadro, contando a história de cada um. O americano deve ser graduado e antigo funcionário da Galeria, pois conhece tudo. Lá pelas tantas apareceu em cena um senhor de idade, muito falante. Era o próprio Mr. Phillips em carne e osso. Apresentou-me a ele. Aproveitei para elogiar-lhe o bom gosto de escolher o melhor de cada grande artista. E também o bom gosto do arranjo, admirável cuidado em dispor os quadros, procurando sempre valorizá-los. Não sei se irá, mas não vou me esquecer de convidá-lo para minha exposição.

Quarta-feira.

Recebi um cartão – “Espere na portaria do hotel às 4 e meia, Mr. Houlihan. Você está convidada a jantar com eles. Moram em Falls Church, Virginia e têm seis filhos”. Esses convites não podem ser recusados. Não é da praxe. Aprontei-me depressa e descii. Às 4 e meia em ponto Mr. Houlihan já estava à minha espera. Apresentou-me a um outro senhor e tomamos o carro para Virgínia. Virgínia é o estado vizinho de Washington, separado apenas pelo rio Potomac. A estrada é linda, paisagem de inverno, um crepúsculo semelhante a um quadro de Miró, com um sol avermelhado e achatado. Andamos meia hora e já estávamos em Falls Church. A casinha de Mr. Houlihan assemelha-se a uma pequena igreja de campo. Toda branquinha, no meio da grama acinzentada, ladeada de árvores secas e neve. Mrs. Rebeca Houlihan esperava-me toda arrumadinha, de coque, avental por cima do vestido para mostrar que a cozinheira era ela própria. Nada de cerimônias. Colocaram-me sentada a um canto do sofá e logo vieram as menorzinhas me cumprimentar. “How are you? I like your collar... My name is Carol, and yours?”

Achei linda a simplicidade daquela família, a limpeza da casa e a boa educação das crianças. Antes do jantar todos fizeram o nome do Padre e rezaram em conjunto. São católicos praticantes. Perguntaram muito sobre o Brasil, nossos costumes, religião, governo.

E, para não faltar à regra, se eu falava espanhol ou o que.... Preferi continuar no meu inglês. Entendem-me perfeitamente, sem maiores explicações. Estou progredindo bastante, daqui a pouco estarei fazendo até discurso em inglês.

Deixaram-me no hotel às 10 com milhões de agradecimentos e votos de que eu voltasse lá mais uma vez "with my husband".

Quinta-feira - 19

O secretário da embaixada do Brasil telefonou-me se despedindo. Seguirá amanhã para Bruxelas. Ajudou-me bastante com as apresentações que me fez aos artistas e galerias de arte. Pediu-me para enviar-lhe fotografias dos quadros para publicar num livro sobre arte brasileira que está escrevendo. Cedo, fui buscar meu cheque no American Council of Education. Precisava pagar o hotel e, até hoje, estou gastando só meu dinheiro. Lá fiquei sabendo que tenho o direito de comprar \$100.00 dólares de material de pintura e livros. Saí contentíssima. Fui trocar o cheque e depois à casa de tintas. Comprei papel, pastel, um papel veludo delicadíssimo, uma maravilha, uma pasta de plástico para carregar desenhos e mais uma dezena de pequenos apetrechos de pinturas. Gastei 32 dólares e voltei feliz para o hotel. Transformei meu quarto num pequeno atelier. Lá fora a neve cai incessantemente, cobrindo tudo de branco. Nunca vi um espetáculo semelhante. Tenho visto neve nas ruas e campos, mas neve de muitos dias, já suja de gasolina e óleo. A neve fresquinha, recém caída é uma maravilha! Cobre tudo, casas, ruas, automóveis. Os carros andam devagar, o povo nas ruas embuçado, de botas a casacos, toma um aspecto de personagens dos Alpes. O vento vai tocando os flocos por cima das pessoas. Ficam também cobertinhas de branco. Não é possível andar muito tempo sem procurar um lugar aquecido para se aguentar o próximo quarteirão.

20 de Janeiro

Inauguration day, ou Kennedy's como falam os locutores da televisão.

A cidade amanheceu clara, cheia de sol. Nas ruas a neve, misturada com óleo e gasolina, estraga a constante limpeza de Washington. Nevou muito ontem. Uma verdadeira tempestade. Assim mesmo os democratas não deixaram de se animar. Nosso hotel encheu-se de índios. Caras morenas, feições endurecidas. Quase todos pesando mais de 100 quilos!.. Tivemos aqui chefes de várias tribos, falam o inglês corrente, usam medalhões de prata e ouro para identificar talvez a sua posição social. De manhã cedo já estavam preparados para o desfile, trajando roupas apropriadas. Desci para apreciar no hall do hotel o movimento. Um verdadeiro carnaval de cores e vestes bizarras. Não me animei a sair. Comecei a espiar o desfile pela televisão. A chegada de Kennedy e sua esposa e a ida ao Capitólio. Tínhamos um convite no International Center para assistir ao desfile, do Capitólio. Mas, com a tempestade de ontem, nem fui buscar o meu convite. Da televisão via-se e ouvia-se melhor. Kennedy impressionou pela clareza e precisão de seu discurso.

“Ask not what your country can do for you, ask what you can do for your country”. Frase célebre, que ficará nos anais da história dos Estados Unidos e na lembrança de quantos puderam assistir de perto a cerimônia. No meu andar, ao fundo do corredor tem um quarto desocupado. Um quarto chic, granfino, de 10 dólares por pessoa. A janela do fundo dá para a Pennsylvania Avenue. As empregadas do hotel chamaram-me para assistir ao desfile da janela. Via-se tudo perfeitamente. Desfilou o exército, a marinha, os foguetes lunares, os tanques de guerra. Depois, símbolos representativos da vida norte-americana, da antiga colônia aos tempos modernos. Carros coloridos, espalhafatosos, uma infinidade de alegorias. Por fim os índios em massa, sacudindo os cocares e mantas coloridas. Alguns montavam búfalos, (de longe parece um enorme boi felpudo e bem tratado). Passei horas apreciando o desfile, até cansar. Tive muitas saudades dos meninos. Muito mais do que eu, eles apreciariam este “Inauguration day”

Sábado - 21

Finalmente consegui levantar-me, a tempo do passeio a Mount Vernon com o International Center. Sábado passado necessitava urgentemente ir ao cabeleireiro e

tive de falhar. Sairam dois ônibus com os estrangeiros. No meu só havia orientais, japoneses, filipinos.

“What country you came from? perguntou o japonês meu vizinho, num sotaque terrível, quase impossível de se adivinhar. Sempre tem de perguntar isto, já é de praxe; e, também se hablamos espanhol. Mas o japonês meu vizinho dificilmente falaria outra língua que não a sua. Falava um inglês batido, como um ruído de máquina de escrever. Compreendo perfeitamente os americanos, mesmo quando falam depressa, mas este japonês estava difícil de aguentar. Custei a adivinhar o seu vocabulário. Quando paramos em frente ao túmulo do soldado desconhecido, ele recusou-se a descer. - Thei kilt me piplu - I dont like tem”. Adivinhei que ele deveria guardar rancor de todo soldado americano. Esteve na guerra, sua casa foi bombardeada, perdeu tudo. Apesar de estar aqui em visita e gostar do povo “Thii are kind piplu”. Outros japoneses desceram para ver. Quem sabe, mais jovens, não tenham sido tão profundamente marcados pela guerra... Talvez fossem crianças, na ocasião... Japoneses, americanos, filipinos, indianos, todos reunidos na mesma viagem a Mount Vernon, onde morou George Washington. Tudo guardado com carinho e conservado para ser visto por turistas ou bolsistas, crianças de escola e americanos. Aprende-se muito lá. Museu histórico, como o nosso de Petrópolis, conservando todos os objetos usados pela celebridade morta, até rendas de punho e chinelinhos amarelados pelo tempo. Todo um capítulo da história da América alí está conservado. Outro capítulo nós o vimos também antes de Mount Vernon quando estacionamos dentro do cemitério dos soldados. A neve branquinha colorindo a terra e milhares de marcos representativos. Cada marco tem gravado um nome. São todos iguais do mesmo tamanho, da mesma pedra. Não há maiores nem menores. Do outro lado do mundo, no Japão, deve haver também um cemitério semelhante. E foi por isso talvez, que o japonês meu vizinho recusou-se a descer.

Domingo - 22

Acordei hoje meio desanimada. Três feriados seguidos! Os feriados são o meu flagelo. Custa a aguentá-los. A saudade aumenta quando me vejo sozinha no quarto. Coloquei o retratinho das crianças na moldura de espelho. Um grupinho lindo, tirado pouco antes de sair. O que estarão fazendo agora? Estarão em Entre Rios ou nadando

no Lareira? Custa a acreditar que alguém possa nadar com este frio! Estamos exatamente com oito graus abaixo de zero! Para sair tenho de calçar botas, meias de lã, calças compridas e por debaixo ainda as bermudas de D. Malisa. Lá no Brasil, tão longe, minha família veste roupas leves e se queixa do calor. Como tudo é diferente no mundo! A mudança é radical. O clima, a língua, os alimentos, os costumes.

Tenho que me conformar a viver fisicamente como vive o povo que me cerca, embeçar-me para afrontar o frio, comer o que eles comem, falar o que eles falam. Mas, espiritualmente sinto-me completamente ausente. Estou profundamente ligada a meu povo, minha família, meu marido e filhos. Cada dia que passa, sinto mais presente esta realidade. A distância, os cenários diferentes, as solicitações diversas, as amigadas passageiras não conseguem apagar o que realmente nos dá estabilidade na vida. Não consigo compreender como certas pessoas podem viver sem esta estabilidade, sem este amparo espiritual. Meu quarto transformou-se em atelier. Espalho desenhos pelo chão, em cima da mala, na cama. As vezes avanço para o ladrilho do banheiro.

Serve também de prancheta, quando se torna necessário uma superfície dura e lisa. E vou deixando brotar o que ficou guardado dentro do meu subconsciente. Todas as impressões de viagem ali estão, talvez com mais sinceridade do que a expressão exterior, reescrita no papel, por palavras. A palavra é limitada, descreve até certo ponto o que sentimos. A arte nos envolve toda, nos transporta ao mundo desconhecido do inconsciente.

Tenho necessidade de desenhar agora. Uma necessidade maior do que de comer. Compro duas maçãs para substituir o jantar e vou para o silêncio do meu quarto. Lá fora a temperatura desceu a 8 graus abaixo de zero. Não sinto frio no quarto. A calefação rouba toda a umidade do ar e me faz transpirar de calor. Visto o pijama mais fresco que tenho, fico em casa com os meus papéis espalhados em desordem pelo quarto. E os desenhos vão saindo. Já produzi uma série, com material americano, muitíssimo superior ao nosso. Nesses momentos, consigo me esquecer de que estou sozinha, longe do meu país e do meu povo; de que lá fora as ruas são tristes e paradas, nesta noite de inverno. E que, amanhã, segunda feira, terei de me levantar cedo para visitar a Biblioteca do Congresso, “*appointment*” de Mr. Carnahan...

Segunda-feira - 23

Saí cedo para a biblioteca. Um senhor de meia idade veio me acompanhar. Levou-me a ver tudo o que não pode ser visto por um visitante comum. Quando disse que já estivera lá com o International Center, explicou-me que, como turista eu só vira as coisas de arquibancada, como num teatro. Nada de detalhes. Para provar a diferença da minha visita anterior com a de hoje, conduziu-me através de corredores e mais corredores de estantes. Nem viva alma lá dentro, só um ou outro funcionário e a visita oficial, que era eu. Interessei-me muito pelo processo de se transportar livros por um tubo. O livro é requisitado pelo interessado, colocado o pedido num papel e remetido através de uma cápsula para o interior de um tubo com elevadores e maquinismos especiais para o transporte mecânico dos “books”. Em 5 minutos, o livro pedido já está disponível e o interessado o conduz à sua certa. Alí poderá ler sossegado com o conforto de um abajur para cada lugar. Muito estudante, muita gente lendo, respeitando um silêncio absoluto. Têm edições de todos os jornais do mundo, qualquer notícia que se queira achar pode-se procurar, que aparece. Depois de cumprida a sua missão de guia, uma senhora simpática e também de idade levou-me ao segundo andar, onde está a 18ª exposição de gravura. Muita gravura moderna, algumas interessantes. Anotei o nome de uma Irmã professora de arte em Los Angeles. Sua gravura é das melhores da exposição. Como pretendo ir a Los Angeles em fevereiro, não perderei a oportunidade de procurá-la.

Janeiro - 25

Ontém levei meus desenhos para Mr. Carnahan ver. Chamaram-me ao escritório para determinar toda a minha viagem. Espalhei os desenhos pelo chão. Queria mostrar-lhe a diferença entre o material brasileiro e o americano. O papel brasileiro é áspero, custa a segurar o pastel. O americano é leve, parece mais um veludo. A demonstração deu resultado. Mr. Carnahan ficou encantado. Chamou todos os funcionários do American Council: secretárias, chefes e até o diretor. Fiquei inteiramente na berlinda. Abriram-me uma segunda verba de 100 dólares para comprar material de pintura, a verba destinada ao pagamento de aulas. Para mim, a viagem em si tem sido o melhor mestre. As experiências novas, o contato com outros artistas, outras idéias, a própria solidão em que me encontro, à noite, no hotel, tem favorecido os desenhos. Estão incomparavelmente melhores do que os que eu trouxe

do Brasil. Mr. Carnahan já começou a fazer propaganda da minha exposição. “São desenhos abstratos, mas inteiramente diferentes”, “Something new”, escutei-o falando pelo telefone com a diretora da Corcoran Gallery. Gostou, especialmente de um deles que lhe acabei oferecendo, de presente. Já vi que esta é a melhor lembrança que posso oferecer a quem me ajuda. E Mr. Carnahan tem sido muito paciente comigo. Poderei esquecer o dia em que perdi o meu cheque de 230 dólares, telefonei-lhe na hora de maior desespero e ele levantou-me o espírito por completo? – “Esteja tranquila, seu dinheiro será recuperado”. – “Você foi de sorte porque perdeu um cheque e não dinheiro trocado. Seu cheque só poderá ser recebido com passaporte, carteira de identidade etc.”. Foram palavras tranquilizadoras, cheias de bondade. O americano é um povo espontaneamente bom e amável. Já tenho tido oportunidade de apreciar-lhes esta grande virtude. Procuram ajudar as pessoas, são prestativos, indicam endereços para o transeunte perdido nas ruas. O estrangeiro aqui se sente em casa. E, no American Council especialmente, são amabilíssimos para com os convidados. “Queremos que você se sinta em casa, que tenha confiança. Estaremos aqui para ajudá-la no que for possível.” Com a perda do cheque fiquei muito focalizada, logo na primeira semana. Comentaram o fato, discutiram entre si, tiveram o máximo de paciência com essa pobre distraída “mother of six” que apronta confusão logo de entrada...

Agora, depois de mostrar meus desenhos, começaram a me “enxergar com olhos diferentes” Assim me disseram. Isto me anima bastante. E também, me anima a ideia de que posso vendê-los. “A senhora não deve distribuir seus trabalhos de graça, deve vendê-los”, aconselhou-me Mr. Carnahan. E pensar que eu viera do Brasil com a ideia da proibição de venda...

NEW YORK

Janeiro - 30

Cheguei ontem a New York. Viajou comigo no mesmo trem um brasileiro Rio grandense, que veio também a convite do Departamento de Estado. Mora em Natal, tem três filhos, também morre de saudades de casa. Ajudou-me bastante; desembarçou minhas malas, carregou a grande para mim. A chegada a New York é

um atropelo sem conta. A estação é subterrânea, fria e úmida, só depois toma-se o elevador para a plataforma em cima. Não há carregadores. Cada um toma conta de sua mala, se quiser. Daí a necessidade de se chegar com poucas malas. Lamentei secretamente o secador de cabelo que comprei em Washigton, o vestido de soirée, comprado a ultima hora no Rio, com sapato e tudo. Pelo visto, nunca vestirei tal vestido; só serve para encher mala. Pelo caminho vim imaginando um meio de reduzir ainda mais minha bagagem - Quem tem de ir a muitos lugares não pode absolutamente virar mascate. Não pode comprar coisas nem para a família, nem para ninguém. O transporte dessas coisas é um problema, sério e cacete. Imagine só se o tal brasileiro não estivesse no mesmo trem! Só de carregar minha maleta e a pasta de desenhos já fiquei com as costas doendo. Se tivesse de carregar a mala grande, não agüentaria. New York, à primeira vista, lembra o Rio. Logo de entrada, as ruas estreitas, sujas. Os táxis têm relógio, paga-se menos que em Washington. Enquanto rodávamos até o hotel, fui colhendo impressões. Gente apressada, andando pelas ruas, carros apressados, tudo em grande movimento. Numa esquina, num lote vazio, algumas reproduções de quadros modernos, em decadente estado de conservação. Deveriam ter sido expostos alí no verão, e abandonados à lei da natureza; depois, 50 cents. cada. Vi Gauguin, Lautrec, Cézanne, rasgados e sujos, no meio de uma confusão de arames e estacas.

Mas voltemos a New York. Deixemos o lote vazio com as reproduções coloridas de Gauguin e Cézanne. As ruas vão ficando cada vez mais movimentadas. O povo quase corre em massa, como se estivesse saindo de uma matinê em Belo Horizonte. Aquela multidão surge de todas as lojas, de todos os quarteirões. E pensar que cheguei num sábado, dia completamente morto em Washington! “Sábado aqui o comércio funciona do mesmo jeito, pelo menos no centro. E meu hotel fica mesmo no coração da cidade. Pertinho da Broadway. Pertinho de todas as lojas, de todas as compras que preciso fazer. O cearense vinha também para o mesmo hotel, enviado pelo D.E. Despedi-me dele à entrada do prédio, agradecendo o trabalho de me ajudar com as malas. “Logo na portaria, fui assaltada por uma brasileira. Estava eufórica com a minha chegada, louca para encontrar alguém conhecido. Ainda bem não tinha encostado as malas no chão e ela já queria saber em que quarto iria ficar, se era perto do seu, se

queria ficar no mesmo quarto para ficar mais barato, etc. Quase fiquei sufocada, as exclamações eram tantas e eu ainda estava atordoada com a viagem. Viajamos juntas do Brasil para cá. Depois ela foi para hotel diferente, não sabia meu sobrenome, cansou de me procurar em Washington. Está super deprimida, chora a noite inteira de saudades do marido e dos filhos. Escolhi um apartamento perto do dela. Chegara às três horas sem almoço. Ela também estava com fome esperou-me para irmos juntas a um restaurante. Depois levou-me a uma Grocery Store para defendermos logo alguma coisa para a noite. Assim não precisaríamos afrontar o frio para jantar. Comprei leite, duas maçãs e uns biscoitos. Desci à noite para pôr uma carta para o Luiz, depois saí com a tal senhora para dar uma voltinha pela Broadway. As lojas são alucinantes, os caixeiros querem vender a todo o custo. Entramos numa casa de artigos japoneses que vende também máquinas de retrato. O homenzinho queria de todo o jeito me vender e acabei comprando mesmo. Não me foi possível desvencilhar. Escolhi uma máquina japonesa de 10 dólares e ainda ganhei filme e a caixinha. Tivemos de sair depressa. O homem escutou meu nome, não sei como e começou a cantar em alta voz “Maria Helena és tu”! Devia estar louco ou bêbado, saímos depressa. Que, diferença de Washington! Lá o povo é calmo, sossegado, aqui dá a impressão que fazem de tudo um carnaval...

Janeiro - 30

Primeiro domingo em New York. Cedinho, ainda estava de pijama e já a Sra. Miranda me chamando. Você não vai à Missa? Já são 10 horas! Estou sem relógio, não posso calcular o tempo, sempre fico pensando que é mais cedo. Fomos juntas à missa de meio dia, numa igreja não muito longe do hotel. Encontramo-nos com duas outras brasileiras aqui também hospedadas. Mãe e filha. A mãe parece irmã da filha. Bonita, loura e simpática. Vieram para consultar. A menina sofre do ouvido. Aderiu a mim e à Sra. Miranda. Formamos uma turma de brasileiras. Quatro brasileiras em N. York. A Sra. Miranda cada vez mais saudosa, está de home-sick. Vive de idéia fixa. Quer voltar para o Brasil. Tento consolá-la inutilmente. Agora não é possível voltar atrás. Não é possível senão por motivo de força maior. Assim está escrito em todos os papéis. Só poderemos voltar por motivo de força maior. A outra senhora é mais alegre, já conheceu New York antes, sabe de todas as lojas, de todas as pechinchas. Vai me

ajudar nalgumas compras mais tarde. Estou fascinada com o comércio de N. York. Tenho vontade de comprar tudo o que vejo e a variedade é tentadora, são tantas e tantas coisas, tantas e tantas máquinas! Fico pensando nas crianças e nas encomendas. Já vi o rádio de Marília, estou à procura de um relógio para Ivana. Saímos as quatro brasileiras a ver vitrines. A tarde cada vez mais fria e ventosa. Andamos até o R.C.A. onde tem um ringue de patinação. Crianças e rapazes, moças e velhos, em sinfonia de cores, sinfonia de cores em movimento. Deve ser uma delícia deslizar sobre a neve.... Deixa sulcos no chão, faz um verdadeiro quadro abstrato em fundo branco.

Mas o frio cada vez piorava mais. Tivemos de deixar o ringue, os patinadores e caminhar para o hotel para não gelarmos. Entramos num drugstore e tomei um chá simples. Esquentou-me um pouco. Compramos maçãs e biscoitos. Este será o nosso jantar de domingo. Isto de se ter de sair à noite, só com muita coragem. O frio deve estar muitos e muitos graus abaixo de zero. Como é que este povo pode se divertir assim com esta temperatura? E pelo visto o povo não sai das ruas. Parece um verdadeiro formigueiro humano. São capas de pele, manteaux, botas, gorros coloridos, gente apressada, andando e correndo. Como podem ser tão extraordinariamente diferentes estas duas cidades, Washington tão calma, sem diversões, sem movimento, e aqui esta confusão? New York não é uma cidade bonita como Washington. O que tem de bonito em N. York é justamente o oposto da capital americana. É o movimento, a vida palpitando em cada esquina, em cada bar, em cada anúncio colorido. É gente entrando, saindo, gente se atropelando nas ruas. As moças andam excessivamente pintadas e sempre aos pares com rapazes. Entram nos hotéis, vão aos bares, não têm acompanhantes como no Brasil. Têm inteira e franca liberdade. Muitas lojas ficam abertas aos domingos. Não é possível mesmo sufocar o movimento da cidade. Há gente para todas as horas do dia e para todos os dias da semana.

Fevereiro

Passei alguns dias sem escrever. New York é uma cidade exaustiva, cheia de atrações e movimento. Os dias são poucos para dar conta do que tenho de fazer, são convites, almoços, cocktails. Até parece que sou diplomata. Nunca pensei ser tão bem recebida assim. Vim com uns cartõezinhos para os brasileiros da alta sociedade nova iorquina, gente do Itamaraty. Só o cartão do Wladimir Murтинho me abriu todas as

portas. Em Washington, facilitou-me a exposição na Pan American, em New York foi o maior trunfo para penetrar no consulado. O cônsul convidou-me de entrada para um drink. Comprei um vestido de lãzinha bem chic (quando lembro que deixei os meus no Brasil) e um chapéu de onça! A festa era no 8º andar. Receberam-me os pais do cônsul, dois velhinhos muito simpáticos. Deram-me um vinho de entrada. Chegara tremendo, batendo os queixos de frio, depois de haver sofrido uma descompostura do chauffeur por causa de gorjeta. Havia feito um penteado alinhadíssimo em casa mesmo. Tem uma garota no hotel filha da tal carioca minha vizinha, que é um talento para pentear cabelos. Saí como manequin francês. Eu mesmo admirei a minha transformação. Receberam-me como rainha. Fui apresentada a uns 30 brasileiros, todos no alto padrão do society. Falou-se muito na minha exposição. Fumou-se, o ambiente fechado cada vez abafava mais com a fumaça dos cigarros. E o povo falando, falando. Tive a impressão do estar no Brasil, nalguma festa granfina do Rio de Janeiro. Gente amável, esta de New York! Parece muito com a gente do Rio. Prometeram ir à minha exposição. Estão me apoiando muito aqui. Serei uma propagandista da minha pátria, que responsabilidade! Quando me olham e me aplaudem estão vendo em mim uma parcela da pátria. E, ao que parece, estão unidos para me ajudar. Fico comovida com esta situação. Não por minha parte, por vaidade, mas, simplesmente por estar representando o Brasil.

Fevereiro - 2

Saí cedo para um appointment com Mr. Carlenton Smith.

Há muito desejava revê-lo pois tem grande influência em N.York e é amigo dos brasileiros. Fui procurá-lo na Universidade, no Instituto Brasileiro. Moças, rapazes, estudantes, um formigueiro de gente e eu no meio deles; eu com a minha pasta de desenhos.

Mr. Carlenton recebeu-me muito bem. Lembrou-se da ida lá em casa. Não deve ter se lembrado do quanto me levantou o espírito aquela visita que me fez há dois anos atrás. São coisas que não aparecem, ninguém pode descobrir. Nessa ocasião, eu andava super deprimida, princípio de gravidez. Mr. Carlenton foi me ver com Lucia e Antônio Joaquim. Gostou muito dos meus desenhos, levou três deles.

Depois me escreveu um cartãozinho muito amável, desejando-me num próximo futuro expor nos museus de seu país. Lembro-me que sonhei muito com esta oportunidade. "Expor nos museus dos estados Unidos"...

aquilo me soava bem aos ouvidos, como uma brisa de esperança.

Esperança longínqua sem menor cunho de realidade... e agora aqui estou. Passaram-se dois anos apenas. Mr. Carleton envelheceu e engordou um pouco. Mas, a mesma calma e simpatia. Gostou muito dos novos desenhos, enviou-me ao Museu de Arte Moderna, com indicação para a secretária de Mr. Bark - o papa da crítica. Indicou-me também que procurasse a Galeria Sud Americana a dois quarteirões de lá. A Sud Americana é uma galeria simpática, meio subterrânea. Biombos pintados de preto, desenhos e quadros dependurados. Veio receber-me um senhor de idade, moreno, tipo sul americano. Não quis me valer de cartõesinhos. Quis experimentar se o dono da galeria "topava" ou não meus desenhos. Expliquei que viera do Brasil a convite do D. E.. Abri a mala, fui tirando os trabalhos e colocando-os com cuidado no chão para não sujar. Sr. Zegre, assim se chama o tal chileno, foi procurar seus apontamentos. A senhora poderá expor aqui, sem dúvida, estamos às ordens - Deixe-me ver, abril, não é? – Tenho outro artista em abril, mas transfiro as datas para colocar sua exposição, gostei muito de seus desenhos - "mui fino, mui belo."

Recolhi os trabalhos pensando em deixá-los de reserva. Já sei que tem boa vontade, agora é avisar D. Dora. Prometera ajudar-me antes de ver os desenhos. Só com a carta de Wladimir Murtinho e o convite do D.E., valorizou-me de início – "Quero ajudá-la, disse-me. Pode deixar por minha conta. Procurarei uma galeria para você".

Fevereiro

Saí, com um frio tremendo hoje para aceitar um almoço da Sra. Eurico Ponteadó, ministro junto à ONU. Vento frio, e uma chuvinha. Temperatura de 16 graus abaixo de zero. Parece que já me acostumei ao frio. Não desanimo, enfrento o gelo mesmo. Carreguei minha pasta para levá-la depois ao consulado brasileiro. D. Filoca é uma senhora simpática, muito fina. Serviu-me um almoço brasileiro e sem carne por ser 6ª feira, dia de jejum. Aqui os católicos jejuam toda 6ª feira mesmo sem ser quaresma...

Levei meus desenhos para D. Dora. Verifiquei que ela é a senhora mais atarefada do mundo. Não pára, recebe gente uma atrás da outra, os casos mais enguiçados e, sempre feliz, com um sorriso nos lábios. Sinto-me bem no consulado. Aquilo é um pedaço da minha pátria, solo brasileiro, Tudo arrumado com o bom gosto da decoração moderna brasileira, caras brasileiras de entrada. D. Dora parou suas atividades para me receber. Ajoelhou-se no chão para ver melhor os desenhos. Carregou-me de elogios. Escutei-a falando ao telefone com um americano: ela veio pelo D.E...

Não vai fazer exposição em qualquer lugar. Vou arranjar-lhe um lugar muito bom. Cheguei a ficar sem graça. Elogio demais encabula. Convenceu o rapaz a comprar um desenho. Assim será com os outros, penso. Escolheram os 10 melhores, para com eles procurarem uma galeria. Terei de ter despesas com a exposição, mas as despesas sairão da própria venda de quadros. E, vender não será difícil com D. Dora à frente...

Sai de lá tarde, debaixo de grande nevada. Mr. Silas, o comprador do meu desenho, acompanhou-me até achar um carro. Andar até o hotel seria impossível. Os pés se enfiavam na neve, escorregadia, neve fofa, recém, caída, como se estivessem andando sobre glace de suspiro. Não é ruim andar sobre a neve. Mas com botas e aparelhamentos próprios.

Fevereiro

New York não me dá quase tempo para escrever. Há muitos brasileiros no hotel, querem sair para fazer compras sempre que aparece oportunidade. Desenho menos que em Washington e não estou com um programa fixo aqui. Já era para ter ido embora desde sábado, porém a neve não me deixou. Fiquei bloqueada, sem poder sair. Não há ordem para aviões levantarem vôo, nem automóveis se locomoverem. A cidade parou um pouco o movimento, só os subways continuam sendo a única via de escoamento do povo. Entrar por debaixo da terra não tem problema. Não neva, não escorrega, não chove. Tudo continua normal. Nas ruas, a neve vai sendo retirada por tratores especiais. Para isto acumulam-na à beira dos meio fios. Chegam a formar pirâmides de metros de altura. À frente de cada porta, um caminho para os transeuntes. Saio assim mesmo com Dona Miranda para compras e jantar na cafeteria. Sinto-se bastante acompanhada, muito sem tempo, mas no meio de meu povo. Não é

como em Washington, que passei 25 dias sem quase falar português. Estou já aflita para seguir viagem. Isto de se ficar com malas prontas sem poder sair por causa do tempo é uma situação angustiante. Não se pode fazer programa fixo, e a idéia da viagem é um fantasma, com este tempo. Tenho o meu itinerário todo marcado para chegar a Washington dia 5; como há de ser? Hoje fiquei sabendo que tenho direito a 66 pounds em viagens de avião 1ª classe. Mr. Carnahan então conseguiu 1ª classe para mim! Lembro-me mesmo de vê-lo discutindo o assunto por telefone, procurando convencer o diretor que eu precisava levar bagagem, quadros etc. e não poderia pagar excesso. Mas não sabia que tinha conseguido. E andava preocupada em deixar coisas para não sofrer o peso depois. No entanto vou deixar uma mala aqui em N. York. O problema é a falta de carregador. Não posso me esquecer da minha chegada e do trabalho que o Prof. Melo teve para transportar a bagagem!

Não sei o que acontecerá aqui. A cara é a mesma do Brasil, não mudei nada. No entanto, todos me acham e consideram "jovem" aqui. No hotel de Washington, tratavam-me de lady, no American Council os americanos custaram a acreditar que eu tivesse seis filhos, "You d'ont look mother of six" disse-me um dia Mr. Carnahan.

"Mas por quê?" "You don't look, that is all"!!..

Mostro sempre o retratinho dos meninos, ficam admirados, quase não acreditam. Domingo em casa do Dr. Medaglia, disseram-me que estava pregando 1º de abril, não era possível eu ser mãe de seis filhos. Será que estou ficando mais moça mesmo ou é o meu espírito que rejuvenesce com viagens? D. Dora Vasconcelos se entusiasmou também com os seis filhos. Mostrei-lhe a penca de crianças ao meu redor naquele retrato do Estado de Minas e ela guardou para fazer propaganda. "Imagine! Seis filhos, todos fortes, bonitos, bem cuidados! Como consegue realizar tão bem as duas coisas?" Pensei comigo mesmo. Pergunte ao Luiz, ele saberá responder melhor...

Fevereiro 7

Escrevo de dentro do Boeing da United Airlines. Vim de 1ª classe, assentos confortáveis, melhores que a minha viagem do Brasil. Expectativa. O Boeing ainda não levantou vôo. Enorme campo, coberto de neve, somente a pista, limpam para a aeronave subir. O sol do poente, muito vermelho, levanta-se no meio da fumaça e da neve, como as manchas de um quadro de Stamos. Vi este quadro ontem numa galeria

em N. York. Enorme campo branco e no meio do espaço manchas dramáticas de vermelho, alaranjado. Igualzinho ao quadro de Stamos, um dos maiores expressionistas, americanos. A subida de um jato ou de qualquer outro avião é sempre uma expectativa. Aperta-se o cinto, não se fuma a bordo. O avião ganha distância enquanto sentimos um forte zumbido nos ouvidos. Não posso admirar a vista da janela. Há um senhor lendo um jornal. Para ele, não interessa a paisagem, apenas o jornal. Lê tudo, anúncios, artigos. De vez em quando cochila. Deve fazer habitualmente esta viagem de N. York para Chicago. Mas para mim tudo é novidade. O medo acabou depois que o avião ganhou distância da terra. Sinto-me segura, flutuando no espaço. Lá embaixo, a terra cada vez mais pequenina, coberta de neve. O avião parece parado, a paisagem dá a impressão de ser sempre a mesma. Um enorme tapete branco azulado a se perder de vista. Não se percebe de longe onde acaba a terra e começa o céu. Aqui em cima o céu é azul como no Brasil. Meu vizinho do lado virou três vezes as páginas do jornal, atrás conversam em inglês, “making money” fazendo negócios a bordo. O americano não perde tempo de fazer negócios. Vou parar um pouco porque já vem a aeromoça com um sorriso nos lábios. Vai começar a servir alguma coisa, não estou com fome, mas vou comer assim mesmo. Serviram um drink. Meu vizinho, como todo americano, foi muito gentil, ajudou-me a puxar a mesinha, propôs-me trocar de lugar para poder apreciar a paisagem, ofereceu-me o jornal que estava lendo. Enquanto olho a paisagem da janela ele dorme sono ferrado. Os americanos são espontaneamente polidos e simples. Volto à minha paisagem. Em baixo o lago de Michigan aproxima-se cada vez mais. Levo susto, será que vamos cair? Lago enorme, gelado, com frestas de água, como se a própria terra estivesse rachando. Depois a cidade de Chicago, enorme planície urbanizada, ruas paralelas, sem uma montanha, belas residências. Vista do alto sob a neve parece um enorme carimbo. Inteiramente diferente de Washington e N. York. Vejo umas malas iguaizinhas às minhas descendo e pensei: “como parecem com as minhas, tudo aqui é padronizado.

Tomamos o avião, novamente impelidos pelo jato a grande altitude, para de lá observar as luzes de Chicago brilhando em baixo. Luzes coloridas, faiscantes, um enorme tapete iluminado. "Illuminated city" Lembrei-me do título de meus quadros e as luzes de Chicago aproximaram-se de um terreno muito meu conhecido. Regressei em memória ao meu atelier e ao meu desejo de evocar em quadros a poesia de uma

cidade iluminada. Voamos agora, sobre montanhas e fazendas, meu vizinho explicou-me. Nenhuma luz. Apenas a escuridão da noite. Já estou cansada de voar. Não se sente nada, a estabilidade é perfeita, mas, são tantas horas! Parece que nunca mais iremos chegar! Meu vizinho apagou a luz e resolveu dormir. E eu, como não consigo dormir fico recostada ao banco, pensando. Lembro-me de toda a viagem, desde o Brasil, recordo minha família tão longe e tão saudosa. Meus filhos, meu marido. Meu vizinho tem 5 filhos e mora em N. York. Ficou muito admirado de saber que viajo por conta do governo de seu país. It's a very interesting thing! You are going to do a very nice trip..." Sim, uma bela viagem, mas como demora.... Chego o rosto a vidraça da Janela, bem pertinho. Olho para baixo, só um imenso abismo negro. Em cima, o céu coberto de estrelas. Nunca vi estrelas depois que cheguei aos States. A 1ª vez. E como brilham... O avião começa a jogar um pouco. Será que vamos cair? Se cair vou olhar pela última vez aquela cruz que está bem a minha janela. O avião anda, a cruz permanece parada no mesmo lugar. Todo o mundo cochila, só eu estou acesa, reparando tudo. O letreiro em frente diz - Please fasten seat belt, quer dizer - aperte os cintos. Novamente luzes no chão; luzes coloridas, um colar de contas azuis que deve ser uma ponte, um amontoado de letreiros, colares e diademas de cristal fulgurante. Tudo isto em fundo escuro, cada vez mais perto... O rádio de bordo toca um fox antigo, estamos chegando.

SEATTLE

Seattle 9 de fevereiro

Estou em casa do Dr. Didio. Vieram receber-me no aeroporto, contentes de hospedar uma brasileira e amiga. Cederam-me o quarto e foram dormir na sala, no sofá. Fiquei sem jeito, mas eles são tão gentis, fazem tanto gosto que me senti logo à vontade.

Seattle foi a grande surpresa para mim. Não esperava encontrar num lugar tão distante, perto do Canadá, uma civilização tão adiantada, povo culto e interessado em problemas intelectuais. A cidade lembra um pouco as cidades da Suécia, segundo me

informou o Dr. Didio. Gente metódica, estudiosa, interessada em aprofundar os conhecimentos. Corri uma Escola de Arte, a primeira escola que tive a oportunidade de ver nos E.U., nos moldes da Bauhaus. Prédio enorme, muitos professores, uma equipe de mestres, cada um ensinando a sua matéria com dedicação e sem antagonismos. Aparelhamento ultra moderno. O estudante tem tudo às mãos, pode se especializar em pintura, desenho, cerâmica, tapeçaria, artes gráficas, arte industrial. Poderá sair dali apto a desenhar móveis e peças modernas e até inventos para o futuro, tudo com muito bom gosto, baseado no ensino preliminar do desenho. Vi projetos de uma televisão-telefone para o ano de 1975 muito interessante.

Mrs. Tuth Penington foi minha cicerone. Correu a escola comigo, levou-me a ver os slides que tem da Grécia. Coisa curiosa, inteiramente diferente das imagens "formais" que temos da Grécia antiga. Grécia para nós significa a arte clássica, tudo certinho. Não é que estes americanos foram descobrir na Grécia primitiva, quase esculturas modernas? E isto, projetado para os alunos, dá-lhes um entendimento exato e mais completo da história da arte. Perguntaram muito sobre o Brasil. Estão interessados em conhecer a cultura e arte do nosso povo, reclamaram que não possuem nada nas bibliotecas sobre o Brasil. Andei dando-lhes algumas aulas.

Levaram-me para almoçar na cafeteria da Universidade, prédio ultramoderno, o clube dos professores. Uma vista belíssima para o lago, milhões de mestres sentados em torno de mesinhas, a varanda envidraçada. No centro, um jardim interno como nas casas modernas brasileiras. Sentaram-me de frente para o lago para poder melhor apreciar a paisagem. Os professores foram muito gentis comigo, explicaram-me a orientação da escola, fizeram-me falar sobre a minha escola. Para eles seria inútil falar sobre a pobreza da escola de Belas Artes. Prefiri falar sobre Guignard e o Aleijadinho, nosso gênio do passado, estão realmente interessados no nosso Brasil. À noite havia um programa de vernissage, aqui chamado "Preview". Minhas malas desceram por engano em Chicago, quase perdi o Preview por falta de roupa. Mas, ainda chegaram a tempo. Sai com Lídia e Dr. Didio para o Museu de Seattle, onde se realizaria a exposição. O museu fica situado no centro de um parque, no estilo do Metropolitan de New York. É maravilhosa a coleção que têm de arte oriental. Budas e deuses chineses e hindus, trabalhados em ouro, bronze, prata. Arranjam com cuidado e arte as coleções antigas, procurando não acumular para dar melhor efeito. Logo de entrada,

três deuses orientais, em ouro, quase do tamanho natural. Depois as galerias, vitrines, com objetos de arte, vasos, medalhões, mitos orientais. O museu é bem vasto, não tanto quanto o Metropolitan. A Seção de Arte Moderna, onde se realizam as exposições, fica no andar superior. Para lá nos dirigimos, para eu assistir pela primeira vez nos EUA uma inauguração de arte. Tudo como no Brasil. Muita gente, muito assunto a discutir de costas para os quadros. Quase não me foi possível apreciá-los, mesmo assim fui chamada a ser fotografada ao lado do pintor. Um sorriso, todo mundo nos olhando e a fotografia no dia seguinte nos jornais. Estão me tratando com grande atenção. Fiquei conhecendo Mrs. Duzanne. Tem uma galeria de arte aqui, a melhor da cidade. Convidou-me a visitá-la, deu-me um cartãozinho. Conhece muito o Sr. Zegre da Galeria Sud Americana, disse-me que é o melhor de N. York. Isto me alegrou muito, pois não estava muito confiante de expor na Greenwich Village.

10 de fevereiro

Mrs. Duzanne quis comprar um desenho meu. Ficou indecisa por muito tempo e acabou escolhendo um pequeno, por ser mais apropriado para a sua parede. Não tem quadros grandes, mas tem uma amostra de todos os grandes pintores do mundo. Paul Klee, Kandinsky, Mondrian, Delaunay, Chagall, Matisse, Afro. Estou em boas mãos. Animei-me a perguntar se ela não poderia vender alguns para mim. Ficou decidido que eu deixaria uns quatro por experiência, podendo enviar outros depois, se lograsse êxito. Avisou-me que a galeria é a melhor de Seattle tem um orgulho extraordinário disto, não expõe nada que já foi "lançado" por outro... E fez crer que a distinção que me dava de ter comprado um quadro meu era coisa que eu nem poderia calcular. Deixei os quadros com ela, quatro quadros para serem vendidos a 100 dólares cada um. A honra é toda minha, que importância. Vou deixar lá também minha biografia.

10 de fevereiro

Hoje, arrumando as malas, descobri que deixei em N. York um pé de sapato. Onde andaré meu pé neste momento, aquele sapato ótimo comprado no Rio? Fiquei

desolada com a minha distração, a estas horas já devem tê-lo jogado fora, pois um pé só não dá para nada. Estou cada vez pior com a minhas distrações, preciso urgente me corrigir. Em Washington, deixava a chave na porta do quarto pelo lado de fora, em N. York comprei um relógio e entrei no banho com ele.... Agora o sapato de caribu, que prejuízo.... Vou seguir para São Francisco, vamos ver o que vou esquecer.

11 de fevereiro

Lídia e Dr. Didio foram convidados para um jantar há um mês. Aqui os convites são feitos com grande antecedência, para a dona de casa prevenir tudo. São granfinos e de cerimônia. Ia me dispor a jantar com Mrs. Duzanne quando Lídia me telefonou: Venha para casa, você também foi convidada, viram seu retrato no jornal e ficaram sabendo que está hospedada conosco. Aceitei o convite. Mr. and Mrs. Stern moram no alto de uma colina, numa agradável casa de campo. Convidaram outras pessoas também: um casal de americanos, um professor tcheco, outro italiano. Em suma, um jantar para 10 pessoas. A dona da casa é uma americana de N. York, muito bonita, dona de um belo sorriso, parecida com Mrs. Kennedy. Tem, uma filha de 14 anos. Levou-nos a correr a casa toda. O marido é dentista, ensina na Faculdade de Odontologia. Gosta de pintura, indagou-me sobre meus quadros, conversou muito sobre arte. Mrs. Stern reservou-me um lugar à mesa ao lado do marido. Para ajudar o assunto, do outro lado colocaram um senhor de idade também perfeitamente informado sobre exposições e quadros. Pinta e toca piano, conhece os melhores pintores, e até sobre Guignard já ouviu falar. Disse-me haver lido no Times qualquer coisa sobre um médico que toma conta de Guignard, um tal Americano Freire. Imagine como chegam longe às notícias! Comeu-se e conversou-se nos intervalos. Os americanos em geral interessam-se por arte, correm museus, visitam galerias, compram quadros. Sabem os nomes dos pintores, gostam de estar a par dos movimentos. Não tive muita oportunidade de conversar com os outros convidados, mas soube que o prof. tcheco, tem em sua casa uma belíssima coleção, um verdadeiro museu. Isto para mim tem sido uma surpresa, encontrar tanto interesse em torno da arte aqui. Vou deixar alguns desenhos em Seattle e pedir ao Dr. Didio para levar os amigos à galeria.

11 sábado

Outro jantar, desta vez em casa de jovens estudantes. Avisaram-me que iria encontrar um ambiente totalmente diferente. Gente pobre, sem luxo. Lídia levou copos e pratos, porque a mocinha só tem a conta certa. Nossa anfitriã tem apenas 19 anos, já está casada há 3 anos e espera agora o 1º filho. Vieram da Hungria, fugindo do comunismo. Casaram-se nos E. Unidos. O rapaz tem um nome complicado que não consegui entender. É jovem e tem muito sense of humour. Parecem juntos um casal de crianças. Há uma particularidade interessante nesta cidade. Os jovens casam-se e continuam a estudar. Enquanto estuda, o marido só ganha 100 dólares em qualquer biscate. A mulher o sustenta trabalhando. Iva, a menina moça dona da casa, trabalha e ganha 350 dólares na Faculdade de Medicina. É colega de Lídia na anatomia. Arrumam os bichinhos para cobaias, trabalham no Laboratório. Agora, com a perspectiva do parto, Iva será despedida. Não há leis que protejam a mãe como no Brasil. O ordenado será imediatamente cortado e os dois passarão a viver com 100 dólares. Como é possível uma coisa destas? Não compreendo, e, francamente, agora dou valor às leis trabalhistas do Brasil. Ao menos a mulher pode ter filhos e receber o ordenado enquanto vai para o hospital quando mais precisa...

Moram num apartamento minúsculo, de quarto e cozinha. A sala é o próprio quarto que à noite sofre uma transformação. Quando o nenê nascer, terão de colocá-lo na sala, também... Iva parece uma criança, mas sabe cozinhar. Preparou-nos um jantar excelente. Convidou todos os colegas de trabalho, uns 3 casais e eu. O marido depois de uma hora de conversa, transmitiu na eletrola todo o assunto que mantivemos. Havia gravado um disco de nossas conversas.... Achei engraçada a minha pronúncia, Dr. Didio e Lídia foram os que mais falaram...

Domingo 12

Hoje o povo no Brasil deve estar de ressaca de tanto dançar no sábado. Em Seattle, não há vislumbre de festa e Carnaval. É um domingo qualquer, como os outros, muita gente sai para esquiar nas montanhas, como na Suíça.

Fomos à missa e, depois, passamos numa garage para o Dr. Didio lavar o carro. Vale a pena descrever o ritual de uma lavagem de carro nos Estados Unidos. Colocam os carros em trilhos, puxados por correntes. Vão lavando um por um, em diferentes

movimentos. Primeiro soltam um vapor quente para derreter a sujeira; em seguida abrem uns 10 chuveiros por cima do carro; dois rapazes de luvas de esponja esfregam espuma de sabão no pára-lama, portas, teto do carro, para em seguida deixá-lo continuar viagem e receber uma esfregação completa de duas escovas rotativas, espécie do lavador de vidros em tamanho gigante; dali o carro sai esfregadinho para receber outra ducha em cima. Em dois minutos recebe um ar quente para secar, mais dois sujeitos acabam de ajeitá-lo, e, está pronto para sair. Dois dólares e meio é a conta, o carro está lavadinho, pode ser usado...

Despedi-me de Lídia e Dr. Didio no aeroporto de Seattle. Gostei muito deles, trataram-me tão bem! Viajei ao lado de uma cabeleireira. Ia para Honolulu em férias, estava eufórica. Do outro lado, outra americana de Los Angeles. Um garotinho de meses aprontou uma choradeira atrás. A aeromoça teve de preparar nadadeira, a viagem foi uma sinfonia de gritos e choros. Minha vizinha do salão de Beleza queria dormir, estava impaciente com os gritos do nenê, toda hora olhava para trás. A outra nem parecia dar fé. Mora em Los Angeles, deu-me o endereço para procurá-la. Finalmente o nenê parou de chorar. Silêncio a bordo. Minha vizinha estica as pernas e cai no sono. Está com um penteado moderno, com um enorme pega-rapaz sobre as orelhas. Deve ter uns 40 anos, é morena e pinta os olhos com sombra azul. Estou comprimida entre as duas. Deram-me classe turista na viagem para San Francisco, não sei por que a confusão. Estou encurralada entre duas senhoras. Meus embrulhos são grandes; um guarda-chuva espetado ameaçador em cima do pacote de sweaters quase fura a perna da vizinha da esquerda. Resolvi trazer comigo o pacote para não estragar. São blusas para os meninos compradas em Seattle. Trazer estas coisas dá trabalho, tive de pagar excesso no aeroporto... Chegamos em San Francisco às 7 e meia. Surpreendi-me porque esperava demorar mais.

SAN FRANCISCO

12 de fevereiro

Esperava-me no aeroporto uma americana de 30 anos, muito gentil e despachada, semelhante no andar e nas providencias à Lucia. Tomou-me metade dos pacotes, saiu andando na frente até o seu carro estacionado no aeroporto, resolveu tudo para mim. Enquanto rodávamos em direção ao hotel, ia apreciando a paisagem

noturna e recebendo o 1º impacto com aquela maravilha de luzes e curvas, que é a cidade de San Francisco.

Já havia apreciado por cartões e fotografias, mas não há como ver com os próprios olhos. Não há como viver e poder sentir a cidade de perto. San Francisco é chamada a Paris da América, recebe muito da cultura européia, misturada com o espírito oriental. As lojas e vitrines são bem arranjadas; gosto francês nos manequins, preços altíssimos. Flores por toda a cidade. Colorido de matizes diversos, perfumes, alegria de primavera. Um contraste completo, sem a tristeza do Leste e suas terríveis tempestades de neve.

Meu hotel começa com uma loja de flores. Do outro lado joalherias, colares de cristal, roupas lindas para verão diretamente importadas da Europa. À noite com as vitrines iluminadas a cidade toma um tom festivo. Estou localizada no centro, na parte mais comercial da cidade. Bem em frente, um anúncio de danças por Fred Astaire; ao lado, uma espécie de boite, com um letreiro proibindo a entrada de menores do 21 anos. Faço idéia o que não devem exibir para tamanha proibição. Não tenho medo de sair à noite para tomar meu "dinner". As ruas são iluminadas e movimentadas e não há a quantidade de sul-americanos como há em N. York.

As mulheres de San Francisco são lindas. Por todo o lado há salões de beleza, andam bem-vestidas, bem penteadas como as francesas. Todo o gosto vem da Europa, não sei como pode haver tamanha influência com a localização tão distante... E, como o povo se orgulha de sua terra! Estou realmente tentada, não é possível ver tudo correndo e San Francisco demora para ser vista.

SAN FRANCISCO

13 de fevereiro

Hoje os brasileiros devem estar no auge do carnaval. Aqui nem se fala nisso, mas é feriado nas escolas por ser aniversário de Lincoln. Marcaram-me um appointment com Mrs. Swanson, para correr a cidade. Mrs. Swanson pertence à categoria das senhoras voluntárias que se oferecem para acompanhar em "tours" os convidados do "State Department". Levou-me no seu carro. Acompanhou-nos um casal vindo da Argentina, um senhor baixo e gordo, parecido com o Janjão e a esposa. Ao me ser apresentado ele fez questão de mostrar um cartãozinho com o seu nome e as credenciais "Deputado de la Nación". Gente muito importante, pensei. Ficou atrás com

o casal e eu na frente com a Mrs. Swanson. Percorremos a cidade. Fomos a todos os recantos pitorescos, percorremos colinas, estacionamos em lugares altos para ver a vista. A paisagem é deslumbrante, lembra muito o Rio de Janeiro, tive saudades do Brasil quando vi os navios chegando. Saudades da minha terra e das belezas que também possuímos... Os navios não vêm da Europa, mas da Ásia. São navios japoneses, filipinos, chineses, indianos. Vêm de longe, trazendo coisas diferentes que serão misturadas à cultura ocidental para desta mistura fazer uma só civilização. No meio do mar pude enxergar a ilha onde o Chessman esteve preso, trouxe-me um certo mal-estar a notícia de que estava olhando para o terrível presídio de Alcatraz. Senti um arrepio pelo corpo. Lembrei-me da câmara de gás e da morte. Mrs. Swanson foi muito gentil. Mostrou-nos recantos maravilhosos, levou-nos a parques e jardins e fez-nos descer no jardim japonês para poder apreciá-lo de perto. Tudo ali é inspirado no Japão. As flores, os pequenos lagos, os quiosques e templos. No meio da vegetação, imagens de Buda e outros deuses, tudo disposto com carinho e arte. Havia muita gente visitando o parque, por ser feriado. O casal de argentinos parece gente muito fina e educada. Aqui também há uma Greenwich Village como em N. York. Greenwich Village é o lugar onde moram os artistas, poetas, pintores, literatos, enfim a classe menos equilibrada. Vivem como vivem os existencialistas de Montmartre, vestem-se de maneira bizarra, fazem exposições no meio da rua... Mrs. Swanson percorreu o bairro conosco e explicou que procuram manter a tradição de N. York e o espírito francês de boemia e originalidade. Voltei cansada para o hotel. Cansada e com o salto do sapato quebrado. Estou em apuros. Tenho de comprar outro sapato, urgente. Só tenho agora o de camurça preto. O de caribu ficou perdido em N. York, trouxe comigo só um pé. O que vou fazer com um pé de sapato? Só para encher mala... Amanhã tenho um appointment na Universidade da Califórnia, se não comprar um sapato baixo terei de aguentar o dia inteiro com o de festa que é altíssimo.... Combinei com o casal da Argentina para correr a Chinatown à noite. Talvez encontrasse uma sapataria aberta, e o comércio lá é mais barato... Vieram buscar-me no hotel. Saímos os 3, em busca da cidade chinesa. Não fica longe do centro, apenas uns 6 blocos. Chinatown é um pedaço do Oriente encravado na América. As construções são chinesas, as caras são chinesas, as lanternas são chinesas. À noite, com tudo iluminado, lembra um conto de mil e uma noites. As lojas têm coisas lindas, objetos de arte, marfim, jade, bronze. Tanto tem o

americano de prático como o oriental de complicado. As coisas são feitas com impressionantes detalhes e não custam caro. Tive vontade de comprar tudo, mas lembrei-me das malas, das viagens, da falta de carregadores e, além do mais, do excesso de bagagem que já comecei a pagar. Isto tudo fez-me ficar mais reservada e apenas comprar umas coisinhas. Acho que o casal de argentinos também queria só olhar, pois compraram o que havia de menor e mais barato... Não encontrei sapato. Terei de enfrentar o dia amanhã depundurada em cima de duas pilastras...

SAN FRANCISCO

14 de fevereiro

Combinaram que um carro da Cruz Vermelha viria esperar-me. Há aqui em San Francisco uma boa vontade enorme para com os visitantes, querem que apreciemos tudo. As duas americanas lá estavam, de chapéu; senti-me constrangida com o meu vestido de lã meio curto, que Lourdes encurtou. As duas americanas já de meia idade olharam-me de alto a baixo. Estava, às 9 e meia da manhã já pronta para o cocktail que iria à tarde em casa não sei de quem. Às vezes aprontam destas. Dois appointments no mesmo dia, não há tempo nem para trocar de roupa. Levara-me uma moça de Hong Kong até o outro lado da ponte. A Universidade fica em Berkeley, vizinha a San Francisco, um dos maiores centros universitários da Califórnia. São edifícios enormes, prédios e mais prédios. Alí aprende-se filosofia, ciências sociais, ciências físicas, direito, arte e arquitetura.

Não há escola de Medicina, mas as outras escolas fervem de jovens. Parece um verdadeiro formigueiro. Chegamos na hora do lunch, quando deixam as aulas e vão para casa descansar. Moram perto, em apartamentos coletivos, casas coletivas e os mais ricos num hotel também mais granfino. Logo à entrada, um imenso prédio de hotel onde dançam aos domingos, lembrando a arquitetura do nosso Quitandinha. Custamos a chegar à Escola de Arte. Foi construída há dois anos apenas, arquitetura moderna. Esperava-me para correr a escola um dos seus professores. Mostrou-me as diversas galerias, as salas de aula, a biblioteca. Depois levou-me a almoçar na cafeteria da escola, um dos itens do meu programa. Sabia que ia almoçar com o pessoal da Universidade, mas não que iria ficar sozinha numa mesa com tantos homens!.. Uns 10 professores e eu, com o chapéu na cabeça. Quase todos devoraram num instante o

almoço mas eu custei a dar conta do meu. Perguntaram tanto que fiquei em dificuldade de mastigar nos intervalos. Tinha de responder a duas, três perguntas duma vez. Indagaram de tudo. Sobre o clima, as cidades. Se havia neve no Brasil ou não, se Belo Horizonte era cidade montanhosa, quantas milhas do Rio e de S. Paulo, qual a altitude... Fiquei sufocada.

Tinha de responder em inglês e a perguntas tão difíceis! Este negócio de milhas é muito usado aqui, querem sempre saber a quantas milhas dista determinada cidade. Eu como sou ignorante do assunto limito-me a dizer quantas horas de vôo se gasta de um lugar para outro. A altitude de Belo Horizonte me engasgou. Também isto é uma pergunta que se faça a uma artista? As perguntas sobre arte, respondi com ênfase. O academismo no Brasil não existe, não há mais lugar para eles nem na crítica nem nos salões. Expliquei que o Salão do Rio ainda conserva uma ala acadêmica, mas não existe muita aceitação do academismo em outras partes. O Brasil recebe influência europeia, e, em matéria de arte estamos a par de tudo que se faz pelo mundo, através da Bienal. Ficaram meio admirados, procurei fazer bastante propaganda e esconder os detalhes que nos prejudicam.

Fiz o papel de embaixadora. Depois do almoço o professor levou-me à secretaria da escola. Estava cumprida a sua missão. Fui entregue a outro professor, um senhor do meia idade, gordo, cabelos espetados, mutilado de um dos braços. Talvez seja mutilado de guerra, não sei. Mostrou-me a ala superior da Universidade, as salas de pintura, desenho, gravura. O aparelhamento é o mais moderno possível, como na Universidade de Seattle. Na sala de gravura há um compartimento ao lado para os banhos em ácido, e chaminés que imediatamente sugam o vapor venenoso para não contaminar os estudantes. Aprendem todas as técnicas modernas, até o mural afresco nas paredes. Depois de completa a obra de arte, deixam-na por certo tempo e depois raspam-na para dar lugar a outra. Assim os alunos vão ganhando experiência. Não gostei das pinturas, muita influência de Hofmann. Os desenhos são feitos a carvão e o aluno passa 15 semanas desenhando naturezas mortas, figuras etc. para depois entrar no abstrato. O desenho abstrato é sugerido através da colagem procurando a forma sobre o papel, a forma informal do papel rasgado.... Achei interessante o processo e diferente do usado em Washington, onde o professor dá fotografias para serem não copiadas, mas sugeridas.

Delas o aluno retira apenas linhas e planos. Cada um tem seu processo, mas o antigo e convencional não tem também valor aqui. Não se desenha anos e anos para depois pintar, aprende-se de início a usar planos e valores e com eles realizar uma composição. O processo é mais rápido e direto. Mr. Mc Cray era o dono do convite para o cocktail. Levou-me de carro até o lugar onde mora, distante meia hora da Universidade, ou 15 milhas como ele me informou. Dirige o automóvel com a mão esquerda, pinta com a mão esquerda e, pinta muito melhor que muito artista que usa a mão direita. Fiquei tão admirada com os quadros que quase me esquecia de cumprimentar a esposa. Ela me dirigiu de entrada um sorriso amável. Tem 2 filhos, levadíssimos, barulhentos, brigões, 1 um de 8, outro de 5 anos. Foram buscar a vizinha, mãe de 7 filhos. Sempre que vou visitar alguém, procuram uma mãe de muitos filhos, destas que tem a carinha melhor do mundo! Nem parece que fazem tudo em casa. Continuei desfilando os olhos sobre os quadros da parede. Abstratos informais, feitos a espátula, no estilo bem parecido ao de Vicente Abreu. Até a espátula é a mesma.

Alguns mais antigos, pequeninos, são colocados à guisa de moldura sobre um suporte de madeira pintado de preto e trançado, formando retângulos irregulares. Boa idéia e muito decorativa. Conversamos, perguntei por que ele não enviava trabalhos para a Bienal, disse-me que os artistas são convidados e sempre convidam os de N. York. Acho que, como no Brasil, deve haver alguma política em torno dessas coisas... A mulher, uma loirinha de coque, agradou-me de maneira especial. Disse-me que o meu inglês estava perfeito, que eu sabia usar a gramática melhor que muito americano. Bom, se uso bem a gramática é só porque aprendi nos livros, não tive muita prática com o povo. E seus filhos já aprendem inglês? Vão começar este ano, respondi, mas tem um que já tem um início... Francês, aprendem na escola primária; inglês e latim na secundária.... Ficam maravilhados com isto. Para eles, aprender uma língua estranha significa algo de notável, e nós não damos o menor valor a isto... Lembrei-me de Lídia que fala o italiano como se fosse o português e o inglês também. Quando falou sobre a gramática, lembrei-me do portuguesinho.

Quantos anos tem você? “Quatro, fi-los ontem”. Senti-me falando difícil como os portugueses, aplicando “I would like” em lugar de “I'd like” como eles falam. Foram amabilíssimos. Trouxeram-me de volta ao hotel. Atravessamos a ponte de S. Francisco. À tardinha, com as luzes começando a se acender, a travessia da ponte constitui um

espetáculo maravilhoso. As pontes parecem duas harpas enormes, estamos dentro das cordas, com o movimento do carro as cordas da harpa parecem se movimentar também. Só falta ouvir música de verdade.

Amanheci triste hoje. As saudades aumentaram cada dia. San Francisco é uma cidade alegre. Alegre e bonita, semelhante ao Rio. A mesma beleza natural, grande dote do Criador. Mas estou triste, apesar de tudo. Não sei por que, aconteceram tantas coisas esta semana! Logo de entrada, ainda bem não chegara ao aeroporto, os jornais anunciavam em grandes manchetes o foguete russo a caminho de Vênus. Fiquei muito entusiasmada, mas não encontrei ninguém para compartilhar do meu entusiasmo. Os americanos não estão muito felizes com a notícia.... Bem, guardei para mim mesma o entusiasmo e me enfiei no quarto do hotel para ouvir notícias. Tenho um rádio que funciona bem e me distrai quando estou triste, toca músicas. Outro dia, escutei “Marina, Marina, Marina”: que saudades! Para escutar o rádio por 24 horas, tenho de colocar 25 cents no cofre lateral. Aqui tudo é pago. Se quero comprar selos, vou à máquina de vender. Ponho 5 cents e recebo 4; ponho 10 cents e recebo 8. No fim, a máquina vai me engolindo o cobre todo. Com estas taxas, constroem escolas e foguetes, o povo acha bem empregado, querem progredir. Mas, voltemos ao foguete russo. Anda a caminho de Vênus, será que lá tem gente? Se tiver, vai ser uma sensação a chegada do misterioso engenho terrestre. E para nós também será melhor, ficaremos mais unidos... Isto de guerra me apavora. Hoje, abri por acaso a gaveta da mesinha, havia um anúncio em letras enormes “Quando as sirenes da Defesa Civil tocarem, aqui está o que fazer”.

1º alerta – contínuo, ininterrupto som de sirene por 4 minutos, significa ataque inimigo provável. Evacuar a cidade, sair imediatamente de onde estiver. Seguir o tráfego. Ir de automóvel.

2º ataque sem aviso – nenhum som de sirene. Um brilhante, luminoso foco, o mais brilhante que você já viu. Você terá apenas poucos minutos antes que o choque chegue. Deite-se debaixo da mais pesada peça de mobília, ou se não houver, deite-se no chão, a face voltada para a parede, longe da janela e dos vidros.

Continua uma série de medidas preventivas, inclusive depois de passado o ataque atômico. Se sair à rua, lavar logo o corpo, trocar de roupas e se livrar de tudo

que possa estar exposto à radioatividade. Escutar o rádio para instruções, não ligar o telefone...

Este anúncio pôs-me pensativa e impressionada. Quanta coisa pode acontecer e eu aqui, sozinha! Lembrei-me de que San Francisco sofre terremotos, meu corpo se arrepiou. E, se aparecer um agora comigo, eu que desenhei tantos terremotos e explosões! Por falar em explosão, outra coisa veio perturbar meu sossego. A explosão do Boeing 707 na Bélgica foi algo de tremendo. Estava em N. York quando as patinadoras se exibiram no ringue, fazendo louco sucesso. Vi-as na televisão e agora, coitadas, estão mortas...

Sempre me senti tão segura no jato! Agora passarei a ter medo deles também. A situação tem sido de medo e tensão esta semana. Nunca me senti tão insegura, e agora logo que não tem nenhum brasileiro para trocar ideias. Estava no balcão de entrada, lambendo um selo, quando uma senhora me abordou: “A senhora é francesa?” “Não, sou brasileira e você?” “Russa de nascimento, mas americana naturalizada, casei-me com um americano.

San Francisco

San Francisco é uma cidade de contrastes. Há a beleza natural, o cenário magnífico das praias e pontes, e no meio de toda aquela beleza, a fortaleza de Alcatraz, com os presos condenados à morte. Há lojas maravilhosas, mulheres bonitas pelas ruas. Explicaram-me que são ou viúvas ou divorciadas. Vivem de rendas. Naturalmente, não têm filhos, senão não viveriam assim tão sozinhas. Bem fiz eu que tive muitos, certamente não irei acabar assim, feito estas velhas, sozinhas num quarto de hotel.

Hoje houve um pequeno tremor de terra aqui. Não foi dos grandes, nem cheguei a perceber. Quando se está em casa, sente-se o choque e o estremeamento, mas quando se está de carro em movimento, nem se percebe. E eu estava a caminho de Sausalito, num carro ultramoderno, guiado por uma ultramoderna senhora de cabelos pintados de loiro. A senhora em questão é a mesma que me levou a correr a cidade com os argentinos. Trouxe um “friend”. Coloquei o “friend” perto dela e fui à outra janela, admirando a paisagem. Corremos a cidade de Sausalito. Fica do outro lado da baía, como se fosse Icaraí, em Niterói. Ali moram os artistas, em casas de

madeira, à beira da praia. Fazem cerâmica, cestos, não direi que são artistas, são pequenos artesãos, mas levam uma vida simples e poética. De vez em quando, fazem exposições de seus trabalhos, numa barca eternamente atracada ao porto, no estilo de uma barca de Niterói. Entrei lá com Mrs. Swanson e o “friend”. Comprei pequenas lembranças, é impossível comprar coisas grandes com tantas viagens pela frente. Mrs. Swanson é uma senhora muito boa, mas muito livre, ultramoderna. Veste roupas de um bom gosto extremo, mas que eu não teria coragem de pôr. Chamam a atenção demais. Escolheu para este dia uma capa de chuva dourada. De longe, com o brilho do sol, parece uma sereia. Não é bonita, deve ser mais velha do que eu, mas chama a atenção. Ri muito alto, mostrando os dentes postiços, conta anedotas. Felizmente, meu inglês não dá para entender as anedotas. Fico inocente, com um anjo. Escutei-a falar com o “friend” – “She is a very serious young lady”. Tenho que ficar séria, é claro. Se começar a rir, também podem vir a tomar liberdade comigo, o que seria bem pouco agradável.

Resolvi rifar a Universidade de Stanford. Amanheci indisposta com o jantar que me ofereceram ontem; devo ter comido algo indigesto. Telefonei para Mrs. Copp, minha responsável. Ela não gostou, mas o que fazer? Estou mesmo só passando a chá hoje, só de pensar em almoço, o estômago dá três voltas. O jantar de ontem foi na casa de uns americanos ricos. Têm um filho interno, de 15 anos, e uma filha de oito. Serviram numa mesa bem ornamentada, um jantar complicado. A menina ficou à minha frente. É inteligente, aprendeu algo na escola sobre o Brasil. Fizeram-na repetir para mim, acho que tudo foi ensaiado antes. Achei divertido o jantar, a garota é bem-educada e inteligente. Ao se despedir, beijou-me. Como tive saudades dos meus... Mrs. Burns é uma senhora distinta. Distinta e educada, foi criada na Europa, estudou na Sorbonne. Nasceu em N. York, mas mora aqui há 10 anos. O marido é negociante, representante de mercadorias que chegam do Japão. Fiquei encantada com um papel japonês que forra a parede. Quase cheguei a encomendar, custa 8 dólares o rolo (para mim, preço de custo), mas terei o problema da volta, vou estudar o assunto primeiro. Levaram-me depois a um “preview” no Museu de San Francisco. Inauguravam uma coleção de trabalhos pertencentes a um colecionador americano. A coleção não é uniforme, como a Phillips. Tem mesmo uma certa falta de harmonia na escolha e grande quantidade de trabalhos. No meio deles consegui destacar alguns bem

interessantes, mas muito variados, não há unidade. Mr. e Mrs. Burns levaram-me depois da exposição para o edifício mais alto de San Francisco, onde se acha instalado um restaurante; as luzes são de boate, o restaurante tem vista para toda a cidade, descortinando-se como tela panorâmica de um lado a outro, através das janelas envidraçadas. Só voltamos depois de meia-noite. O casal é muito simpático e fino, fiquei muito bem impressionada.

17 de fevereiro

Ontem, saí com um casal de primos de Maria Sílvia. Viajei este tempo todo com dois embrulhos, um para ela, outro para a irmã. Têm as duas o mesmo sobrenome – Frane - casaram-se com dois americanos, irmãos, e largaram a pátria para sempre. Residem aqui. Telefonei para Sônia, a dona do embrulho. Vieram buscar-me no hotel. Expliquei que não podia comer nada, estou a chá. Assisti os dois jantarem camarões e pratos complicados. Jejei e abstei-me de carne. Hoje é a 4ª sexta-feira da Quaresma. Mesmo que não fosse, ainda teria de jejuar. Meu estômago não aguenta nada. Foram gentis e polidos com esta brasileira viajante.... Hoje, sábado, vêm me procurar novamente, para me levar ao outro lado da baía. Moram em Orlando e têm três filhos. Pelo menos, poderei falar português aqui em San Francisco. E olhe que isto é coisa rara, não há oportunidade aqui.... Não parecem apenas um casal semi-brasileiro. Parecem um casal de autênticos mineiros. Admiraram-se de eu ter vindo de tão longe e estar viajando sozinha daqui para ali. Puseram-me tanto medo que, à noite, levantei-me para ver se a porta estava bem trancada. Fui olhar se havia esquecido a chave na porta, como em Washington. E se a janela do meu quarto teria ou não escadas de incêndio. Não posso dormir de janelas fechadas, o aquecimento torra-me. E para dormir com elas abertas, pode entrar alguém pela escada de incêndio. Felizmente, as escadas de incêndio estão noutra janela mais longe, não na minha. Posso dormir sossegada. Há um barulho embaixo. Música, sons esquisitos, é a vida noturna de San Francisco. Percebo todo o movimento quando acordo de noite. As boates são bem embaixo do meu quarto, uns três andares de separação. Não vejo, mas escuto aquele rumor estranho de gente se divertindo. As vozes são arrastadas, carregadas de whisky. Aos poucos, vão desaparecendo, com a chegada do dia. Só consegui acordar quando o

sino da igreja próxima bateu 11 horas. Nunca acordei tão tarde, mas também, que noite!

19 de fevereiro

São 9 horas da manhã e estou voltando da igreja de St. Mary, situada em China Town. Estou em jejum e procuro um lugar para tomar meu breakfast. Enquanto isto, vou olhando as vitrines. Paro em quase todas. O oriente me fascina. Como tudo é estranho, misterioso, os menores objetos têm um cunho de beleza e arte! Vou andando cada vez mais para dentro de China Town. As lojas estão fechadas por ser domingo. Mas posso ver as coisas através dos vidros. Penso nas meninas. Gostaria de tê-las agora comigo, para juntas correremos as vitrines. Tem tanta coisa para se ver! Meu sapato faz um barulhinho esquisito na calçada, comprei-o há dias em San Francisco, parece que tem o salto de metal. Quando entrei na igreja, precisei andar nas pontas dos pés para não fazer barulho. Mas, aqui na rua chinesa, divirto-me em escutar o barulhinho que eles fazem na pedra: toc, toc, toc.

Paro em todas as vitrines e o barulho para comigo. De repente, um barulho estranho fez-me estremecer. “Hei, Madam, may I speak to you?”. Era um americano alto, bem perto de mim. Meu coração bate forte de susto e medo, o barulho de meus saltos no asfalto é rápido, fugindo para o outro lado da calçada. Vejo umas moças americanas, de calças compridas, entrando num restaurante para tomar o breakfast. Sento-me ao lado delas. Quando elas saem, eu saio também a caminho do hotel.

Como há pombas em San Francisco! As pombas pousam no chão, andam pelas calçadas da Union Square. Há um chinesinho correndo atrás delas. Parece ter dois anos de idade e está todo vestido de vermelho. O pai não é chinês, é americano. Diverte-se em ver o filhinho correr atrás das pombas. Do outro lado da praça há sol. Os bancos são enfileirados, com uma fileira de homens sentados. Não conversam uns com os outros, não discutem. Estão apenas tomando sol. Há também algumas mulheres. Todas caladas, pernas esticadas, aproveitando ao máximo o aquecimento. No meu quarto de hotel, o sol não entra. Para ver se o céu está azul, tenho de esticar o pescoço e olhar para cima. Tenho vontade de me sentar na Union Square, para tomar sol e ver as pombas, mas não há um banco desocupado. E não vou me sentar ao lado de um desconhecido, para ser abordada como fui em China Town.

Acho que o spray que uso para fixar os desenhos está me fazendo mal. Hoje fixei uma série, o quarto ficou impregnado de um cheiro forte, de éter e outras misturas. Comecei a me sentir mal, acho que este cheiro contribuía para a minha doença de estômago. Não posso aguentar o meu quarto, abro as janelas totalmente. Depois, vou para o corredor. Se desmaiar, virá, naturalmente, alguém para me socorrer. Não ficarei caída no chão sozinha. Mas, finalmente, a tonteira passa. Volto a ler o vidro de spray. Está escrito – “Só usar em ambiente bem ventilado” ... E eu que estava me envenenando sem saber! Abri bem a janela do quarto para entrar o ar e fui para baixo tomar um copo de leite. Sempre ouvi dizer que o leite desintoxica.

Assim mesmo, afinal de contas, ser artista é uma coisa bem boa! Quando se está alegre, a arte vibra conosco, quando se está triste e só, ela é a única companheira.

Se não fosse o material de desenho que carrego comigo de uma para outra cidade, não aguentaria a solidão de viajar sozinha. Já estaria me queixando. Espalho os papéis sobre o tapete e desenho ali mesmo no chão. O tempo passa sem que eu perceba. Lembro-me das palavras do secretário da embaixada em Washington, quando subíamos as escadas de uma galeria de arte: “Você verá como toda esta experiência que está vivendo, todos estes quadros que está vendo, tudo de novo e estranho se transformará em arte, talvez muito breve”. Ele não chegou a ver nenhum dos meus novos desenhos, embarcou para a Bélgica no dia seguinte. Mas, de certo modo, previu o que ia acontecer. Aconteceu quando a neve começou a cair em Washington. Soube que poderia comprar 100 dólares de material de pintura.... Agora, não posso parar. Não sei dizer se são bons ou ruins meus desenhos, se são os melhores ou piores que eu fiz. Apenas sei dizer que eles dizem tudo o que estou sentindo, a alegria de ver tantas coisas novas e a tristeza de não ter meus filhos e meu marido perto. Tão longe, do outro lado do mundo quase (os jatos encurtam as distâncias, parece um pulinho daqui até lá). No entanto, 5 horas de diferença no relógio... São 9 horas da noite, lá deve ser 2 da madrugada! Não tenho sono, escrevo. Escrevo e conto o que vejo e o que sinto também. Mas, os desenhos não contam o que vejo, apenas o que sinto quando vejo.

Este foi um domingo comprido e cheio. Não estava com vontade de desenhar, tive de encher o domingo para não ficar triste. Havia um appointment marcado com o pintor Ralf Du Casse. Conheci Ralf Du Casse quando estive no Brasil em 1956. Esteve lá

em casa, com Mário Silésio e Lúcia e Antônio Joaquim. Lembro-me bem dele. Mas já me avisaram em Washington que ele mudou muito. Sofreu um acidente enquanto pintava um mural. Teve fraturas nos dois braços, precisou fazer plástica no rosto. Recebi um telefonema dele ontem, a voz muito alegre “Welcome to San Francisco, Maria Helena!” Queria saber se eu poderia mesmo ver seus quadros. O appointment foi marcado oficialmente pelo Departamento de Estado. Acho melhor quando é assim, pois o horário é cumprido religiosamente. Às duas horas, já estava ele no hall do hotel. Desconfiei que só podia ser ele.

Estava esperando uma reação minha. Tornou-se muito feliz quando disse tê-lo reconhecido. Levou-me até seu estúdio, mostrou-me os quadros um por um. Vai fazer uma exposição em San Francisco agora em março. Os quadros estão fresquinhos, o cheiro de tinta chega até o corredor. São enormes, 2 metros de altura por 1 metro e tanto de largura. Formas abstratas em fundo branco, um abstrato informal, mais lírico, mais limpo, mais cuidadoso. Pinta as formas sobre a tela, sem um estudo prévio. Depois vai cuidando delas, acrescentando detalhes à composição. Alguns são extremamente poéticos e têm uma certa influência oriental. Chamei-lhe a atenção disto e ele me disse que de fato esteve o ano passado no Japão. Mr. Du Casse reage contra o expressionismo do Leste. Contra Hoffmann e seus filiados e também contra o concretismo matemático, cheio de medidas e regras. Suas formas são leves, luminosas. São decididas, abraçam o espaço branco da tela como mundos que se desvendam. Gostei muito. A turma de pintores do Pacífico é extremamente diferente do expressionismo furioso dos pintores do Atlântico. Engraçado, eu estou podendo fazer este julgamento. Mas a minha viagem me proporciona também, além de tudo, o prazer de comparar. Estive em Washington e N. York, agora em Seattle e S. Francisco. Parece que os daqui são mais comedidos, refletem mais quando pintam.

Mr. Du Casse deixou-me à entrada do Museu Jovem de S. Francisco. Fachada em estilo importado da Europa. Jardim enorme, cheio de gente. Hoje é domingo. São moças de short que passam. Pernas grossas, de fora, e casacos de tricô quentíssimo. Os shorts são curtíssimos, parece que vão jogar tênis. Mas vão ver o Museu. Vão em bando, com os rapazes. Param em frente dos quadros, tecem comentários. O museu está cheio como se fosse dia de inauguração. Vou para outra sala, a de vasos antigos. Não gosto de misturar pinturas diferentes para não fazer confusão. Prefiro guardar

bem os de Mr. Du Casse, que tanto me agradaram. Agora, são os vasos antigos, peças vindas do Oriente. Depois, noutra vitrine, pequenas joias, descobertas na Colômbia e Equador, desenterradas de alguma civilização antiga. São pequenas figuras em ouro trabalhadas. Mais adiante, uma sala só de trabalhos dos índios do Arizona. Daqui a alguns dias estarei lá, talvez encontre alguma coisa para comprar. De novo, um bando de moças em frente à vitrine que estou admirando. Não se pode ver um museu em dia de domingo, é impossível! Saí para tomar o ônibus. Mais velhas na fila. As velhas aqui não perdem nada. Estão a par de tudo, são viajadas, não tenho mais pena delas... quem é que disse que elas andam horas esquecidas de salto alto, num museu?

Aquela perto de mim é bem simpática. Está vestida de amarelo, tem um chapéu de véuzinho cheio de bolas e o cabelo de cor indefinida. Já estou de prosa com ela. É viúva, mora em San Francisco, gosta de escrever contos infantis. Vai a museus e frequenta a Orquestra Sinfônica. Tomamos o mesmo ônibus, ela ficou encantada em saber que vim do Brasil. Mais eufórica ainda quando expliquei ser pintora. Muito prazer, Mrs. Andrés, meu nome é "Spring". Estava parecendo mesmo uma primavera, achei gozado o nome, mas acrescentou ser nome inglês, Spryng com "y".

Foi me mostrando a cidade, como o cicerone de Washington. Povo amável este de S. Francisco! Têm um orgulho enorme do que possuem, fazem questão de orientar os turistas. Explicou-me onde deveria descer, e, se fosse ao cinema, que não deixasse de ver aquele filme de Marilyn Monroe. Deu-me adeus de longe. Como são interessantes estas amizades-relâmpago, feitas na rua! Como contribuem para se formar um conceito favorável do povo, sem a imposição de um programa premeditado...

O que é espontâneo tem sempre mais valor para mim. Muito mais que todas as amabilidades do pessoal contratado para receber os estrangeiros. Por detrás de toda a cortesia há, sempre, para obscurecer, a lembrança de que estão a serviço.... Não posso me esquecer daquela jovem de cabelos lisos, em Washington, que desceu comigo do bonde e me conduziu até a rua do hotel. Tenho seu nome guardado no meu caderno de notas. Disse-me que, se precisasse de qualquer coisa, de qualquer informação, era só lhe telefonar.... É casada e tem uma filhinha de 4 meses. Para poder sair, deixa a nenê com os vizinhos, e mesmo assim está à disposição da primeira estrangeira que encontra no bonde. Não fui assistir à Marilyn Monroe. Andei muito e não achei o

cinema. Tem um pertinho do hotel. Paga-se 50 cents para se ver dois filmes. Cheguei no meio da fita. É a primeira vez que entro num cinema nos Estados Unidos, mas não estou com vontade de voltar às 6 horas para o hotel. Não estou com vontade de desenhar e tenho de encher meu domingo. Ao meu lado, senta-se uma senhora com uma criança nos braços. Palavra que é verdade! Uma criança de colo, linda, um pouco achinesada. A mãe não pode perder a fita, não tem com quem deixar, leva a criança para o cinema. A criança está passando a mão na careca do homem da frente, a mãe finge que não vê. O homem ri. Tenho vontade de oferecer-me para levar a criança para o hotel. Deixaria o filme pela metade, só pelo prazer de brincar meia hora com aquele nenê. Mas, a mãe poderá interpretar mal e achar que estou querendo raptar-lhe o filho. Não quero confusões para o meu lado, continuo vendo a fita.

Hoje numa cafeteria, sentei-me ao lado de uma senhora. Vinha cheia de joias, brincos, colares, anéis. Não sei se são verdadeiros. Trazia um livro de missa e passou uns 5 minutos de mãos postas, rezando. Custou a começar a comer, já estava aflita.... Os anéis faiscavam enquanto rezava. Aqui há tanta coisa faiscando nas vitrines que não resisti à tentação e comprei também um anel faiscante para mim. Parece o meu de brilhante que está guardado com mamãe. No entanto, o meu vale 80 mil cruzeiros, e este custou 8 dólares! Mas, ninguém diz que é falso. Mr. Frame (marido de Sônia) veio me perguntar se era diamante brasileiro. Achei graça na pergunta. Foi comprado na loja de baixo do hotel... a loja de baixo é uma tentação. Vende joias sintéticas que imitam com perfeição as verdadeiras, o ideal para quem viaja ou perde as coisas, como eu. Comprei um broche, também. Se perder, não será grande o prejuízo.

Segunda-feira – 20

Não sei de onde saiu a ideia de que eu estava ansiosa para conhecer o modo de viver dos americanos e entrar em contato com suas famílias. Está escrito em inglês na minha biografia. Talvez tenha sido Mr. Carnahan, em Washington, depois que assisti a uma conferência no I. Center sobre o assunto. Discuti com ele e, agora aqui estou, conhecendo mais uma família em S. Francisco. Estou sentada em frente ao fogo, no sofá, enquanto o dono da casa assa um churrasco para o jantar. Marca no relógio os minutos. A dona da casa anda atarefada na cozinha. Já lhe disse que não tenho fome, comemos caranguejos às 3 horas da tarde num restaurante junto ao embarcadouro

dos pescadores, mas ela teima em cozinhar. Dispensou-me da ajuda, estou folheando uns livros de arte. O marido é artista, caricaturista, ilustrador, ceramista e mais uma dezena de habilidades, inclusive a de fazer, ele mesmo, o móvel da eletrola. É modesto, e tem a fisionomia extremamente inexpressiva. Nasceu na Bolívia, mas reside nos E. Unidos desde criança. A mulher é americana e o oposto do marido. Excitada, falante, inquieta. Dirige o carro, fuma. Não tem filhos e já andam à beira dos 60. Passei com eles a tarde toda. Fomos a museus, vimos quadros modernos, antigos, estátuas, interiores de castelos, transportados da Europa para os E. Unidos, com todas as mobílias, todos os detalhes. Há uma exposição de arte na Gandhara, no Museu Jovem. Enorme influência greco-romana. Passamos revista em tudo. O marido acompanhou-se como a própria sombra. Sempre com a mesma calma e paciência, explicando tudo. A mulher, muitas vezes, desaparecia noutra sala. Não queria ver tudo, só as coisas por que tem predileção. Eu também já estava cansada de ver coisas. Preferia ficar na sala de Rodin e repousar um pouco os olhos naquelas figuras negras, extraordinariamente expressivas.

Muita cor ao mesmo tempo confunde. Prefiro olhar as formas negras, retorcidas, dramáticas. Formas que chegam quase a ter vida. Rodin foi a última sala que percorremos e a que mais me impressionou. Já estava exausta, com as pernas doendo e o estômago vazio, mas assim mesmo não resisti à magia daquelas figuras. Voltei repetidas vezes para olhá-las, em ângulos diferentes. Cada centímetro de pedra nos traz uma mensagem de arte e nos emociona realmente! Saímos de lá às três da tarde para comer caranguejos num restaurante, junto ao embarcadouro dos pescadores. Foi a primeira vez que comi caranguejos. Estava com fome, achei-os deliciosos. Da janela do restaurante podia-se ver os barcos, os mastros e os pescadores chegando com produto de um dia de trabalho. Hoje o meu dia foi cheio. Corri museus, jardins, parques, vi o mar. O casal de americanos foi extremamente gentil.

2 de fevereiro

Ontem li no jornal qualquer coisa a respeito dessas jovens que deixam o lar e vão viver sozinhas. De ano para ano, aumenta o número de casos. Há uma ânsia de aventura e independência nas moças daqui, não querem se sujeitar aos pais. Inventam desculpas para se libertarem da vigilância da família. Querem estudar nalguma

Universidade bem longe, morar em apartamentos sozinhas ou com outras companheiras. A proteção dos pais é um jugo que não podem suportar. Não deve haver sonhos para esta juventude independente. A realidade, e com ela muitas responsabilidades, começam-lhes a surgir pela frente desde os primeiros “teens”. Hoje, à hora do breakfast, sentou-se ao meu lado uma dessas “teen agers”. Devia ser das tais independentes, pois tomar breakfast na cidade às 8 horas só para quem não tem casa. Ficou observando meu sotaque, sorriu e me perguntou – “De onde você veio?” – “Do Brasil”. – “Imagine, tão longe!”. A mocinha estava vestida com vestido justo, sapatos de salto alto, rosto sofisticado. Imitava alguma artista de cinema. Rosto coberto de espinhas e um sorriso triste.

Já sei onde vão as ladies enchapeladas de S. Francisco. Para o clube das mulheres! Encontram-se lá todas as tardes, tomam drinks, almoçam.... Fui convidada (convite particular) para almoçar lá com duas senhoras interessadas em arte. O clube estava cheio de mulheres. Cheio de chapéus, cheio de flores. Uma espécie das Amigas da Cultura em Belo Horizonte, mas sem cultura. Só ponto de encontro das mulheres. Não é permitida a entrada de homens. Para eles também há clubes, onde podem estar à vontade, fumar, beber. Fico pensando quais serão os assuntos de tantas mulheres juntas – aqui não há empregadas para se xingar, deve haver algum assunto diferente. Nossa mesa só conversou sobre arte. Estavam bem a par de tudo, das galerias, dos museus. A senhora loira ao meu lado é irmã de Mrs. Phillips de Washington, dona daquela galeria na rua 21. Dei-lhe parabéns pelo parentesco. Mr. Phillips é um dos melhores colecionadores dos E. Unidos. É difícil mesmo encontrar-se um colecionador com tanto bom gosto. Coleção escolhida a dedo, luz apropriada para cada quadro. Deram-me endereços. Não sei como vou dar conta de responder agradecendo a tanta gente, tanta amabilidade.... Quando descemos, reparei que a moça do elevador lê Molière em francês, sobe e desce com o livro o dia todo, lê nos intervalos, enquanto as mulheres não sobem e nem descem.

4ª feira

Hoje é feriado nos E. Unidos. Poderia estar a caminho de Los Angeles, mas ainda aqui estou, em S. Francisco. Já não tenho mais nada que fazer aqui, feriado é um

dia parado. Às vezes, em tais circunstâncias, um dia é como um ano. Minhas cartas estão lá, em Los Angeles – cartas do Brasil, tão esperadas, tão queridas. Soube ontem por telefone. Não resisti e liguei para Washington. Queria saber notícias, falar com Mr. Carnahan a respeito do programa de Luiz. Fui sem sorte. Liguei às 9 horas e ele havia saído para o almoço. Achei esquisito aquilo, almoço tão cedo, estava saindo justamente para o breakfast... Só muito tarde lembrei-me do atraso dos relógios. Devia ser meio-dia em Washington. Falei com Miss Mariassy. Soube das cartas em Los Angeles. Estou louca por lê-las e presa em S. Francisco. Também por um erro marcaram para quinta-feira a minha viagem. Jurava que quinta era quarta, fiz confusão, aqui o tempo não existe, só acordo quando chega algum domingo ou feriado, como hoje. Os dias são cheios, não tenho horário. Só procuro obedecer a horários quando marco appointments. Tenho sido pontual com eles. No mais, janto quando tenho fome, almoço quando o estômago começa a doer. Não sei se isto fará bem à minha saúde; para que se ter horário quando se está só? A angústia da espera roubou-me também a capacidade de criar. Estou só, terrivelmente só. Hoje no Brasil não é feriado; as crianças, onde estarão? A quantas milhas estarei delas agora? Pergunto a mim mesma, no meio do dia, este dia interminável de quarta-feira – 22 de fevereiro. Tomei meu breakfast às 11 horas, entrei num cinema para assistir a dois filmes seguidos. Estou com dor de cabeça, escrevendo para desabafar. Volto a ter pena das velhas. Devem ser tão sozinhas morando num hotel! Há coisas desagradáveis para quem mora num hotel. Esta noite, acordei de madrugada escutando vozes na janela. Meu quarto é de fundos, dá para uma pequena área, para onde se abrem também as janelas dos fundos de outro hotel. Talvez uns três metros de distância. Gargalhadas no meio da noite, vozes. As gargalhadas ressoam dentro do labirinto do meu ouvido. Fico as escutando por muito tempo, como eco. Quando começo a adormecer, vem outra. Procuro tampar o ouvido com o travesseiro e mesmo assim ainda escuto as risadas. Por quê riem tão alto, no Brasil seria caso de chamar a rádio patrulha! De repente, um grito agudo de mulher. Gente escandalosa! Tenho vontade de abrir a janela e gritar – “Go to sleep!”. Mas tenho medo. Quando se está sozinha, o mais prudente é ficar quieta. Ficar quieta e esperar com paciência que o barulho termine. Há de chegar a hora em que eles também estarão cansados de rir. E, quando vier o sono para eles, virá na certa também para mim...

LOS ANGELES

Quinta-feira 23

Estou a caminho de Los Angeles. Felizmente, ninguém se sentou ao meu lado, posso escrever sossegada. Um jornal no banco da frente publica em enormes manchetes mais um crime dos “teen agers”: “Menino de 15 anos assassinou o pai”. Estão explorando demais a delinquência juvenil aqui. Não gosto de ler o resto. Prefiro assistir às despedidas. Uma senhora de idade beija um senhor de menos idade um pouco. Devem ser mãe e filho. O trem é igualzinho ao nosso Vera Cruz. Muito limpo, mas em vez de ser refrigerado é esquentado. Muito diferente da outra viagem que fiz para N. York, com o frio me congelando as pernas.... Aqui o sol entra pela janela, aquecendo. Parece que estou no Brasil, numa estrada qualquer de S. Paulo. Às vezes, vejo montanhas iguais às nossas de Minas. Quando o clima é igual, a terra é igual também. Não fala outra língua, como os homens. A terra da Califórnia é a mesma do Brasil, mais urbanizada. As árvores são verdinhas, vejo eucaliptos, coqueiros. Há cerejeiras importadas do Japão, colorindo a paisagem. E como há carros, meu Deus! De todos os tamanhos e feitios, de todas as cores! Ninguém deve andar a pé, é tão fácil se ter um carro! No meio dos carros, estacionado também um daqueles que vi em Belo Horizonte às vésperas do Natal. Com sala, cozinha, e banheiro, para quem vive viajando. Deve ser engraçado morar em cima de quatro rodas. Mas o mais engraçado é viajar como eu, observando tipos. Tipos interessantes nos aparecem a toda hora. Primeiro, aquele de chapelão que entrou para se despedir e ficou preso dentro do trem em movimento. “I want to go back home, let me go!”. Não havia uma porta aberta, não sei como terá se arranjado! Agora sentou-se uma velha ao meu lado. Tive de parar de escrever. Minha vizinha está de preto, mas de sapatos e bolsa vermelha. Deve ter uns 70 anos. Veio logo perguntando “Para onde vai? De onde vem, do Leste?” Engraçado, muitas pessoas me acham com pronúncia de quem mora em N. York, imagine!

Quando disse vir do Brasil, começou a declamar versos em castelhano – “Desculpe, lady, mas falo português”. – “Ah! De que parte você é de Portugal?”. Desisti de continuar a conversa. Minha vizinha agora está de prosa com o casal do outro lado.

Não para de conversar, conta casos. Os outros se divertem. Querem alguém para lhes encher o tempo na viagem. O perfume de trás mudou de lugar. Está agora no banco da frente e o cheiro vem direto ao meu nariz. Volto a olhar a paisagem. A Califórnia deve ser o celeiro do país. São campos e campos cultivados; enquanto neva no Leste, o homem planta e colhe aqui. Faz gosto ver como tratam da terra. Estamos agora em Watson View, célebre por suas plantações de morangos. Do outro lado cultivam espinafres, peras, maçãs. A velhinha está informando os vizinhos e eles escutando. Deve conhecer a terra palmo a palmo, agora mudou de assunto. É torcedora de baseball. Da janela, estou vendo o panorama. Estamos perto de algum campo de aviação. Não vejo o aeroporto, vejo os jatos no céu. Deixam um traço reto no espaço, como uma enorme cauda de fumaça. Um na frente, deve ser dos Boeings 707, muito grande; outros menores, atrás. Um já fez uma curva para descer. Quando se está lá dentro, não se percebe que vão tão depressa. A velhinha desceu. Os vizinhos lamentaram e eu também. Estava tão divertido com ela aqui! Entram outras pessoas no trem. Aquela loira platinada deve ir para Hollywood. Tem cara de artista de cinema. Veste uma calça justa, bordada, usa batom branco. Acompanha-a o marido. Ontem foi feriado. Devem ter vindo passá-lo aqui. O barulho do trem é vagaroso, quase suave. A paisagem vai ficando monótona de tanta plantação. Há pequenos chuveiros enfileirados para regar as verduras. Isto me diverte. Os chuveirinhos rodam, rodam. Estou ficando com sono. A vizinha da frente já dormiu, de chapéu e tudo. Não sei como não tem medo de espetar a cabeça com aquele enorme alfinete. Esta noite não dormi, acordei às 2 da madrugada pensando já ser hora de sair. Telefonei para a portaria e o “operator” me informou que faltavam ainda 5 horas... Enfie-me de novo debaixo dos lençóis, mas o sono custou a vir.

São 11 e meia. Hora de almoço. Deram-me uma mesa no trem, onde se encontravam duas senhoras sentadas. Duas senhoras de idade sem pintura, parecem brasileiras, ou direi melhor, mineiras. Sentou-se ao meu lado um americano de cabelos brancos. Para mim tanto faz pedir um sanduiche quanto outro; dá tudo na mesma. Diverti-me com a chegada do prato de minhas vizinhas. Pediram perna de peru, e veio uma coxa tão grande que quase não cabe no prato. Comecei a comer o meu sanduiche. Já havia provado duas vezes quando o vizinho do lado reclamou do garçom.

– “Mas eu não pedi isto, pedi o hambúrguer!”. Hambúrguer é uma espécie de carne picadinha dentro do pão. Os americanos não passam sem ele. E naquela ocasião, o hambúrguer do meu vizinho era o que estava no meu prato. Percebi o engano e me encabulei. Devo ter ficado vermelha, senti muitos olhos em cima de mim. O garçom dispunha-se a trazer outro “hambúrguer”, mas meu vizinho resolveu a questão de maneira mais prática. Trocou de prato comigo. Passou-me o sanduiche de bife, ainda intocado, e eu dei-lhe o hambúrguer. Não houve a menor discussão, tudo em paz. Impossível um povo destes querer guerra. Nas menores coisas, evitam atritos e discussão. Limitou-se a perguntar-me – “Que tal o hambúrguer, gostoso, não?”.

Finjo que vou ao rest-room e vou ver o mar. O mar está do lado contrário ao meu, para vê-lo preciso fazer ginástica. Lembro-me de que no rest-room há uma sala de espera. Bem arrumadinha, com espelhos, duas pias cor de rosa, algumas poltronas. E para lá me dirijo, sento-me à janela, em frente ao mar. Ao “oceano”, como eles dizem. Viajamos horas e horas pela costa. Não há acidentes, não há praias de areia como no Brasil. O mar é manso, enorme, chega quase até as rodas do trem. Fico olhando sem me cansar. Entram senhoras e me perguntam se estou na fila – “Não, estou apenas olhando”. Fico olhando até o trem desistir de acompanhar o mar.

Estamos passando num estacionamento de “mobile homes”, casas ambulantes. Parecem pequenos vagões de trem de ferro, os tamanhos variam conforme a família. Há muitos com televisão. São casas com número, mas sem rua. Se alguém perguntar a um dos moradores do mobile home onde mora, certamente dirá: moro no número tal da rua que bem entender. Não sei se serão felizes. Há uma certa instabilidade nesta mudança de cenário constante. Depois explicaram-me. São engenheiros que às vezes têm de mudar de cidade. Em vez de vender móveis e montar outra casa, transportam a casa montada para outro lugar.

Los Angeles

Veio esperar-me à estação um estudante da universidade. São rapazes que irão ser mais tarde diplomatas. Revezam-se para receber os convidados. Um vem receber o estrangeiro na estação, outro no dia seguinte, às 9 em ponto, vem procurá-lo no hotel. Leva-o a algum museu, paga-lhe o almoço. Surpreendente a atitude desses jovens,

dispondo-se voluntariamente a ajudar o Departamento de Estado. Não recebem para isto, gastam gasolina, pagam almoço. Estão convictos que esta é a melhor maneira de um estreitamento de relações internacionais. Às duas em ponto, fui entregue a outro estudante. Levou-me de carro a Beverly Hills, o bairro das artistas de cinema. As casas não são casas, são palácios, ficam situadas em parques, as artistas levam um vidão. Parecem de sangue azul. Têm os melhores Cadillacs, moram em mansões, com empregadas etc. Constituem a classe rica de Los Angeles. Corremos algumas galerias de arte. Pertencem geralmente a artistas de cinema, que ali depositam o dinheiro, para diminuir o imposto de renda. E com isto, os artistas plásticos vão lucrando. Vendem quadros e vendem bem.

Hoje fiquei muito feliz. Vendi um desenho em Seattle. Recebi aviso de Mrs. Duzanne. Estava eufórica com a rapidez com que o quadro foi vendido. No mesmo domingo que saí. Escreveu-me contando. Estava escutando o rádio, quando entraram dois casais na galeria. Vieram ver outra exposição. Sentaram-se e começaram a folhear os catálogos em cima da mesa. Interessaram-se especialmente por um vindo do Brasil. Um dos casais havia recentemente feito uma viagem ao Brasil. Mrs. Duzanne foi buscar meus desenhos. Interessaram-se por um denominado “Boats” – “But, it is just like Brazil” disseram. Compraram o desenho. Mrs. Duzanne ficou admirada com a rapidez. Escreveu-me, mandou-me o cheque de 65 dólares. Ficou com 35 para ela, o desenho foi vendido por 100 dólares, sem moldura, nem nada. Imagine, um desenho, 20 mil cruzeiros..., mas a alegria maior tive com aquela pequena frase: “It is just like Brazil!”. Representa a pátria ser parecido com ela; não pode haver maior alegria para uma brasileira...

Sou a brasileira pintora abstrata, que está a convite do governo. Há um estudante para correr o museu comigo. Estou cansada de uma noite mal dormida, mas não deixo perceber. Não posso me queixar de cansaço. Não faz parte do programa. O estudante vai ser diplomata. Tem que entrar em contato com os estrangeiros. Faz parte de seu programa. Não está acostumado a entrar em museus, fica vermelho quando vê alguma estátua ou quadro de nu. Leva-me a almoçar no restaurante dos professores. Deixo-o escolher o menu para mim. – “Que tal o hambúrguer?”. Tenho que engolir o tal de hambúrguer. Como devagar, tenho de falar inglês nos intervalos.

Dispenso a sobremesa para não ficar caro. Coitado, pagará tudo de seu bolso... não sei se os estudantes terão o mesmo problema dos estudantes brasileiros. Pelo menos, todos têm carro. Não se anda a pé em Los Angeles. As ruas são largas, o trânsito de automóveis é enorme. Os estudantes da Universidade encostam o carro no estacionamento e vão assistir às aulas.

Passar fome é uma coisa bem triste. O estômago começa a doer e a dar sinal de que existe. Acordo com fome. Depois do “hambúrguer” do meio-dia, não comi mais nada. Deitei-me exausta às 4 horas, vesti mesmo o pijama, e não tive mais coragem de levantar. Estou vendo a fome chegar, mas o cansaço é maior. O cansaço domina o corpo inteiro, a fome, apenas o estômago. Consigo dormir um pouco para compensar a insônia das outras noites. Já é um alívio. Mas a fome não me deixa dormir direito. Levanto-me, lembro-me que guardei um pedaço de chocolate na gaveta. Com aquele tablete pequenino, já meio comido, consigo acalmar o estômago por mais algumas horas. Preciso ficar mais previdente, deixar alguns biscoitos de reserva no quarto. Quando não tiver coragem de me vestir e sair para o jantar, pelo menos não passarei fome como estou passando hoje!

Corri escolas e mais escolas hoje. Estou parecendo até inspetor de ensino. De manhã, Miss Patrícia Alexander veio me buscar. É uma moça simpática, um cabelo exótico e 1,80 de altura. Guia automóvel, fuma, mora sozinha num apartamento perto da Universidade. Corremos juntas algumas escolas de arte, uma de criação, outra de arte comercial. Os processos de ensino são os mais variados. Aprende-se o modelo, o eterno modelo nu das escolas acadêmicas. Em S. Francisco, lembro-me que numa universidade colocavam vários modelos, várias peças para o aluno dali tirar sua ideia. Garrafas, panos, estatuetas, pedaços de papel, enfim, uma infinidade de coisas. Dali do amontoado saía a inspiração. Aqui em Los Angeles, fiquei vendo como se dá formato aos automóveis último tipo, desde seus primeiros modelados. Trabalho de alunos da escola de arte industrial. Mas de todas as escolas, sem dúvida a mais original é das irmãs do Sagrado Coração, situada em Hollywood.

Hollywood não é absolutamente o que pensamos no Brasil: não é o lugar onde se encontram os estúdios, nem onde vivem os artistas. Os estúdios estão espalhados

pela cidade de Los Angeles e os artistas moram em Beverly Hills, em palácios ajardinados. Hoje, os cinemas de Hollywood lançam os filmes em primeiro lugar, com grandes premièeres a rigor. Lá se encontram as melhores boates da cidade, a vida noturna e a boemia de Los Angeles. As vitrines lembram Copacabana em pleno verão, roupas coloridas, chapéus de palha. No alto daquela ladeira está o Colégio das irmãs do Imaculated Heart. Vamos à procura de Sister Madalena Mary, a do seu curso de arte tão famoso. Li qualquer coisa a seu respeito numa revista americana e há seis anos espero esta oportunidade de encontrá-la. O colégio é um colégio católico como qualquer outro em qualquer parte do mundo. Corredores e mais corredores, escadas e mais escadas.

Meu cicerone é católico, estudou em colégio jesuíta, tem a mesma impressão que estou tendo. Os colégios católicos não diferem de um país para outro, têm sempre o mesmo aspecto, a mesma construção. Assemelham-se na construção, não no espírito. Sister Mary recebeu-nos alegremente, leva-nos por corredores escuros até o imenso porão que ocupa e abre ao público. Acende a luz e não vejo quadros. Vejo bonecos, brinquedos, vasos, lanternas, flores de papel, figuras de marionetes. Parece que estou num enorme quarto de criança, quarto de brinquedos, mesmo, com prateleiras e mais prateleiras. Ali está o mundo mágico de Sister Madalena. Recebe estes brinquedos, caixas de música, objetos de arte, de todas as partes do mundo. Sua coleção é tão grande que poderia abrir um museu. Mas a finalidade daqueles objetos é muito diferente. Não ficam friamente expostos atrás dos vidros, com um pequeno letreiro indicando a data em que foram feitos. Podem ter 200 ou 300 anos, podem pertencer a épocas pré-históricas. Mas no Studio de Sister Madalena os objetos não têm idade. Pertencem ao presente, estão ali para serem olhados, sentidos, apalpadados. As caixas de música estimulam a imaginação, introduzem o adulto no mundo perdido da infância. Tudo tem vida e movimento, são pássaros que cantam dentro de gaiolas, bonecos que saltam da caixa para tocar tambores, dançarinos, marionetes, uma infinidade de coisas se mexendo. Sister Madalena vai nos mostrando tudo. Abre as caixas, dá corda nos brinquedos. Depois leva-nos a outra sala, onde dá as aulas. Ali se reúnem os alunos, em mesas enormes. Às vezes, no princípio tem que se valer de certos processos para libertar a imaginação do aluno. Coloca uma só tela, ou um só

papel no chão ou na mesa. Cinco alunos vão pintar o mesmo quadro, usando o pincel diretamente molhado na tinta, sem um esquema preliminar. O resultado, segundo informa, é extraordinário. O artista liberta-se do anedótico, da ideia de querer sempre representar determinada história. O quadro não significa nada. São cores, formas e manchas, feitas por uma equipe de pintores, sem um estudo prévio. Uma de suas colaboradoras, e talvez a mais conhecida do público americano é, sem dúvida, Sister Corita. Vi trabalhos de Sister Corita em Washington e em S. Francisco. Irão a N. York no próximo mês de março para uma exposição.

Sister Madalena está a par de tudo: assina revistas de arte do mundo inteiro e conta-nos sorrindo que assinava uma revista polonesa; um dia, vieram avisar-lhe de que aquela revista não deveria ser assinada por uma freira, estava compactuando com os comunistas. “Não via nada demais na revista, apenas as informações artísticas, mas tive de parar de assinar...”. Saí de lá impressionada com o processo inteiramente novo de fazer o adulto livrar-se dos preconceitos de arte e de se expressar espontaneamente.

Sister Madalena pede meu endereço e de meu cicerone. Não pode se demorar mais nem um minuto, o sino já tocou e tem de rezar as vésperas. Corre jovialmente, como uma menina, envolta naquele característico rumor de terços e saias azuis...

Domingo – 26

Espero um telefonema ao meio-dia. Quando o relógio marcar exatamente meio-dia, alguém me telefonará. Alguém que não sei ao certo vai me levar a algum lugar. Vai me pegar de carro no hotel. Mostrar-me Beverly Hills, ou Disneylândia. O serviço de assistência aos convidados do governo aqui é o melhor dos E. Unidos. O visitante vê tudo, percorre a cidade, vai a museus, galerias, sempre acompanhados por um estudante. Enquanto espero o telefonema, escuto no rádio músicas escolhidas. Estou ouvindo uma informação de N. York. As tempestades de neve continuam a martirizar o povo do Leste. Colégios parados, tudo interrompido pela neve. Bem poderia ficar mais aqui, o clima está tão parecido com o nosso do Brasil..., mas não posso ficar mudando o programa de cidade em cidade. Já fiz a besteira de ficar mais

em S. Francisco. S. Francisco é, sem dúvida, uma cidade linda, mas chegam sábado e domingo, o visitante que cuide de si. E, às vezes, fica-se sem saber para onde ir.

PHOENIX

27 de fevereiro

Sim, decerto, sou uma pessoa muito afortunada. Disseram-me isto duas vezes hoje, primeiro o estudante que me transportou ao aeroporto; agora, está senhora que está ao meu lado. Poder viajar, conhecer cidades, pessoas, tudo no melhor conforto possível e sem a menor despesa, não é oportunidade que se acha todo o dia. Aqui estou, de novo no ar, a bordo de um avião da American Airlines. Viajamos ao longo da costa, rumo ao sul. O avião inclina-se um pouco e posso admirar a paisagem da Califórnia, vista do alto. Los Angeles custa a passar. É uma cidade enorme, talvez a maior dos E. Unidos. Estende-se a perder de vista, num traçado uniforme de ruas, avenidas e praias. As praias não são sinuosas como as praias brasileiras. São retas, sem acidentes, acompanhadas de perto por um oceano muito verde e muito manso. É o que posso dizer da costa do Pacífico. Quem sabe, o nome Pacífico sugere esta ideia de paz – não sei, talvez haja alguma relação, talvez seja apenas coincidência. A americana ao meu lado vai para San Diego, ajudou-me a carregar meu “portfolio” até o avião, espontaneamente, quando me viu em apuros com tantos embrulhos. Paramos meia hora em S. Diego, mas meu destino é Phoenix, Arizona. Lá estarei às 7 horas da noite. Ninguém irá me esperar, como em Los Angeles. Viajo em avião diferente e em diferente horário. Algumas companhias de aviação ainda estão em greve, tomei a American Airlines que seguiu duas horas depois do meu programa. O estudante explicou-me tudo pacientemente. Chegando ao aeroporto, devo telefonar para o meu “sponsor” em Phoenix. Naturalmente, tomará providências para mim. Não preciso me assustar. O Departamento de Estado tem sido muito eficiente. Por que este medo, esta expectativa em torno de uma simples decolagem? O avião está cheio de passageiros, ninguém parece ter medo, sentem-se seguros a bordo. Também procurarei me sentir segura e olhar a paisagem de S. Diego, extraordinariamente acidentada, recortada de lagos e montanhas. Olhando para aquele morro mais alto, enxergo Belo Horizonte. É o pico, sem dúvida, tão longe e tão parecidas essas duas paisagens, devem ter nascido

no mesmo dia.... Estou chegando em minha terra, numa tarde de verão, é esta a impressão que tenho ao ver as montanhas de S. Diego do alto de um avião; o mesmo colorido, o mesmo céu azul. Só falta aterrissar e abraçar meus filhos, que há muito não vejo! A lembrança dos filhos traz-me um aperto na garganta, e não fica de todo bem começar a chorar aqui, na frente de tanta gente. Ainda bem que estou de óculos escuros. Ninguém está vendo, posso chorar escondido.

Procuo distrair minha vista naquele chapéu prateado que está à minha frente. A dona do chapéu é jovem, tem o característico nariz arrebitado de toda americana. Veste um tailleur cor de areia e este chapéu de um rosa prateado. O avião ganhou distância e eu vejo embaixo areia também. Não estou mais no Brasil, a paisagem é estranha para mim, agora. Entramos no deserto, tudo coberto de uma areia rosada, com poucos acidentes. O avião joga um pouco, custo a escrever. Vou acompanhando o areal e vejo uma estrada. Não é que estes americanos conseguiram amansar até o deserto? Urbanizaram um grande trecho, plantaram, estou vendo recortes de verde por cima do rosa da areia, rodeando um grande lago, que o mapa diz ser Salton Sea. Depois, o deserto de novo, a se perder de vista. A aeromoça veio servir o jantar. Escolho com cuidado o que comer. Tive que passar a chá hoje novamente, esta é a minha primeira refeição de sal. Preciso comer, porque não aguento viajar em jejum. Preciso tomar providências, reservar hotel, e quase sofri um desmaio no aeroporto de Los Angeles. Passar a chá, só quando se está em casa, nos cômodos. Mas sozinha, em país estranho, a caminho de outra cidade mais estranha ainda, encravada no deserto do Arizona! ... para aguentar esta aventura é preciso muita coragem e saúde. Justamente hoje, meu estômago resolveu demonstrar rebeldia aos menus americanos. Comi galinha com arroz no avião, e dobrei a dose de chá. Vamos ver se aguento. Já está escuro lá fora, apenas aquele horizonte vermelho, mais vermelho que o nosso de BELO Horizonte. "Beautiful Horizon", tive que traduzir esta palavra quase todos os dias. Só depois da tradução, eles a entendem e podem repeti-la num português muito pelejado. Penso que ensinei geografia a muita gente... O avião começou a se sacudir um pouco, minha xícara de chá está tremendo e dançando por cima da mesinha. Vejo luzes ao longe, estaremos chegando?

27 de fevereiro

Cheguei. Vieram esperar-me no aeroporto. Um casal muito simpático. Estou já pronta para dormir. O hotel é o melhor em que já estive nos E. Unidos. Vou fingir que sou rica, muito rica, estes dois dias. Olhando para este quarto mobiliado em estilo moderno, com tudo de luxo, fico pensando em como fui tola de imaginar Phoenix uma terra de índios! Foi grande a minha surpresa. Phoenix é uma grande cidade, vi-a do alto e a acomodação do hotel Sky Riders é uma maravilha. Sky Riders quer dizer “caminho do céu”, porque fica pertinho do aeroporto. Vou embarcar amanhã para Flagstaff e ver o Grand Canyon. Estou morta de cansaço. (Sem data)

Phoenix é uma cidade moderna, a mais moderna que já vi nos E. Unidos, terra de Frank Lloyd Wright. Há prédios que recordam o estilo de Niemeyer e Lúcio Costa, o calor lembra o Rio de Janeiro em manhã de primavera. Há boutiques de bom gosto, lojas com estilo próprio, criações coloridas, estamparias modernas. A jovem senhora que veio me receber no aeroporto usa os cabelos cortados bem curtos, como qualquer carioca de Copacabana. Guia-me agora pelas ruas da cidade, mostrando-me as lojas. Este ano, nas férias, irá à Europa com o marido, mas pretende algum dia conhecer o Brasil. Tiramos retratos em frente às laranjeiras. Há laranjas plantadas na rua, em fileira, os pés carregados de frutas... (Sem data)

Novamente voando. Estou comprimida no interior de um avião. Ao meu lado, uma senhora com uma criança de colo, linda. Não posso ver a paisagem. Alguém irradia em inglês os lugares por onde passamos. Escuto, mas não vejo. Não há possibilidade de se enxergar nada. Sentei-me num banco de três lugares, apesar de ser primeira classe. Não marcam lugares nos aviões menores. Quem chega primeiro fica mais bem situado. Fiquei junto ao corredor a fim de acomodar ao longo do banco minha pasta de desenhos. Vim cheia de embrulhos. Os casacos, não podendo ser vestidos, pesam nos braços, esquentam. Terei de descer em Albuquerque e trocar de avião. Carrego a pasta de desenhos, uma sacola de viagem, guarda-chuva, dois casacos! Como detesto carregar coisas!

A criança ri para mim, mostrando os dentinhos. Agora, já vejo um pedaço da janela e, esticando bem o pescoço, enxergo a vista lá embaixo. Há um rapaz de óculos no meio, só vejo a paisagem quando ele abaixa o livro que está lendo. Vejo montanhas

e montanhas e, no meio delas, neve! País cheio de contrastes! Acabei de deixar o Arizona, em pleno verão, para em 20 minutos recomeçar com o cenário de neve. A criança está brincando com o menino do banco de trás. Não chorou ainda nenhuma vez, encontrou distração. As crianças nos E.U. são tão calmas, qual será a qualidade de vitamina que tomam? A mãe está de calças compridas e fumando um cigarro; meu vizinho fuma; o nenê calça sapatinhos de pelica com um guiso amarrado, quando balança os pezinhos é aquela música deliciosa. Tenho vontade de segurar um pouquinho o nenê, para a mãe poder fumar sossegada, mas estou tão cheia de embrulhos que não posso me oferecer. Só vejo, pela fresta da janela, pedaços de montanha em baixo, a fumaça dos cigarros e os pezinhos do nenê flutuando no espaço. – “Favor não fumar”, anuncia o locutor; estamos chegando.

SANTA FÉ

1º de março

Deitei-me cedo, mas não consegui dormir. Fui buscar açúcar no dining room. Para chegar até lá, tenho de atravessar uma passagem ao ar livre. Arregaço o pijama, ponho um manteau, e vou à portaria. Não me vendem; dão-me cinco pacotes de açúcar.

Outra noite mal dormida. O cansaço não me deixa ter um sono tranquilo. Viro na cama. Consigo dormir uns 20 minutos e acordo sobressaltada. Estou chegando em Los Angeles. Não, não é Los Angeles mais, é Phoenix, no deserto do Arizona! Sim, o deserto, a terra irrigada e plantada, o Sky Riders e a piscina verdinha.... Acendo a luz. A garganta secou-me totalmente com o aquecimento do quarto. Tenho de beber água urgente. Reparo que não estou mais no luxuoso Sky Riders – meu quarto é singelo e rústico, as paredes de tijolo... De novo procuro dormir, mas o sono não vem. Misturo

as caras que conheci esta semana, meu cicerone de Phoenix batendo palmas no teatro e eu quase desmaiando de cansaço. Se desmaiar vai ser um escândalo... **já** começo a ver tudo rodando, meu Deus, um terço por alma de papai se não desmaiar... Depois, aquela senhora que esteve no Brasil e tenta fazer críticas à minha terra. Fico vigilante como um gato. Se ela me ataca, eu ataco também, imediatamente. Agora, já não é mais Phoenix. É Los Angeles de novo, Mrs. Alexander procurando me ajudar. Mrs. Alexander tem uma filha solteira, estudante. A filha levou-me a correr escolas de arte, agora estamos almoçando. Mrs. Alexander parece uma artista de cinema e mora em Beverly Hills. Vai me comprar dois desenhos. Vejo os estudantes me transportando de carro para todos os lugares, naquele rush de ver tudo em cinco dias!

Acendo a luz novamente. Meu quarto tem duas camas unidas. É singelo e rústico como um quarto de mosteiro. Mas não é mosteiro, não! Não há cruz na parede. Por cima da minha cama, uma fotografia representando um cavalo. Uma cara de cavalo enorme, olhos arregalados, boca aberta. Na cortina amarela, os cavalos correm também. São cavalos pretos, cavalos brancos, um estampado de cavalos de alto a baixo.... Não posso ficar de luz acesa e ver tantos cavalos em minha frente.... Prefiro abrir a porta do banheiro e esperar que a claraboia ilumine o ladrilho do chão. Luz de claraboia é uma luz de paz, vinda do alto. Dá um reflexo azulado pelo quarto e acalma o sono como uma benção... só de madrugada consigo dormir.

Acordo cedo e vou tomar meu breakfast. Tenho de me agasalhar para ir até a outra ala do hotel. Já vejo neve novamente. Neve acumulada em cima dos canteiros, queimando a grama. Um sol brilhante como o sol de Phoenix, mas frio, apesar de tudo. Estamos nas montanhas, a muitos metros de altitude. A mocinha do hotel serviu-me café. Lembro-me dela ontem à noite, quando cheguei sozinha com a minha bagagem. “- Qualquer coisa que precisar, estamos aqui às ordens – é só ligar o telefone. Não faça cerimônia. ”... Aqui contratam moças para orientarem as empregadas. São bonitas, ganham 250 dólares por mês, sem despesa alguma, só para dirigirem a parte social do hotel. São amáveis com os hóspedes, procuram resolver-lhes as dificuldades. Servem o café à vontade do freguês. Pode-se repetir muitas vezes, sem pagar. Parece casa de tia Salomé. Tenho de pôr a mão por cima da xícara – “Não, não quero mais café, thank you!”.

O hotel está cheio, vem gente de longe esquiar aqui. Ainda ontem, deixei aquele casal queimado de sol, de mãos dadas, entrando no quarto do hotel de Phoenix. Agora já vejo outros casais. Não estão de short, como o casalzinho de Phoenix, são casados mesmo, de aliança, com filhos. O menino parece com o Arturzinho. Fico olhando demoradamente para a criança. É o mesmo jeito do Tu. Deve ter uns dois anos e não para. Mexe em tudo – trepou na cadeira, derramou açúcar. Igualzinho aos meninos brasileiros. Sinto uma coisa esquisita me apertando a garganta. Cenas de família são sempre comoventes para mim.

“Take good care of yourself” – Mr. Carnahan escreveu-me de Washington. Sim, estou tomando cuidado. Vou me alimentar bem e tentar dormir. Naquele retrato de Seattle eu estava tão gorda! Como é que emagreci assim de repente? Vou almoçar no restaurante. Ponho os óculos escuros. Ninguém vai ver que meus olhos estão vermelhos, posso entrar sossegada. Na sala ao lado, separada do restaurante por uma parede envidraçada, reúne-se, em enorme mesa, um clube de mulheres. Todas têm cartões presos no peito, com os respectivos nomes. Fazem discursos, batem palmas. Escolho uma mesa sozinha, perto da janela. Posso ver a neve espalhada sobre a grama, neve dura, que não derrete nem com o sol. A mocinha do hotel simpatizou-se comigo. Fica me olhando de longe, com uns olhinhos miúdos, muito brilhantes.

- Everything all right, Mrs. Andrés?
- Yes, everything all right.
- Seu nome é Andrés?
- Meu primeiro nome é Maria Helena.
- Oh! Que nome bonito, Mary Helen!

Março - 2

Vieram buscar-me para correr o Museu de Santa Fé. Mais um para minha coleção. Inteiramente diferente dos outros. Não reparei os quadros, fiquei fascinada com a arquitetura. Tudo em Santa Fé traz a lembrança dos primeiros conquistadores

espanhóis. São as igrejas, as casas, os museus. Não há estilo importado, como já tenho tido oportunidade de ver em outras cidades, uma mistura de árabe e greco-romano. O estilo aqui é autêntico, original, prédios construídos na época da colonização, com o espírito da época. São enormes portas de madeira, sem verniz, o teto também em madeira trabalhada. Não têm a riqueza e a suntuosidade do barroco português, é um estilo mais pobre e mais sóbrio, porém, muito interessante. As casas são de adobe, parecem tabas de índios; meu hotel e meu quarto têm a mesma pobreza e a simplicidade das outras construções. Não há luxo, mas há uma graça, um encanto, nessa decoração diferente e original.

Mr. Maussy é o nome do meu responsável aqui. Trouxe-me cartas do Brasil, levou-me a almoçar no restaurante de um dos melhores hotéis locais. A mesma decoração característica de todas as casas de Santa Fé, muita influência mexicana, misturada ao gosto popular dos índios locais.

Março – 3

Estou andando com dificuldade por cima do gelo duro. Não é mais neve, é gelo. Deve ter caído alguns dias antes e rodeia o passeio de Mrs. Martin. Vou arrastando as mãos pelo reboco da parede para não cair. Mrs. Martin vai à minha frente. Trabalha no museu e é artista também. Agora leva-me ao seu ateliê. É uma casinha pequena, no mesmo estilo singelo e pobre de Santa Fé. Coleciona trabalhos de outros artistas também, e nas três salas de entrada vejo espalhados, pelas mesas e prateleiras, pelas paredes e armários, os objetos mais variados. São livros, catálogos, desenhos, material de pintura, uma mesinha cheia de potes de tinta, dois forninhos para cerâmica. Custo a começar a enxergar as coisas, naquele ambiente cheio de solicitações diferentes. Mrs. Martin desenha sobre papel veludo, como eu, pinta quadros abstratos e para variar, faz uma quantidade de pequenos cinzeiros coloridos e medalhões de cobre. Vou observando aquilo tudo com cuidado. Mrs. Martin mora sozinha naquela casa, sozinha com os gatos. Pergunta se eu gosto de gatos e antes que eu responda que os detesto, lá estão eles na minha frente. Dois gatões enormes, gordos, bem tratados. Um deles

está querendo pular por cima de mim e eu me afasto horrorizada. Olho aqueles olhos redondos, azuis, cheios de pintas, parecem os cinzeiros que Mrs. Martin faz.

“- Você tem medo de gatos?”. A pintora já está com um no colo como se fosse um nenê. Beija-o, alisa-lhe o pelo. “Em sua casa não tem gatos?”. Não posso explicar em inglês que já estou farta deles, que os gatos são o meu flagelo, que escolhem de preferência o meu ateliê para terem ninhada! Ela, tão carinhosamente cuidando dos seus, e eu procurando enxotar os meus com a vassoura do meu ateliê de Belo Horizonte! ... Mrs. Martin é cheia de compromissos. Precisa estar ao meio-dia no museu para lanchar com uma amiga, mas ao mesmo tempo quer ver meus desenhos. Tomamos o carro e vamos buscar os desenhos no hotel. Ficarão com ela no museu, até de tarde. Eu também tenho compromisso para o almoço, não posso me demorar. Deixamos os gatos e os quadros de Mrs. Martin.

Vou comprar selo na portaria do hotel e lá eu encontro com Mr. John Pogzeba. Mr. Pogzeba é conservador do museu. Nasceu na Polônia, mas reside há muitos anos nos E. Unidos. Está me cumprimentando sorridente – “Vi seus desenhos, gostei muito. Você quer me vender um? Não é para mim, é para o museu. Estive pensando em comprar quadros de três artistas brasileiros. Você será um deles...”. Santa Fé, New México, é a cidade mais artística dos E. Unidos. Cada pedra da rua respira arte. E para mim seria muito agradável figurar num museu de Santa Fé. Estou interessada na venda. “- Os desenhos estão com Mrs. Martin, quando eles chegarem o senhor poderá escolher o que mais lhe agrada”.

Mr. Maussy vem trazer meus desenhos. Estou com a pasta na mão, escutando o que ele me diz. Mr. Maussy é o meu responsável aqui e um dos diretores do museu. Está me convidando para expor lá. “- Será muito interessante para nós termos uma exposição de artista brasileira. Seus desenhos precisam ser vistos aqui...”. Estou meio pasma com tantas solicitações. Primeiro, o conservador querendo me comprar um para o museu. Agora, o diretor me oferecendo a sala para expor. “- Nós lhe remeteremos direto para o Brasil, se não puder vir na ocasião... faremos tudo, a senhora não terá despesa alguma...”.

Já estou correndo outro museu. Vejo coisas diferentes, trabalhos de índios, vasos, cerâmicas, arte folclórica. A senhora ao meu lado está me explicando tudo. Tiro os olhos das prateleiras e, para variar, reparo os sapatos da funcionária do museu. São grossos, de borracha, parecem os sapatos do Beto... volto a olhar os vasos, redondos, feitos há muitos anos. Lembro-me de ter visto em Los Angeles vasos de cerâmica semelhantes a estes, feitos pelos primitivos gregos, 4 mil anos antes de Cristo. Em matéria de cerâmica, tanto faz ter nascido na Grécia há 6 mil anos, como no México há 800 anos. O estilo é o mesmo. E o mesmo também dos nossos artistas populares da Bahia. A sala de arte sacra é diferente. As figuras são estáticas, não têm a dramaticidade dos santos barrocos: “– Como conseguiu uma coleção tão boa de arte popular? Nunca vi tantas obras de arte antiga colecionadas num museu”. Minha vizinha sorri triunfante. Trabalha aqui há doze anos, tudo foi organizado por ela... são santos pintados sobre pedaços de madeira, santos esculpidos, figuras morenas de raça espanhola. Vou desfilando um por um, como se passasse em revista um batalhão. Já não presto mais atenção nos santos. Estou olhando para eles, são lindos, mas meu espírito anda longe. “Como poderei fazer a exposição aqui? De quantos quadros poderei dispor? E a de N. York?”. A cicerone já me conduz a outra sala. São roupas de todos os países. Fantasias e mais fantasias, dependuradas nos cabides. Saio de lá às 5 horas, com a neve caindo. O diretor do Museu veio trazer-me ao hotel.

Preciso telefonar para Washington. Preciso avisar Mr. Carnahan que não vou seguir domingo. Pode mandar alguém me esperar e eu quero visitar um famoso centro artístico que existe perto de Santa Fé. Não posso perder a oportunidade. São 11 horas da noite, a chamada faz-se imediatamente. Atende-me uma voz húngara, muito minha conhecida. É Miss Mariassy – “Quem está falando”? - Mr. Carnahan não está, está doente, no hospital. Dou-lhe o recado. Imagine, logo agora que estou para voltar, Mr. Carnahan resolve adoecer! E o que estaria fazendo Miss Mariassy à meia-noite em casa de Mr. Carnahan? Porque, se aqui são 11 horas, lá deve ser, no mínimo, meia-noite ou uma hora da manhã.

4 de março

Estão me chamando no lobby do hotel. É o Heitor Martins, de Belo Horizonte, com a esposa. Conhecemo-nos de nome, mas é a primeira vez que os vejo. Moram em Albuquerque, Heitor foi contratado pela Universidade para lecionar. Vieram a Santa Fé procurar-me e vão almoçar hoje comigo. Saímos para ver a cidade, tiramos fotografias.

5 – Domingo

Estou sentada no pátio interno do hotel, tomando sol. A felicidade de poder ficar sentada ao sol não é ventura para todos os dias. Nevou muito de manhã. A grama está parcialmente coberta de branco. O hotel de Santa Fé chama-se La Posada. O nome é sugestivo para o repouso de espírito que ele proporciona. Estamos no campo, há árvores, grama, pinheiros, e agora este sol agradável de 4 horas da tarde. Vem um cachorro lambe-me as pernas. Nunca me viu antes, mas parece ser meu amigo! Sentou-se nas patas traseiras, bem à minha frente, e está me olhando com os olhos parados. Não sei se por efeito da tarde tão calma, não tive, pela primeira vez na vida, nenhum medo do cachorro. Deixo até que ele fique me fazendo festa com as patinhas em cima do meu colo. A presença do cachorro americano não perturba um minuto sequer a serenidade desta tarde de domingo. O hotel La Posada não é apenas repousante. É divertido também. Houve uma festa outro dia. Fiquei no lobby espiando. As grã-finhas da cidade chegavam aos bandos, acompanhadas. Vinham cheias de joias faiscantes e vestidos decotados. Poderiam perfeitamente serem inscrites na coluna do Wilson Frade. As mulheres de Santa Fé parecem mulheres brasileiras. São morenas, talvez uma mistura de espanhol com índio. Procurei alguém conhecido, mas nesta região não há ninguém. Fiquei como expectadora, muito tempo reparando em silêncio o movimento. Aqui não há preconceito racial. Até uma moça parálitica, na cadeira-de-rodas, veio assistir à festa. Canso-me de olhar e vou para o meu quarto dormir.

Aos sábados e domingos, o movimento do hotel é diferente. Começa cedo, com os carros saindo em direção às montanhas. Os rapazes trazem suas girls e vão esqui. Vestem slacks coloridos, calças justas, botas, gorros de lã. Amarram os esquis em cima dos carros e só voltam à tarde, também em bandos, já cansados do esporte. Posso ver da minha janela a hora que eles chegam. Se vou ao restaurante tomar chá, lá estão eles, em grupos separados, cada um com seu par. Aquela principalmente me

impressiona, pela semelhança com as moças brasileiras. Tem os cabelos amarrados em coque por cima da nuca, a pele morena, os olhos escuros. Conversa com um americano alto, bronzado de sol, e conversam em inglês. Só isto faz-me lembrar que não estou na minha terra. Não, não é apenas a língua que me faz recordar a distância da pátria, o ar dos rapazes é diferente. As moças parecem brasileiras, mas não sei por quê, os rapazes nunca conseguem parecer brasileiros. São reproduções coloridas, em todos os matizes, de James Dean e Elvis Presley...

Na pequena comunidade de Santa Fé e, especialmente, no hotel La Posada, os programas variam conforme as horas do dia. Há o dia das mulheres jogarem. Fecham a porta do salão, mas vejo-as através da vidraça que dá para o restaurante. Jogam baralho, fumam. Em geral, vêm de chapéu e assim permanecem o tempo todo, olhos fixos nas cartas. O ambiente é inteiramente feminino, deve ser o clube das mulheres de Santa Fé. Agora, é o dia dos homens. Não jogam cartas, mas xadrez. Estão de olhos no tabuleiro. Alguns permanecem por muito tempo segurando o queixo, imaginando como vão mexer a pedra. Custam muito a resolver, e o parceiro tem a santa paciência de esperar. Povo calmo, este americano! Não discutem política, nem futebol, não xingam o governo!

E olhe que há políticos também no hotel! Há dois meses estão aqui, organizando as leis. Dois senadores e uma porção de legisladores. Sentam-se em grupos no restaurante, conversam baixinho, nem parecem ser os importantes da região! Santa Fé é a capital do Estado de Novo México, aqui se reúnem, de dois em dois anos, os políticos locais. Há também a comissão de energia atômica. As experiências atômicas são feitas a poucas milhas daqui, numa região muito bonita, que tive a oportunidade de enxergar de longe. Lá estão eles no salão do hotel, posando para os jornais. Devem ser mais ou menos uns 40 homens, todos com um cartãozinho no peito. São estes, então, os famosos cientistas que estudam, aperfeiçoam e fabricam as terríveis bombas destruidoras! Posso vê-los de perto. Não têm cara de carrascos, parecem homens normais, como qualquer pacato americano. No entanto, são de certo modo os responsáveis pela futura destruição de alguma parte do mundo! Sinto um arrepio no corpo ao vê-los posando sorridentes para o fotógrafo. Um, dois, três... não é a bomba, não, é o flash que, de repente, ilumina a sala...

Em Vossas mãos, Senhor, entrego o meu espírito! Esta é a décima vez que entro num avião nestes dois meses. Ainda não me acostumei com os voos. A manhã não poderia ser mais bonita, o céu está claro, o sol ilumina as montanhas em baixo, cobertas de neve. Escrevo para esconder o medo. Deixei Santa Fé para trás, estou a caminho de Washington, devendo parar alguns momentos em Chicago e Ohio. Em Santa Fé, consegui repousar um pouco do cansaço destas viagens seguidas. Consegui andar, pisar a grama, sentar-me debaixo de árvores. Saía do meu quarto direto na área, sem precisar de elevador; podia abrir a janela, espiar o céu lá fora, e o movimento das chegadas e saídas do hotel. Passei horas olhando aquela montanha distante coberta de neve, como se fosse vê-la pela última vez. Agora estou sobre montanhas. Lá estão elas, embaixo de mim, cobertas de neve. O avião não é desses que aventura grandes altitudes. Voa baixo, jogando sem parar. Vou tentando pôr em ordem as impressões destes últimos dias e escuto a voz daquele jornalista de Santa Fé que veio me entrevistar ontem no hotel. “Deus criou o campo e o diabo criou a cidade”. Achei muita graça na frase e na figura do jornalista. Mora há 50 anos em Santa Fé, deve ter quase 80 anos, agora, mas ainda escreve. Está escrevendo um livro sobre os estrangeiros nos Estados Unidos. Dentro daquele paletó de pele de lontra, calça listrada de vermelho e preto, chapelão desabado com um lenço verde em redor, parecia uma figura digna de um filme de far-west. Apesar da idade, ainda é vivo. Sabe contar casos engraçados. “- Escuta, young lady, isto é para você contar ao seu povo, lá na sua terra... Aqui, em Santa Fé, há um hotel para descanso dos viajantes. Para aqueles que sofrem insônia, há uma cama apropriada. É só colocar 50 cents no cofre (tudo aqui é pago) e a cama embala o freguês até adormecer. Mas acontece que só funciona 4 horas seguidas; ao meio da noite, se quiser ser embalado novamente, terá de colocar mais 50 cents...”. That’s America!

Agora, já não é mais a figura do velho que está à minha frente. É a mocinha do hotel, que vem se assentar ao meu lado no restaurante. Pergunta-me sobre o Brasil, quais as condições de vida em nossa terra. “- Se você conseguir um emprego para receber em dólares, ficará rica”. A mocinha sonha com os dólares e a viagem ao Brasil. “Vou juntar dinheiro para a viagem e trabalhar em sua terra”.

Seu nome é Mary Gregory. Desde o primeiro dia, quando me viu com os olhos vermelhos, simpatizou comigo. Emprestou-me roupas de esqui para tirar umas fotografias, vai me enviar uns poemas que escreve. Ganhou um desenho meu de lembrança, ficamos amigas. Já não é mais a mocinha de Santa Fé conversando comigo. Os olhos são verdes também, mas é a aeromoça. “- Do you speak French?” “- Não, não sou francesa, sou brasileira”. Sentou-se ao meu lado. Quer saber muito sobre o Brasil e sobre a minha viagem. As moças americanas são muito sociáveis. Conversam, agradam, procuram pôr o hóspede à vontade. Não me sinto muito à vontade dentro deste avião. Passamos dentro da nuvem, não consigo ver nada em baixo, tenho de viajar amarrada. Depois da invenção do jato, não tem mais razão de ser esta trepidação e a hélice rodando sem parar. Por que não fazem jatos para Washington? Já estaria chegando... Procuo voltar em espírito a Santa Fé. Deixei os desenhos no museu, marcaram minha exposição para 19 de abril. Heitor Martins ajudou-me a batizá-los. Encontrou nomes sugestivos em inglês. O poeta tem o domínio da palavra, sabe encontrar títulos bonitos para os quadros. Agora, quando fizer uma exposição, vou chamar um poeta para me batizar os quadros... Heitor Martins veio a Santa Fé pagar multa da trombada. Pagou 10 dólares na polícia, acompanhou-me ao museu, convidou-me a almoçar no La Fonda. Já o conhecia de nome em Belo Horizonte, e também de livros. Fiquei conhecendo-o pessoalmente em Santa Fé. É simpático e inteligente. Pertence à nova geração dos poetas mineiros e está há seis meses nos Estados Unidos. Convidaram-no a ficar mais um ano lecionando na Universidade de Albuquerque. Terezinha também é poetisa, lembro-me de ter lido alguns poemas dela em Belo Horizonte. O casal de mineiros já está longe, misturado às outras imagens de pessoas de quem me despedi. São tantas e tão diferentes as impressões desta viagem, que se não tiver a paciência de anotar tudo, começo a fazer confusão. Hoje, no aeroporto, um americano de sobretudo preto veio me cumprimentar. “Alô, how are you?”. Não me lembrava absolutamente daquela cara, será que estou ficando doida... “Viajamos juntos de Albuquerque a Santa Fé, não se lembra?”. Sim, agora começo a lembrar. Trazia uma máquina de retrato a tiracolo, e devia ter ido a Santa Fé praticar esportes de inverno. Lembro-me de ele ter perguntado ao chauffeur da limusine se havia condução para as montanhas. Seguiu para Denver no avião anterior ao meu.

Já estou vendo um traçado de casas em baixo. É uma enorme cidade cortada em linhas retas, com o sol colorindo. O rádio de bordo anuncia “Chicago”, ao mesmo tempo que o letreiro em frente recomenda “Fasten seat belt”, “Attachez vos ceintures”.

Há muito tempo estou amarrada. O avião se inclina e eu olho para baixo. As casas se aproximam cada vez mais. Parecem casinhas de boneca da Casa Sloper. Cada um tem o teto de uma cor. Um é vermelho, outro verde, outro pintado de preto. Aqui, as telhas são coloridas, de cima a cidade parece um enorme brinquedo de criança. Desço um pouco. Temos 40 minutos de pouso. Agora tenho a oportunidade de ver o avião por baixo. Deve ter voado muito, coitado, como é velho! Há um carro vermelho embaixo da asa e um tubo enorme, preto, alimentando o bicho. Precisa beber gasolina para seguir viagem. Não gosto de olhar muito, prefiro olhar os chapéus das americanas. Há uma fileira deles em minha frente. Estão pousados nas cabeças das donas à espera. Não estão assistindo a casamento, como no Brasil, não funcionam apenas nos dias de gala. Chapéu, aqui, existe para ser posto na cabeça, para se ir ao restaurante, para se fazer compras nas ruas, para se entrar no avião. E no momento, os chapéus estão quietinhos à espera da chamada... “Flight 236: TWA. Please, gate number 14”. Os chapéus se levantam e entram na fila. Vou atrás deles.

Paramos para tomar fôlego numa cidade qualquer de Ohio. Levantam-se as senhoras e descem. O avião fica vazio, posso andar tranquila pelo corredor. A cabine do avião está aberta. Aquela infinidade de botões, rodinhas, alavancas, decide o destino de muita gente! A aeromoça passa, de salto alto, gorro na cabeça, exalando perfume. Lá fora, atrás da grade do aeroporto, gente em atitude de espera. Gente de manteau, braços cruzados, deve estar fazendo muito frio lá fora! Aqui dentro está quente, tirei o casaco, estou de saia e blusa. Está entrando gente toda vida! ... O itinerário do TWA é N. York e Washington. Troco algumas palavras com uma senhora parecida com tia Filó. Mora em Albuquerque e se dirige a N. York. Para provar que este país é enorme e o mundo é redondo, adiantamos os relógios mais uma hora. Em Washington, teremos de adiantá-los novamente. Dois homens de preto, atrás, apertados nos bancos de turista, uma senhora com uma criança do outro lado do corredor. O marido entrou, colocou a sacola de fraldas no banco e deixou a esposa

sozinha. Ela é tão bonita e tão nova! Deve ser a primeira filha. Agora, está amarrando a nenê na cadeirinha que trouxe. A menina deve ter uns três meses, tem os olhos enormes e o cabelinho preto. Por que voltar atrás tantos anos, meu Deus! Marília desta idade era assim mesmo, os mesmos olhos redondos, as mesmas bochechas. Até o sapatinho de tricô é igualzinho àqueles que D. Malisa faz... “- May I help you? ”, perguntei. “- No, thanks”. A criança está quietinha, segurando os dedos da mãe. É inocente, não sabe de nada. Estamos em voo cego, por dentro das nuvens. Pela cor do céu, já devemos estar perto de Washington. Ofereço-me para carregar o nenê enquanto a mãe janta. Não consigo tirar os olhos daquela cabecinha no meu colo. Nenês desta idade não sabem distinguir um colo nacional de um colo estrangeiro. Continua chupando a mamadeira satisfeita e eu posso, por alguns minutos, voltar em espírito à minha terra.

WASHINGTON

Estou chegando em Washington. São 8 horas da noite, hora local. Enquanto espero a bagagem, divirto-me em ver as malas subirem. Sobem na rampa volante, como aquelas escadas da “Sears”. Vão chegando e vão saindo. Espero, espero, e a minha não chega. “Sorry, lady, sua mala não veio. Devem ter trocado o voo. Vá ao guichê reclamar”. Estou cansada, de pé em frente ao guichê. Tenho de explicar o que a mala contém. Meu vocabulário é escasso, o cansaço me faz confundir as cores dos vestidos e dos sapatos. Há cavalheiros na mesma situação. “Isto acontece, lady, você não ficará sem sua mala”. Sim, acontece, mas no meu caso é pior, sou estrangeira, sozinha, chego ao hotel cansada e sem roupa para trocar! ... Pego o que me resta da bagagem, os dois casacos, a sacola, e me dirijo para o hotel. Washington está quente, olhei na tabuleta enquanto esperava as malas: 75 graus; mais do que Los Angeles, S. Francisco, e eu só tenho para vestir os dois casacos e o costume de lã. Chego ao hotel e pergunto por meu quarto. “Não, madame, não temos reservas para a senhora. Está lotado o hotel”. “- Mas, telefonei de Santa Fé avisando...” “Sim, telefonou, mas não nos deram o recado”. Tenho vontade de me sentar e rir. Rir mesmo, porque chorar não adianta nesta ocasião. São 9 horas da noite, estou chegando exausta em Washington, sem malas, sem roupa para trocar, e agora, sem quarto para dormir. Enfim, em Washington tenho amigos. No último caso, vou incomodar Célia. Ela não me

deixará dormir na rua... Mas quem tem obrigação disto é o Departamento de Estado. Desde que chegamos aos E.U., ganhamos um tutor, um responsável por tudo que acontece conosco. Meu tutor é Mr. Carnahan. Disco para ele. “- Alô, Mrs. Andrés, how are you?” “- Bem... para não dizer péssima! Estou chegando agora, cansada, perderam minhas malas e o hotel não tem quarto para mim!”. Mr. Carnahan ficou aflito do outro lado do fone. Foi operado, chegou ontem do hospital. A culpa deve ter sido de Mrs. Mariassy. Esqueceu de avisar o hotel... Fala devagar, pausadamente. Até parece que cheguei agora do Brasil! Aquilo está me fazendo aflição. “- Pode falar depressa, Mr. Carnahan, já entendo perfeitamente”. Serei mandada para outro hotel. Minhas malas virão para o Nacional, se forem encontradas. “- Everything will be all right!” O rapazinho do hotel me conhece. Deve ser filho daquele velho, ficou com pena de me ver em apuros. “- Bem, madame, vou-lhe ceder um quarto, o último que temos. Está reservado para um senhor, ele deverá chegar hoje à noite. Aguentarei as consequências. Assine aqui seu nome”. Mandaram-me para o 2º andar, quarto 210.

Sim, sempre se encontram pessoas caridosas neste mundo. A estas horas, enquanto escrevo, o rapazinho da portaria deve estar sendo xingado pelo tal senhor que reservou o quarto. Aguentará as consequências por minha causa, para não deixar uma lady em apuros na rua...

Mr. Carnahan movimentou por telefone o pessoal da TWA. Ainda não acabei de escrever, e minhas malas chegaram ao hotel. Everything is all right, já posso dormir tranquila.

Mas não dormi tranquila. Não consigo dormir depois de um voo. Um peso enorme no peito, a cabeça rodando. Enquanto não passam 24 horas, não volto ao normal. Foi assim desde que deixei o Brasil. E assim será, enquanto continuarem estas viagens incessantes. A mudança de cenário, de hotel, de clima, de pessoas, tudo isso me atordoa. Estou acostumada à vida pacata de Belo Horizonte, onde nada acontece de extraordinário. Os dias são iguais, repousantes. Pode-se sentir o cansaço físico, mas não o cansaço mental. Estamos sempre no mesmo ambiente, a cor das paredes não varia, as fisionomias são as mesmas. Sentimos o amparo da família nos rodeando, não há a necessidade de estar vigilante, providenciando tudo. Esta vida de vigilância, de

mudança de ambiente, de incerteza quanto ao dia de amanhã, é uma vida que cansa. Atordoa, sufoca. Acordei angustiada, com saudades de casa.

Meu quarto tem ar-condicionado, posso andar à vontade, fazer até ginástica se quiser..., Mas quando olho a janela, meus olhos param tristes naquele muro escuro. Não vejo nada mais que o muro de tijolos cinzentos, o muro a um metro de distância sufocante! Lembro-me de ter visto alguma coisa semelhante a este muro. Sim, foi o quadro de Van Gogh, ilustrando talvez uma cena de prisão. O muro é o mesmo, não há senão uma fresta de luz e os presos, em fila, com os braços para trás... Um barulho me faz estremecer. É uma pomba que tenta descer ao corredor escuro e quase quebra as asas. Fecho a janela depressa, puxo a cortina com tanta força que ela cai inteirinha no chão. E agora, como reparar o prejuízo? Enrolo a cortina com cuidado e me enfio debaixo das cobertas. Ao menos, a televisão me alegra. Espero encontrar algum programa divertido. Mrs. Mariassy, secretária de Mr. Carnahan, aqui esteve me visitando. Não gostou do quarto, estão planejando mudar-me de hotel... Estão preocupados comigo. O médico lhes disse que sou muito emotiva. Acho que têm medo de eu piorar e adoecer, mesmo, só de olhar para este muro cinzento...

São 10 horas da noite e eu acabei de assistir a um far-west na televisão. Apago a luz e vou dormir. Que tal se abrisse um pouquinho a janela do banheiro? Assim pensando, levanto-me. Esse aquecimento que usam no quarto é terrível. Rouba toda a umidade do ar, a boca seca, o nariz seca, a pele seca. Custa a forçar a guilhotina do banheiro. Abro uma fresta, e um barulho estranho de asas me atordoa. São as pombas, novamente. Fizeram ninho na janela do meu quarto, agora voam assustadas para dentro da noite.

Xxx -----xxx

Estava com três notícias importantes ontem, e só achei de escrever sobre as pombas. Há momentos em que as coisas importantes diminuem, perdem o valor, em face de um simples voo de ave. Não sei por que, não achei graça de escrever sobre as notícias. Aqui vão elas – 1º). Meu cheque de 250 dólares já está em Washington, com Mrs. Mariassy. Tive de soltar um “oh” de surpresa, só para não a entristecer, mas o fato não me emocionou. 2º). Minha exposição foi marcada para 17 de março. Os

convites já estão prontos, tudo organizado. A 3ª notícia é um telefonema de N. York. Telefonaram-me ontem à tarde, para o hotel, e não me encontraram. É do consulado brasileiro. Estou hoje de plantão esperando. Já arrumei as malas, vou mudar de pouso. Acharam que o ambiente artificial do hotel não é bom para mim. Acho que o médico tem razão. Por que estas notícias artificiais não me comovem? Por que me sinto feliz quando vejo o sol, o precioso sol, entrando economicamente pela fresta da janela? Será que estou sonhando, ou é o sol, mesmo? ... Lá está ele, em faixa retangular sobre o tapete do chão. Ajoelho-me, ponho as duas mãos a esquentar naquele calor natural, que dispensa o auxílio da máquina.

Xxx

Mudaram-me. Trouxeram-me para um palácio. Uma senhora que dá pensão e aluga quartos num casarão de esquina com a Massachussetts e Flórida Av. O quarto é espaçoso, pintado de cor-de-rosa, mobiliário tipicamente americano. Mas estou mais sozinha do que nunca. Estou, sim, mas numa gaiola de ouro. Vejo o movimento da rua embaixo, os carros passando. Vejo o céu, os letreiros de Washington. Mas, dentro de casa, não há a menor vida. Até parece que escolheram para mim um castelo desabitado. O povo é misterioso, não sai dos quartos. Há um regulamento rigoroso, não se pode lavar roupa no banheiro, não se pode trazer comida para o quarto. Tudo tem de ficar impecável. Li todo o regulamento de alto a baixo. Pretendo cumpri-lo à risca. Não vi nenhuma cláusula referente a desenhos ou material de pintura. Já iniciei uma nova série pelo tapete... Depois de prontos, escondo-os no armário embutido cor-de-rosa. Se a dona vier bisbilhotar, é capaz de introduzir mais uma proibição; eu não quero ser a causadora...

Aqui, pode-se dar telefonemas interurbanos no telefone público. Coloca-se um dime e disca-se 0. Uma vizinha acrescenta que para interurbano é preciso 90 cents. As moedas chovem no cofre, a vizinha agradece, e deixa a pessoa falar 3 minutos. Se o assunto é muito, daí a 3 minutos, a insistência da voz em cima para se colocar mais dinheiro... Qualquer dia destes, vou falar para o Brasil...

Sábado – 11

Saio hoje cedo do meu palácio. Casa misteriosa, não aparece ninguém! Vou tomar café e ver as horas. Aqui não há relógios e o meu parou. Levo duas chaves, uma do meu quarto e outra da porta da rua. Se por acaso esquecer a da rua em casa? Fico pensando estas coisas e me imaginando no frio, pelo lado de fora. Tenho de começar a ficar mais atenta, não perder nem esquecer coisas. Cheguei em casa e minha hospedeira já está de pé. Toma café na cozinha, vestida de peignoir estampado de onça. “- Venha ver o que chegou para mim hoje do correio!”. Acompanho-a ao quarto, o que seria? Enquanto subo a escada, faço um completo exame de consciência. Não, não deixei de pagar conta nenhuma... por que este mistério?

Ela vai me abrindo um envelope e me entregando uma carta. Tudo escrito em inglês, e meu nome no meio, em português bem explicado. É o meu convite para a exposição. Em nome do embaixador Fernando Lobo e esposa e da União Pan Americana. Minha vizinha está orgulhosa da hóspede e eu, para dizer a verdade, sinto uma certa emoção com o impacto do convite. Seguro-o nas mãos. Vem-me logo a lembrança de Luiz e dos meninos e uma vontade de chorar, não sei porquê.

Xxx

Os habitantes do palácio começam a aparecer. Primeiro, o americano encontra-me na escada. Apresenta-se. Acho que aqui neste ambiente familiar todos os hóspedes têm obrigação de se conhecerem. “- De onde veio?”. Converso rapidamente, para não ser indelicada, estou com a minha trouxa de roupa suja nas mãos, vou ao subterrâneo lavar roupa. Despeço-me do americano e desço. As escadas rangem, há compartimentos e mais compartimentos mergulhados na mais completa escuridão.

A dona da pensão explicou-me, não posso esquecer – ponho 25 cents na máquina de lavar, e espero meia hora. Depois, mais 15 cents na máquina de secar e espero uma hora. Vou de relógio. Tenho medo de andar na lavanderia sozinha. Parece, na sua semiobscuridade, o cenário propício para todos os crimes. Enquanto a roupa lava, eu subo e descanso no living. Estou lendo revistas (há centenas de revistas em cima da mesa para recreio dos hóspedes). Agora veio o segundo habitante se apresentar. É um argentino sociólogo. Toda a casa já sabe que sou pintora. Mrs. Maufley se encarregou de espalhar. O argentino é magro, comprido, parece o Jânio Quadros. Fala um inglês tão arrastado que prefiro escutá-lo em castelhano. Está

fazendo estudos de psicologia em objetos de arte, tentando descobrir o pensamento do pintor, talvez. Interessante.

Mostra-me dois slides de São Pedro e quer me convencer que o de Goya é mais S. Pedro que o de El Greco – “Bom, Goya reproduziu S. Pedro como ele era fisicamente, mas El Greco traduziu-lhe a espiritualidade”. Acho o de Greco melhor, respondi. Ambos os S. Pedros fazem parte da coleção da Phillips Collection. Estou de olhos no relógio. Com licença, preciso cuidar da roupa. Vou em baixo fazer a mudança de máquina. Volto às revistas. Agora já não é mais o argentino. Apresenta-se o terceiro habitante da casa. Um preto chique, do Haiti, falando francês. “– A senhora é Mrs. Andrés, a pintora?”. Todo o mundo aqui quer conhecer a pintora. Não posso ter sossego nem para ler meu jornal. Agora, todos os hóspedes, um por um, querem saber de onde venho, para onde vou, se pinto abstrato ou figurativo etc. Meu convite está ostensivamente em cima da mesa, junto ao telefone. Mrs. Maufley resolveu comunicar a todos os personagens que entre eles se acha uma pintora, vinda do Brasil. Chego com minha pasta de desenhos e Mrs. Maufley interessou-se em vê-los. Vou desembulhando um por um. Mrs. Maufley está contente em ter uma artista em casa. Contenta porque chegou-lhe um convite da embaixada. Já espalhou pelo castelo inteiro a presença de uma artista entre eles. Mrs. Maufley oferece-me um ateliê para pintar no 5º andar. Subo quatro escadas e chego até lá no meu refúgio, exatamente o que desejava.

Já vi que tudo se consegue com sorte, e jeito. Esse jeitinho para conseguir as coisas, nós, brasileiros, o temos por vocação. Para conseguir isto foi só dizer “– Imagine, tenho uma amiga que mora na Rua 34, 14 blocos daqui. Ofereceu-me o quarto que tem no sótão para desenhar. Tenho de ir lá hoje à tarde...”, “Ah! Temos um sótão também... pretendo alugá-lo para um artista, por enquanto não está pintado, você poderá usá-lo enquanto estiver aqui.”... Quase caio das nuvens. Desde que aqui cheguei, ando reparando a casa para ver se enxergo um sótão. Já rodei o quarteirão, olhando de longe o castelo, mas não tive coragem de perguntar. Poderia me cobrar muito, não estar em condições de pagar. Washington para mim tornou-se um lugar muito simpático. Vou descansar aqui, esquecer o atordoamento dessas longas viagens, deixar que o desenho me repouse. Minha pasta aí está, no canto, e Mrs. Maufley com a empregada, arrumando o sótão para mim. Vou dar-lhe um quadro de presente, a

senhora merece... Voltei da Pan American Union. Minha exposição será numa sala do 1º andar, muito bem arrumada. Devo tudo ao Mr. Gomes Sicre e ao embaixador Lobo. Foram muito gentis em me preparar tão nice place...

14 – março

Jantar em casa de Célia – reunião de brasileiros, casais de oficiais do Exército. Senhoras simpáticas, sento-me ao lado de uma esperando o 8º filho. Assunto feminino, colégios, estudos. Assunto masculino – as últimas do Jânio. Formam-se duas rodas, e eu de vez em quando divido a atenção e procuro escutar o assunto dos homens. Estão alarmados com a situação, todos foram reduzidos no ordenado, alguns terão de voltar. E discute-se que a volta será pelo Lloyd. Há um certo saudosismo do Juscelino, umas saudades do bom tempo em que viviam tranquilos. Há um suspense geral com o novo presidente. Não se sabe o que vai acontecer amanhã e a distância da pátria agrava a situação.

16 – março

Resolvi desmarcar minha hora no cabeleireiro... cabelos aqui são feitos em casa, mesmo, na maioria. Cobram uma pequena fortuna nos salões, nem por isso sabem pentear um cabelo que agrada. Lembro-me daquele salão na Rua “1”, que anuncia sempre na televisão “Penteados Artísticos” ... Lembro-me de que lá estive em janeiro. Nevava terrivelmente e o cabeleireiro estava cheio, por ser dia de sábado. Muita gente, moças, velhas, crianças. Uns 50 secadores funcionando, 50 cabeças debaixo deles. Depois, as 50 cabeças foram saindo. Tinham que passar em minha frente, não escapavam à censura de meus olhos. Como são diferentes os dois países, como os gostos diferem...

Aqui, as americanas exigem permanente para durar; nós, brasileiras, estamos acostumadas a um permanente para ajeitar, apenas. Saíam as mulheres, entravam outras, entravam com os cabelos lisos, saíam cheinhas de cachos... Lembro-me de que fiquei horrorizada e resolvi desistir. Desisto hoje, também. Comprei o que necessitava e vim para a casa de Célia. Célia tem jeito, penteia melhor que qualquer cabeleireiro, tem rolos grandes, não há perigo dos cachinhos apertados... Passamos a manhã conversando. Quando duas brasileiras se encontram, tem assunto... Célia está sozinha

em casa, Dr. Maurício viajou, as meninas vão cedo para o colégio. Tem só uma empregada e a casa toda para arrumar, mas o sistema aqui é tão diferente! Não há preocupação de serviço de casa como há no Brasil. Tudo se faz em poucos minutos, sobra tempo para virar cabeleireira. O sistema de simplificação do americano é um sistema prático para a vida moderna. A mulher não dispõe de um séquito de criadas, como no Brasil. Consegue tudo com uma só, como Célia, ou mesmo sem nenhuma. As casas não se sujam tanto, a faxina maior é feita apenas uma vez por semana, obtém-se uma ordem diária com pouco esforço. Conversamos enquanto ela me prende o cabelo. Umás duas horas de assuntos brasileiros. Garanto que se fosse ao cabeleireiro, não teria saído melhor. Estou pronta para a exposição amanhã.

Dia de exposição é um dia cheio. Ninguém imagina o quanto de cansaço e emoção nos acompanha este dia. Os flashes aqui começam cedo. Desta vez, coincidiram com um programa na televisão. Tive de ir para lá às duas horas, nem ao menos almoçar pude. Fiquei nos chás e torradas por falta de tempo. Apresentaram-me a um brasileiro encarregado de me entrevistar. Perguntas relativas à exposição e às minhas viagens, para serem televisionadas na América do Sul, grande propaganda para mim. De todas as impressões, depois de passado o movimento, ficaram os flashes na lembrança. Os focos luminosos deslumbrando a sala, pessoas, pessoas, pessoas. TV, fotografia para jornais, cinema. Tenho de fazer pose, fingir que explico um quadro, sorrir, ser fotografada de perfil. As pessoas me rodeiam. Algumas vieram de chapéu, outras, não... Os quadros lá estão, na parede à mostra. São apertos de mão, abraços, muitos nomes para guardar e uma infinidade de olhos em cima de mim. Tenho de falar inglês, português e castelhano; às vezes, falo português com um americano e inglês com um brasileiro. A colônia brasileira compareceu em peso. Não faltou ninguém. Muito americano, também, alguns chapéus e eu com o meu na cabeça. Não tive tempo de me arrumar direito, o jeito foi enfiar o chapéu. De tudo ficam a lembrança dos flashes e a dor nos pés.

Antônio e Gina convidam-me. São brasileiros e amáveis. A casa é um grande ateliê para o casal de artistas. É um imenso salão sem biombos, tudo junto, quarto, living, Studio. Antônio é arquiteto e pintor. Gina tece tapetes. Vieram há pouco do México, onde Antônio fez uma exposição de seus quadros. Está trabalhando muito agora para a Bienal.

Volto para casa com as cartas que Mrs. Mariassy me deu. Luiz me dá notícias dos meninos, estão bem, tudo OK, e ele não vem... Precisa de um documento forte para vir, não pode deixar o país e a Escola como turista. Estou louca por voltar, mas fico triste por ele. Estava fazendo planos, coitado! Também, com o dólar deste preço, o melhor é não viajar agora. Não é oportuno... Fico até tarde lendo e relendo as cartas.

Tenho um bilhete, também, escrito em inglês, é da Sra. Marjorie Phillips, esposa do dono da Galeria Phillips. Pintora, colecionadora de arte da alta sociedade americana. Escreveu-me amavelmente. Não pode ir à exposição, combinou um encontro comigo lá às 3h30 de segunda-feira. Estarei pontualmente à espera. Foi muito gentil em me escrever.

Mora uma moça no 3º andar. Vi-a descendo a escada. É jovem, estudante, gordinha. Passa alegre e sorridente ao meu lado. Alô! Já sabe de minha exposição, indaga como passei a noite. Mrs. Maufley ficou encantada com a recepção. Encarregou-se de espalhar as novidades pela turma. Todos os hóspedes vieram me cumprimentar. Souberam do êxito, das filmagens. Estou olhando a gordinha descer a escada. Atrás dela, vejo o sorriso de Mrs. Maufley. Lembro-me da exposição, das luzes, dos flashes deslumbrantes. Lembro-me que comecei a rir. Mrs. Maufley lá estava, de capa de pele, chapéu, sorrindo também. Contenta por ter uma hóspede em evidência. E agora, encontro sorrisos na escada. A mocinha está de livro debaixo dos braços; vai estudar, no living. Estou agora sentada do outro lado do sofá, escrevendo. Às vezes, ela para de estudar para indagar alguma coisa do Brasil. Mostra-me um livro sobre a política sul-americana. Aponta-me com o dedo umas 60 páginas – “From Vargas to Vargas”. Está a par de tudo o que nos aconteceu... De Vargas a Juscelino, e agora, Jânio. Explico-lhe alguns detalhes, talvez menos didáticos, mais vividos. Alguns detalhes que os livros não dão, mas somente quem esteve presente pode transmitir. A mocinha parece alegre de conversar comigo. Tem vontade de ir ao Brasil e conhecer de perto o Rio e Brasília.



Segunda-feira

Mrs. Phillips escreveu-me gentilmente um cartão. Marcou-me um appointment a que não posso faltar. Encontro marcado na Pan American Union às 3 e meia da tarde. Espero-a no lobby. Ando de um lado para outro, imaginando como seria a famosa lady. Não a conheço pessoalmente, sei que deve ter uns 55 anos e pinta. Tem a melhor galeria de arte dos Estados Unidos, a Phillips Collection. Finalmente chegam, Mrs. Phillips veio com o marido. Já o conheço daquela vez que lá estive. Vamos até o local da exposição. Mrs. Phillips mostra-se entusiasmada com os desenhos, compra um para sua coleção. Para mim, isto é uma grande vitória. Mrs. Phillips é rica, coleciona quadros de artistas famosos, ter um desenho na sua coleção significa muito para um artista. Saio feliz da Pan American Union com o casal de milionários. Não me importa o cheque que vou receber, importa-me estar presente na coleção de Mrs. Phillips. A Phillips sempre foi a minha galeria preferida. Sempre admirei o gosto que tem no arranjo dos quadros, nas luzes, na escolha dos trabalhos. Estou contente no meio deles. O carro sai conosco da União Pan Americana. O chauffeur nos cobre as pernas com uma manta de lã, Mr. Phillips está ao meu lado. Conversamos sobre arte. A estrada é linda, leva-nos além de Georgetown à mansão dos Phillips. Entro meio sem jeito naquele palácio. Vem

um mordomo abrir as portas, dois cachorros de raça nos recebem festivamente. Já me acostumei à presença de cachorros dentro de casa. Eles percebem que sou amiga, chegam perto de mim, aliso-lhes o pelo. Já não tenho medo. Sei que não mordem, são educados. A casa é uma imensa galeria de arte. Às vezes, trocam os quadros com os da Phillips, o Salão Grande agora está cheio de Bonnards. Levanto-me para ver de perto. Quadros de Rouault, Braque, Picasso, Puvis de Chavannes. Nunca havia visto antes um Puvis de Chavannes ao natural, apenas por reprodução. Admirei-me das cores suaves que emprega. Há um imenso Bonnard em tons de rosa, uma praça de Paris em plena neve. A neve é cor-de-rosa, o céu é cor-de-rosa. Quase não me foi possível engolir o chá. Estava tão surpresa, que ele fazia barulho na garganta ao descer, gole por gole. Mr. Phillips indagou muito sobre o Brasil. Tive de escrever o nome de Guignard para ele. Talvez se lembre de comprar um para sua coleção... Mrs. Phillips é discreta, fala pouco, mas muito simpática. Mostrou-me um dos seus quadros em cima da lareira, um grande painel representando uma paisagem de montanhas. Mrs. Phillips gosta de pintar paisagens. Também, a casa é rodeada de paisagens belíssimas. Fica situada no alto, com os gramados cercado árvores plantadas sobre a grama. Ao longe, enxerga-se a paisagem de Washington. Demoro-me olhando a vista. Como deve ser bom pintar dentro de um cenário tão deslumbrante e convidativo! ... O chauffeur vem me trazer em casa. Pelo caminho, indaga sobre minha terra. Está curioso por saber notícias do Brasil. Conhece o Rio de fama e Brasília de postais.

Esqueci a chave. Mrs. Maufley não está em casa, deixou um bilhete na porta. Deixo o chapéu com a menina do 3º andar e vou para a casa de Gina e Antonio. Para chegar até lá, tenho de atravessar um viaduto que separa o nosso bairro de Georgetown. O apartamento deles fica bem no começo do célebre bairro de Washington. Bairro antigo, residências conservadas, com as características de antiguidade genuína. As ruas têm lâmpadas de gás; no interior das casas, a lareira funciona com lenha, como antigamente. Corri uma delas, ontem. Enquanto atravesso a ponte, vou admirando a beleza de Washington. Os carros passam por baixo, a ponte em cima é vazia e silenciosa. As impressões do dia foram grandes, preciso contá-las em português para alguém. Escolhi o casal de artistas para compartilhar comigo da alegria de ter um quadro na coleção de Mrs. Phillips. Eles me recebem como amiga. Recebem assim, com a mesma simplicidade, todos os artistas brasileiros que chegam a

Washington. Sua casa é uma espécie de sucursal da embaixada, especialmente destinada a acolher artistas. Ficaram amigos do Mabe, do Grassman, do Caribé. Agora, sou eu que venho ocupar-lhes o sossego. Ajudam-me a escolher o catálogo para a exposição de N. York. Quero introduzi-los a uma outra amiga que encontrei aqui. Uma brasileira, casada com americano. É de Pernambuco, veio dar um curso nos Estados Unidos e aqui ficou. Casou-se, tem um filhinho. Chama-se Ethel Berger e faz um programa semanal para a Voz da América. Quando soube que eu inaugurara uma exposição na Pan American, procurou entrar em contato comigo. Saímos juntas domingo, fomos a Georgetown. Amanhã, sairei novamente com ela, para o meu programa no rádio. Com estas viagens, mudei muito. Já não sou mais tímida como era antigamente. A vida ensina e dá experiência. Consegui vencer a timidez e sair-me bem em todas as situações embaraçosas. Não tenho mais medo de falar no rádio nem na televisão.



Maria Helena, Mrs. Phillips e Marcel Hasslocher, na exposição da artista em Washington



Fotos: arquivo pessoal

3ª feira

Ethel Berger veio me buscar. Acabei de falar com Claude Vila Real, nome espanhol, mas americano de nascimento. Indagou-me sobre a viagem e as impressões, fez-me dar uma entrevista completa por telefone. Agora, chamam-me para a Voz da América. Ethel é simpática e amável, escreve muito bem sobre qualquer assunto. No momento, está na mesa em frente à minha me fazendo perguntas. Procuo pensar que estou falando para meu marido e meus filhos. Na certa, estarão me escutando. Que alegria ouvir a voz da mamãe depois de tantos meses! Procuo ser o mais natural possível. Estou contando a minha viagem para minha família. O microfone em frente não me inibe. Ethel, do outro lado, dá-me um sorriso de estímulo. Falo pausadamente, sem nenhuma emoção, como se estivesse em casa. Falo em português, vou ser ouvida

no Brasil! Não penso na publicidade que isto me dará. Se puder ser ouvida em casa, depois de tantos meses de ausência, estarei plenamente feliz. Depois de terminado o tempo, escutamos nossa voz no gravador. Falei como uma profissional. Devagar, como se tivesse treinado antes.

20 – março

Meu ateliê fica no 5º andar. Para chegar até lá, tenho de subir 5 escadas, apalpando o corrimão para não cair. Prefiro subir pelas escadas do fundo, só para não passar pelo corredor do 4º andar. Lá moram os hóspedes do Haiti. Vou pelos fundos para não me encontrar com os hóspedes do Haiti, para não os ver de cuecas, com a porta aberta. Já me acostumei a subir escadas. Divirto-me escutando o barulho da madeira enquanto subo. Casa velha, barulhenta! Cada passo ressoa pelo interior do casarão. Devem ficar admirados de me ouvir subir à noite. Fico sozinha, tranco-me por dentro, e vou olhar um pouco os telhados de Washington. Com as sombras, parecem fantasmas. O barulho da chuva batendo na claraboia tem compasso de tambor. E eu vou começar uma série nova, estou sem nada.

21 - março

Aquela câmera é uma Roleyflex. O retratista está atento, esperando uma pose. As luzes brilham sobre minha cabeça, meus olhos estão distantes, pensando na pátria. Sei que eles me verão muito breve, através destas fotos. Por isso, estou paciente e submissa, pensando naqueles que ficaram. Meus retratos estão sendo tirados por este americano que está à minha frente, serão enviados para a Embaixada Americana no Brasil. Estarei lá em todos os jornais, Luiz e os meninos poderão me ver. Já posso imaginá-los com a tesoura na mão, recortando os retratos. “Olha mamãe aqui!”. Será um sucesso na família... O americano é profissional na câmera, inventa poses, procura pessoas para fazerem fundo. Olha para dentro da máquina e diz para me animar que sou uma “very good looking lady”. Será que mudei de cara, meu Deus! Agora, ele está dizendo que o meu penteado parece com o da Mrs. Kennedy. Sim, isto pode ser verdade. Passei a manhã em casa de Célia, de rolos na cabeça, para conseguir este resultado. O elogio é mais para ela que para mim. Sempre achei Célia com enorme queda para cabeleireira... Passo duas horas e meia em frente aos refletores. Depois,

vem o repórter. O fotógrafo ainda não terminou o trabalho, o outro já está me indagando coisas. É um uruguaio, entende pouco português e nada de inglês. Tenho imensa dificuldade com a entrevista, saio de lá meio sufocada de tanto explicar meu pensamento e não ser compreendida. Por fim, tomo da pena e decido escrever minhas ideias. Depois, em casa, com calma e o auxílio de um dicionário, ele poderá traduzir o que eu disse...

21- março

Há um detalhe na minha biografia que preciso corrigir e há coisas que preciso acrescentar. Tenho medo de haver algum erro de inglês. Vou pedir ajuda à estudante do 3º andar. Phillys estuda na Universidade de Washington. Veio do Havaí, mora sozinha aqui, ficamos amigas. Tem rádio, ferro elétrico e máquina de escrever no quarto. Batemos máquina até tarde. Estou mais segura sobre a biografia. Phillys tem muito dicionário, muito livro, sei que posso contar com ela quando precisar escrever algo importante.

21 - março

Como tem sul-americanos em Washington! Comecei a reparar isto agora, que estou indo diariamente à União Pan Americana. Ali se confraternizam criaturas vindas de diferentes países da América do Sul e da América Central. Há gente da Bolívia, Colômbia, Porto Rico, Brasil e uma infinidade de cubanos. Olhos escuros, peles morenas, sotaque inconfundível. Muitas vezes, posso conversar em português e eles me entendem em castelhano, mas conforme o país de onde vêm, não entendem. Não sei qual a razão disto, a língua é tão semelhante... Há um sul americano tentando saber a técnica de meus trabalhos. Digo desenho em três línguas diferentes, em português, inglês e francês. Não há jeito do homem entender. Por fim, já desanimada, lembro-me. Ah! Di... burro! Só assim ele me compreende. Acontecem coisas engraçadas com a semelhança da língua. O jornalista sul-americano quer uma frase minha para o jornal. Entendi o que ele queria explicar, mas achei engraçado. “- Yo quiero una frase suja...”

Sim, quase lhe mandei uma frase suja; estava exausta! Cubanos e porto-riquenhos nos entendem com perfeição. Podemos falar português depressa, dentro de

qualquer sotaque brasileiro. Respondem em castelhano, não há problema. Percebo quando sou entendida. Os olhos demonstram, todo o rosto demonstra que a mensagem foi recebida. E não há nada pior que depois de uma longa explicação, percebermos que o interlocutor não “capiscou” nada... Assim tem acontecido muitas vezes. Agora, no bonde, estou sendo mais feliz. Entro com meus embrulhos, um canudo enorme, bolsa, luvas, guarda-chuva. Enquanto me ajeito no lugar, pergunto à mocinha ao lado se o bonde vai passar no túnel da Connecticut Avenue. Preciso descer depois do túnel. A mocinha tem um ar de Miss. Responde-me em castelhano. Entende perfeitamente o português. Veio de Cuba, poderia ser Miss Cuba, de tão bonita que é. “- Não me fale em inglês, fale-me em português. Gosto muito de ouvir falar português, é uma língua belíssima!”. Estou admirada, nunca dei valor à beleza de minha língua.

Março - 23

- Não, não é possível, você está brincando!
- Não estou brincando, não, é verdade, tenho seis filhos!

A moça não quer acreditar. Estamos almoçando juntas num restaurante italiano da rua 15. Ela é morena, tem nome sírio, mas é americana. “Adelaide Farah” – o nome é nosso, pronuncia-se diferente, A’delade, o sobrenome é quase nosso, também. Estou em casa, mas falando inglês. Adelaide interessou-se por meus desenhos, vai ficar com um. Agora, não quer acreditar que tenho seis filhos. Em geral, causo espanto, quando vou dizendo, assim, de repente, que sou mother of six. Arregalam os olhos de espanto. “- Não é possível, como tem tempo para pintar?”. Engraçado, esta questão de tempo é relativa... não acho o tempo tão imprescindível quanto o impulso. Havendo o impulso, o tempo aparece. O cansaço físico pode atordoar-nos um pouco, mas não diminui a necessidade interior de criar. Às vezes, nas ocasiões mais difíceis, quando tudo ao redor parece bloquear-nos é que produzimos melhor. É preciso haver um motivo, uma razão de ser para nossa vida. Acho que os filhos, de certo modo, nos ajudam. O tempo diminui, às vezes, mas o impulso aumenta, é preciso dizer, através da arte, com toda a intensidade, sem rodeios, a alegria simples e humana que nós, mulheres, sentimos quando somos mães...

Março – 25

A arara da Pan American Union é uma arara bem-educada. Quando chego pela manhã, ela me cumprimenta amavelmente: Alô! Não sei a qual país da América do Sul pertence, talvez seja até brasileira, mas o seu alô soa aos meus ouvidos como um alô americano... Americanizou-se, a arara! Está sempre parada no mesmo galho, dentro do jardim de inverno da Pan American. Passam bandos de turistas, param para admirar a fonte, as plantas tropicais e as cores da arara, solenemente encarapitada no seu galho. Lá do alto, ela vê tudo, não perde um só visitante. Cumprimenta todos. Hoje de manhã, o edifício está cheio de visitantes. A Pan American é oficialmente visitada por todos os turistas que passam por Washington. Os colégios também têm o seu dia de visita, aqui: passam crianças do primário, adolescentes do high school. Para um pouquinho em frente à arara para dar passagem a um bando de estudantes negros. Uns 150 negros, adolescentes, moças e rapazes vestidos à moda americana, slacks coloridos e saias xadrez. Estão rindo felizes, os cabelos esticados, livros debaixo dos braços. Estudam numa high school em New Jersey, vieram em excursão a Washington. À frente deles, conduzindo, um guia branco.

Acabei de lavar minha roupa. Hoje é 6ª feira, tenho de me antecipar esta semana, porque sábado é dia dos homens lavarem, não há folga. Para lavar a roupa, coloco 25 cents na máquina e vou fazer outra coisa qualquer. Ela se encarrega de funcionar para mim. Aqui, tudo se movimenta com os cents. Telefone, rádio, eletrola... Há máquinas para se comprar Coca-Cola, café, cigarros, chocolates, sorvetes; colocam-se os cents exigidos pelo artigo e liga-se um botão. Se você está na rua e deseja se perfumar, é só entrar em qualquer restaurante ou cinema, lá está a máquina de exalar perfumes, com seu perfume preferido. Os cents comandam; o botão faz a ligação, e o perfume é vaporizado em seus cabelos. Há máquinas para se secar as mãos, dispensando o uso de papéis, o que já é prático... O elemento humano é substituído em grande parte pela máquina. Nessas pequenas coisas práticas, o americano deve ser o povo mais inventivo do mundo.

Março – 27

Mr. Gomes Sicre é cubano e já esteve no Brasil. Já esteve mesmo em Belo Horizonte, perguntou-me por um arquiteto que considera um dos melhores do Brasil,

mas faz pouco reclame de si. Um Sr. Vasconcelos. Sim, conheço Sylvio de Vasconcellos. O Sr. Gomes Sicre o acha extraordinário. Visitou a cidade acompanhado por Lúcia e Antônio Joaquim, de quem ficou grande amigo. O Sr. Gomes Sicre conhece artistas de toda a América do Sul. Chegam quadros de vários países no seu escritório; agora, no momento, está recebendo uma seleção de artistas argentinos. Conheci alguns no Rio, como mudaram! Mas, não posso reparar muito, eu também mudei tanto! Vejo a Sarah Grilo, o Fernandez Muro, e vários outros conhecidos em dimensões enormes, empilhados ao longo das paredes do escritório de artes visuais. Estarão ali talvez um mês, à espera de sua vez de expor. Agora, a Pan American Union tem duas salas de exposição. Uma para pintura, outra para desenho. Minha exposição inaugurou a sala de baixo. De certo modo, servi de pretexto para andarem depressa com a sala de baixo, e ela ficou bem simpática, melhor que a outra, até.

Março – 30

A vida da dona-de-casa nos E. Unidos é uma vida muito mais ativa que a nossa no Brasil. Mas, por isso mesmo, por saber que não pode contar com o elemento humano da empregada, a mulher norte-americana procura simplificar tudo. Há as máquinas. Um jantar é feito em meia hora, sem muito trabalho. Não há a preocupação da mulher brasileira de apresentar pratos complicados e diferentes. Estou num jantar. Mais ou menos umas 25 pessoas, americanos e brasileiros. A dona da casa é brasileira, mas segue, com grande entusiasmo, o sistema americano. Nunca teve uma empregada, faz tudo e tem o auxílio e apoio do marido. Estão empurrando uma mesinha de rodas à minha frente. Um garçom a rigor serve. Já serviu uma variedade enorme de bebidas, agora é o jantar. Em cima da mesinha de rodas, muito bem arrumada, está grande variedade de carnes, cortadas em fatias finas. Roast-beef, presunto, frios sortidos. Queijos, também cortados em fatias finas, e pão de várias qualidades. Cada um se serve, não há necessidade de prato. A dona da casa distribui guardanapos de papel, cada convidado usa à vontade o sanduiche preferido. Ele mesmo cuida de fazê-lo, colocando em cima do pão o que mais lhe agrada. Molho de maionese, presunto, carne, queijo. A dona da casa está calma, conversando. Seu papel mais importante é este, conversar com os hóspedes, recebê-los bem. Não há a preocupação de ostentar variedades de salgadinhos, de tortas, de doces. Assim, com

esta simplicidade, a mulher americana pode receber e dar festas. Poderá dormir tranquila, sem um garfo para lavar. E um jantar não se torna um flagelo, mas um prazer.

Domingo 2

Conheci-a em casa do Dr. Fernando Lobo. Foi amável comigo desde o primeiro dia, compareceu com o marido e a filha na inauguração de minha exposição. É a segunda pernambucana que conheço casada com americano. Está radicada aqui, já dentro do sistema de vida dos Estados Unidos. Os filhos falam inglês, a mais velha tem 15 anos e parece com a Brigitte Bardot. O menor, de 3 anos, só fala português. Convidaram-me. Já almocei, fizemos compras, e agora nos preparamos para o jantar. A senhora, muito amável, não perde o seu sorriso. Faz tudo em casa. Cozinha, lava roupa, leva os meninos ao colégio, vai buscá-los à tarde. As máquinas ajudam, mas o programa tem de ser cumprido com método e ordem. O marido não se acanha de ajudar. Veste avental, faz torradas com queijo, enquanto a mulher agrada a visita. Tudo parece normal e simples. Não há gritos das crianças, não há brigas. Come-se bem, numa mesa arrumada com quatro velas acesas. Não vejo a preocupação de se queixar da falta de empregadas e do excesso de serviço. Há tempo para assistir televisão, ir ao cinema e teatros. O casal sai, sistematicamente, três vezes na semana à noite, depois de um dia cheio e movimentado. Há o dia também para saírem juntos durante o dia. Passam a tarde na cidade, fazem compras, vão ao clube. Neste dia, as crianças ficam com a vizinha. As casas nos E. Unidos, principalmente nas cidades menores, formam pequenas comunidades ajardinadas. Não há muro de separação entre elas, uma vizinha ajuda a outra no que pode. A brasileira que me convidou para passar o dia em sua casa tem cinco filhos, nenhuma empregada e parece levar uma vida feliz. Mostra-me os refrigeradores para guardar comida para muitos dias, as máquinas de lavar, etc. Está contente com suas máquinas, elogia muitíssimo a bondade do marido. Marido americano não fica fumando e lendo jornal na cadeira do papai, não. Trabalha junto com a esposa, ajuda a vestir as crianças, lavar pratos, cozinhar. Não há ofensa nisto, é natural, já foram acostumados a isto desde crianças. O serviço em casa é distribuído igualmente, para todos. O pequeno de 10 anos, com uns olhinhos muito azuis, é quem retira os pratos da mesa, enquanto a mãe me faz sala.

Precisei esperar três meses e voar 10 mil milhas, correr toda a costa do Atlântico e a costa do Pacífico para, nesta manhã de primavera, presenciar uma cena a mim muito familiar. Um menino sujo. Sim, não é mentira, está sujo, mesmo! Paro para olhar. Estou voltando do drugstore onde faço meu breakfast. O menino deve ter uns 8 anos, veste uma calça de cowboy, blusa branca. Conseguiu cavar um pequeno túnel no chão, está pondo pedrinhas dentro. O rostinho corado está sujo também, a blusa, coberta de poeira. Deve morar neste porão e ser um menino pobre. Escuto a voz da mãe lá dentro. “- Bill, venha cá, o que você está fazendo?”. Morar num lugar tão escuro deve ser triste, porque não deixa o menino quietinho, cavando o buraco? Bill não responde a mãe ou finge que não escuta. Está completamente absorvido na sua engenharia. Imediatamente, vem-me à memória uma cena semelhante, tendo como palco não aquela rua de Washington. Estou em BH e Maurício cava um túnel com o Pedro. Já conseguiram furar um buraco de mais de um metro, e ainda estão insistindo. O buraco deve ser o esconderijo dos piratas ou coisa semelhante... as roupas saem imundas, as caras imundas, preciso comprar uma bucha especial para esfregar as pernas... depois, aqueles pés imundos sujando o ladrilho. “- Não, não agüento mais, já suportei uma semana o túnel! Vem cá, meninos, vocês vão encher este buraco hoje, viu? Nem mais um dia de buraco!”. Estou tão decidida que eles têm medo e entopem o buraco na mesma hora. Agora, não vejo motivo para esta mãe americana ficar tão insistente. Este túnel não é nada comparado ao meu, comparado ao túnel que eu soube suportar por uma semana, túnel de terra vermelha de um metro de profundidade, cavado no fundo do meu quintal...

Esta é uma galeria em que os quadros podem ser realmente contemplados. É por isso que todo o mundo entra devagarinho, pisando nas pontas dos pés. Entram com o respeito com que entram numa igreja, conversam baixinho, para não perturbar a paz e a poesia que flui de cada quadro. Sento-me horas em frente ao Bonnard da sala de cima, representando uma menina com o cachorro. Interessa a poesia daquele vermelho, único toque luminoso no centro do quadro. Bonnard não é o meu artista preferido, mas essa menina de vermelho tem alguma coisa de diferente e inédito. Na sala de Rouault há uma figura estranha sentada na minha poltrona. Na poltrona verde, de veludo, onde costumo me assentar. A figura parece de cera, está imóvel. Sentou-se

debaixo de um quadro, a luz ilumina-lhe o rosto, também. Deve ter uns 18 anos e é de uma palidez impressionante. Só o rosto iluminado, cabelos pretos, blusa preta, calça preta... Está olhando horas seguidas o mesmo quadro que eu também admiro, “O Cristo com o soldado”. Peço lápis ao porteiro para tomar notas, e subo para ver a salinha de Klee. Depois desço, venho escolher postais de quadros. Talvez seja a última vez que estou entrando na Phillips Collection, preciso reunir alguns cartões. Escolho os que mais me agradam e vou ao porteiro. O porteiro é um velhinho simpático. Está sempre naquela mesa de entrada, treinando taquigrafia. Trabalha há muito tempo para o Mr. Phillips. Já me viu tantas vezes entrar e sair que meu rosto lhe é familiar. “- A senhora é a artista que veio do Brasil? Não vou lhe cobrar os cartões, leve-os de presente...”.

A Corcoran Gallery tem duas correntes de arte. Uma acadêmica e outra moderna. Mr. Forsythe é o professor moderno. Tem um processo de ensino todo pessoal, e está me mostrando alguns slides de sua coleção. Mostra-me trabalhos de alunos e eu vou separando alguns para levar para o Brasil. Ensina na Corcoran, no meio de acadêmicos, deve lutar contra a corrente, aí. Por isso mesmo, procura aperfeiçoar seus processos de ensino. Conto-lhe sobre Sister Madalena, e seu ensino ultramoderno de arte. “- A senhora é de sorte! Correr tantos museus e escolas, ver tantas coisas! Sou americano e ainda não tive esta oportunidade”. Mr. Forsythe dá-me endereços em N. York. Conhece gente lá, já expôs também em Green Village. Agora é professor da escola mais tradicional de Washington. Lá, ensinaram os acadêmicos, em tempos passados, e ainda ensinam, até hoje. Corri a escola, vi os trabalhos. Há professores que ensinam aquele processo antigo de Chambelland e Oswaldo Teixeira! No meio deles, impondo, com a força renovadora de uma arte nova, está o jovem professor Charles Forsythe. Usa colagem, fotos, diversos meios de procurar inspiração. Das fotografias o aluno tira apenas os planos, transformando-os em elementos abstratos. Bom exercício de composição e combinação de cores. Há também aquele processo de se jogar tintas sobre o papel, deixando as cores escorrerem. O aluno repete o exercício umas 50 vezes. No final, o resultado deve ser bom. Não há o perigo de se viciar, de se ficar preso a um ensino tradicional. Não sei se Mr. Forsythe dá aulas para principiantes. Seu método deve ser bom para aqueles que já têm algum treino de

desenho. Com uma disciplina de branco e preto e uma segurança preliminar, o aluno naturalmente compreenderá melhor esta liberdade de improvisar, e deixar que o acaso colabore na sua criação artística.

Há muito tempo não vejo uma lua tão linda! Lua clara de inverno brasileiro, em céu americano. Fico parada, olhando, enquanto espero o sinal para atravessar a rua. Acabo de voltar da Catedral de S. Mateus, da missa vespertina de quinta-feira Santa. As vozes do coro masculino ressoam em meus ouvidos, e posso ver ainda as saias brancas das meninas com lírios nas mãos. Vejo-as e lembro-me das outras da mesma idade que eu tenho tão longe de mim... Agora, elas descem a escada, vão descendo e saindo com os pais. Fizeram um conjunto maravilhoso dentro da igreja, acompanhando o Santíssimo. Fiquei comovida. As meninas estavam tão compenetradas! Não olham para os lados, não dão risinhos. Quietinhas, serenas como as virgens prudentes. As vozes masculinas cantando, em coro, o gregoriano; os padres, os coroinhas e as meninas acompanhando a procissão, tudo isto e mais o respeito do povo dentro da igreja, faz-me imaginar os primeiros tempos do cristianismo. Devia ser assim, igualzinho, a mesma ordem e disciplina, a mesma unidade de pensamento. A comunhão é dada para a igreja em peso, não há aqueles que se abstêm por motivos secretos. Os padres descem com os cálices até os fiéis, há mais de dez padres dando a comunhão. Agora, as meninas vão para casa com os lírios nas mãos. Faz um frio bem brasileiro de qualquer noite de maio, lua tão linda eu nunca vi nos Estados Unidos. A lua, as meninas e as cerejeiras floridas, tudo no mesmo dia, nesta mesma quinta-feira Santa. Parei para olhar as cerejeiras de manhã. Ainda ontem estavam fechadas, como que à espera de uma ordem. De repente, abriram-se, colorindo a praça de lado a lado. A primavera aqui vem assim, de um dia para o outro. As flores arrebatam a terra e nascem pelos caminhos, pelos gramados, enfeitam as árvores. Já vi tantas vezes esta praça triste e vazia, coberta pela neve, para hoje de manhã me surpreender olhando as cerejeiras floridas... O povo vai para as ruas, as mulheres se enfeitam de flores. Põem flores no peito, flores nos chapéus. Chegou a primavera e a cidade se coloriu de todos os matizes. As meninas descem a escada e a lua no céu está olhando para elas e para as cerejeiras.

Atravesso a Círculo Dupont pela última vez. Este caminho, tão meu conhecido, por onde tantas vezes passei para buscar cartas de casa e marcar appointments está triste e cinzento, hoje. Vejo a sombra das árvores refletidas nas poças d'água, gente passando, lojas abertas. Aqui, nada fecha na Sexta-Feira Santa, mas o dia resolveu ficar triste. Choveu desde manhã cedinho até agora, sem parar. Volto um pouco emocionada com as despedidas. Foram bons para mim, mostraram-me amizade. Venho pensando na finalidade tão simpática desses convites de se estreitar amizade entre povos. Quantas vezes, nesses poucos meses, apertei as mãos e disse adeus a pessoas que eu não conhecia antes, pessoas que me prestaram ajuda e que nunca mais verei na vida, talvez? Com raras exceções, todos os adeuses são para sempre.

“- Espero retribuir suas atenções, talvez um dia, no meu país...”. Já me acostumei a isto, a anotar nomes e endereços para não esquecer, e a repetir esta frase sinceramente. Três meses se passaram, viajei, vi cidades, pessoas e coisas diferentes, e no meio de tudo isto, um punhado de amizades. “- Não sei como vamos passar sem Mrs. Andrés”. Soube que Mrs. Mariassy comentou isto com a outra secretária de Mr. Carnahan. Interessaram-se realmente por meus problemas, houve mesmo um certo parentesco espiritual no zelo com que sempre procuraram me cercar. Consolaram-me nos momentos de tristeza, vibraram comigo nas horas de alegria. No dia da minha exposição, no meio dos flashes e luzes, lá estavam todas as secretárias do American Council. Espero vê-las algum dia, quando aqui voltar. Não terão mais a “grantee”, com um programa organizado oficialmente, mas a amiga, conquistada através deste programa, amizade extraoficial, que fica e permanece realmente, e não é imposta por um sistema.

Procuro me pôr confortável no banco e escrever. Sempre gostei de aproveitar viagens para colher impressões no local; o tempo passa mais depressa, não se cansa tanto. Estou agora a caminho de N. York. Já fiz esta viagem de avião e trem, e pela primeira vez, a faço de ônibus. Viajamos por estradas retas, sem grandes acidentes. Passei por aqui há dois meses. Lembro-me do frio que senti nas pernas, da neve pelo lado de fora, cobrindo a paisagem. Tudo cinzento e triste, chegando a ser monótono. Agora, os campos estão verdes. Não chegam a ser tão verdes como os campos da Califórnia, que eu vi também há pouco tempo. Sofreram com a neve, tentam agora

recuperar o tempo perdido. A paisagem é a mesma, repetidamente. Casinhas de madeira, uma infinidade delas, todas iguais, do mesmo tamanho, do mesmo tipo. Há uma certa uniformidade cansativa nestas casitas de beira de estrada. A primeira cidade que o ônibus atravessa é Baltimore. Entramos pelo bairro pobre. Casas velhas, vermelhas, vidros quebrados nas janelas, dando à primeira vista a ideia de semi-destruição. Há ruas escuras e tristes e um enorme bairro negro. Os negros vivem separados, mas em elevado padrão. Hoje é sábado, as negras bem-vestidas, de chapéu nas cabeças, cruzam as ruas com enormes pacotes. O bairro negro é sempre mais movimentado. Passei aqui no inverno e lembro-me de ver também as ruas cheias e as crianças negras patinando na calçada. O ônibus atravessa a cidade toda, posso formar uma ideia de sua arquitetura. Por que estas casas repetidas, iguaizinhas, emendadas como se fossem enorme locomotiva? Por que não variar, como fazemos no Brasil, cada casa de uma cor e de um feitio? O americano gosta de padronizar as coisas. Casas padronizadas, roupas padronizadas. Lembro-me daquele senhor que, ao ver a minha série da Via Sacra, sugeriu-me logo que a estandardizasse – “Ofereça isto a alguém que possa reproduzir esta série para cartões, faça milhares deles, mas não se esqueça de tirar patente. Ficará rica...”.

NEW YORK

Domingo de Páscoa

Domingo de Páscoa em N. York. Estamos na igreja de S. Patrick, eu e as duas meninas de Célia, que vieram comigo de Washington. Esperamos meia hora na fila em frente à igreja para conseguir entrar. Milhares de pessoas se acotovela na 5ª Avenida para ver o desfile de chapéus. O desfile começa depois da missa solene de 11 horas. Não sei qual a finalidade disto. No adro da igreja, enquanto se espera, debaixo de um frio tremendo, homens passeiam vestidos de casaca. Estão vestidos como se fossem para um casamento muito chic. Os guardas formam um cordão de isolamento, não deixam ninguém entrar antes da hora. No desfile de chapéus, cada mulher se enfeita mais. Há verdadeiros canteiros coloridos, flores nos peitos, cores por toda a parte. O

interior de St. Patrick está cheio. Depois, de um lado para outro da 5ª Avenida, passeiam de braço com os friends ou maridos, e quanto mais exóticas, mais fotografadas.

Aquelas duas devem ser gêmeas. Vestem vestidos curtos e um chapéu de bolo de aniversário, meio metro de altura. Os homens disputam uma pose, e elas não se fazem de rogadas. Estão felizes, amanhã estarão em muitos álbuns e jornais. De toda essa excentricidade e loucura, sairá, talvez, a possibilidade sonhada por muitas de se tornarem modelos ou artistas. Não, não é possível! Por cima da multidão, caminha ondulante uma trouxa amarela, enfeitada de flores vermelhas. Parece um andor de igreja em dia de coroação, mas não é, senão, o chapéu de uma senhorita. A senhorita é jovem, parece espanhola, um sorriso bonito de dentes bem-feitos. É a rainha da festa, não para de ser fotografada. Ao lado, triunfante, o friend americano. Um senhor mais exaltado rompe a fila e segura o braço da moça para sair numa foto ao lado daquela corajosa enchapelada. Estamos juntinho dela, e por acaso. Para sair, é uma dificuldade, quase nos perdemos. Agarro o braço das duas meninas. Tenho medo delas sumirem e não saberem voltar para o hotel. Procuramos um lugar mais abrigado. Um vento frio começa a soprar, dissolvendo a multidão. Cidade estranha, esta. Gente estranha, tempo inconstante. O dia amanheceu tão lindo, e agora, este vento e esta neve! ... A multidão se espalha; há um certo pânico, a neve começa a cair, a temperatura desce assustadoramente. Chegamos ao hotel exaustas e loucas por algum aquecimento e descanso.

Escolho um museu pequeno para ver hoje. Quero fazer um programa de “sightseeing” por minha conta, sem um microfone na frente explicando. Estou sentada num ônibus da 5ª Avenida que se dirige à Riverside Drive. Pelo menos, vou ver paisagem, e não somente ruas. Vou ver o rio e, à margem dele, casas, palácios. Não, não chego a ver as casas e já estou ao fim da linha. Só apartamentos e mais apartamentos, todos de tijolo descoberto, estandardizados. Não têm as entradas bonitas dos prédios brasileiros, estamos possivelmente num bairro mais pobre. Por que esta repetição interminável da mesma arquitetura? Por que este quarteirão imenso de prédios avermelhados e tristes, onde a luz raramente deve entrar?

Agora, o ônibus está voltando e posso ver o rio. As águas são paradas e às margens, as árvores continuam secas. Em Washington, as cerejeiras já floriram, a

primavera coloriu todas as árvores. Aqui, só vejo flores nos chapéus. São verdadeiros canteiros. Sentou-se uma senhora ao meu lado, de uns 65 anos, muito pintada, cheia de flores azuis na cabeça. Há uma família de negros em roupas domingueiras, e uma quantidade de chapéus balançando à minha frente. Pelo menos dentro do ônibus vejo a primavera. Lá fora, tudo ainda é frio e triste. Volto ao hotel carregando o embrulho de sanduiche para o jantar. Estou de salto baixo e de saia xadrez. “- Você trabalha aqui?”. É uma negra indagando. Pergunta onde é o salão de festas do hotel. Está rigorosamente vestida a rigor, com um decote tomara-que-caia, sustentado apenas por uma alça de lantejoulas prateadas. Como são elegantes as negras americanas! Estão chegando outras negras atrás, e negros também, deve ser alguma festa no salão do hotel, sei que costumam alugar para aniversários etc.

Trato de subir depressa, para não tornarem a me confundir com as serventes do hotel.

“- O que fazem o dia inteiro as donas-de-casa brasileiras?” Quem está me perguntando é uma jovem americana que já esteve no Brasil. Admira-se de usarem tantas empregadas. Não devem ter nada, nada para fazer, as coitadas! A jovem americana já esteve no Rio com uma família. Foi testemunha da vida tranquila de uma feliz dona-de-casa com três filhos grandes e três empregadas ótimas. Acha que todas as donas-de-casa brasileiras ficam à toa. As daqui, além de não terem empregadas, ainda trabalham fora. “- Mas você se esquece que, aqui, os maridos vão para a cozinha também”, respondi. A jovem americana mora em N. York, mas estuda fora, numa universidade. Mora sozinha, longe dos pais. “- Por que você mora fora, com tantas universidades em N. York?”. “Justamente aí está a vantagem. Posso ser independente, resolver as coisas como quero. Não posso morar toda a vida com meus pais” ... Aí está o exemplo mais atual da jovem americana. Depois do high school, já não quer mais morar com os pais. É senhora do seu nariz, faz o que bem entende, trabalha, cozinha, lava roupas, mas tem a sensação de não ser tutelada. É livre, independente. Pode sair com os friends que escolher, levar a vida que quiser.

Abril, 13

Resolvi frequentar um curso noturno de arte na tradicional Art Students League. Fico admirada de ver tanto academismo nas paredes e nas salas. Vou

passando depressa pelos corredores, até atingir a sala de Mr. Stamos. Mr. Stamos é um dos poucos professores modernos da escola. Conheci-o de longa data, através de um catálogo que o consulado americano me enviou no Brasil há um ano. Aquele quadro vermelho e negro, com um grande espaço branco, impressionou-me de início. Mr. Stamos tem consciência do que faz. Considerei-o o melhor dos pintores americanos por aquele catálogo. Considero-o ainda o melhor da costa leste. Tem uma capacidade de síntese impressionante e extraordinária força de expressão. Agora, virei estudante. Sou sua aluna. O State Department abriu-me uma verba de 100 dólares. Posso gastar 80 em material de pintura, os 20 restantes são para a escola. Comprei um stock novo de tubos e telas. Esses tubos, enfileirados dentro da caixa, dão-me uma certa alegria de viver. Com a ajuda deles, posso me expressar, isto me dá uma emoção logo de entrada. A sala é iluminada com enormes lâmpadas, cercada de prateleiras. Milhares de estudantes trabalham aí. Veem-se restos de papéis sujos de tinta, os cavaletes são imundos de tintas, as portas são sujas de tinta. Há tintas e quadros por todos os lados, quadros modernos, expressionistas, sem o controle e a disciplina da nossa conhecida escola brasileira. A pintura vem à tona espontânea, saindo diretamente do pincel para a tela, sem o estudo prévio de um croqui. Fico observando os colegas e começo também a pintar. Tenho as tintas à minha frente, uma tela enorme para ser usada. Posso gastar 80 dólares de material. Quero usar cores bem claras, para não ser chamada de decorativa. Não quero ser decorativa, quero ser expressiva. Pinto o espaço pensando nos imensos voos que dei. Não são mais navios, são céus, céus americanos, guiados por mãos brasileiras. Estou contente de começar a ser livre. Agora, posso pintar sem o medo de errar. Posso pintar livremente, sem a medida da régua, do espaço dividido geometricamente, e, engraçado, uso, às vezes, o pincel como Guignard me ensinou, há anos. Ponho duas, três cores, e faço o pincel rodar. As aulas de Guignard voltaram à tona, depois de tantos anos. Os alunos me observam, mas não tenho medo. Mr. Stamos ainda não viu meus quadros. Vem duas vezes por semana para criticar. Reúne em círculo os alunos, e um por um, são observados os quadros. Faz a crítica, dá sugestões – não toca no quadro, nem dá pinceladas para mostrar. Critica, apenas – depois pede sugestões aos alunos. Depois de uma hora de crítica, retira-se e deixa a turma sozinha.

Por que não trocam a nossa menina que é mais jovem e proporcionada por uma dessas de pele cor de goiaba branca? Mas, não tenho nada com isto. Ninguém reclama, deixam a pobrezinha posar horas e horas à toa.

Às vezes, ela para para fumar ou consertar o rabo de cavalo, esticado em permanente. Depois, volta para o tamborete, e fica quietinha, sem mover um cílio. Ontem, pediu-me para abotoar-lhe a blusa atrás. Hoje, foi um estudante que se responsabilizou pela ajuda.

Domingo 16

Terminou o espetáculo e estamos cumprimentando os artistas. O teatro sem cenário lembra o de Arena em Washington, mas por ser menor, torna-se mais íntimo, e as cenas, mais reais. Assistimos à representação de Fausto de Goethe, no Studio HB, em Greenwich Village. Vim com René, a professora de ballet do Municipal, que está também nos E. Unidos a convite do governo. René chegou antes de mim em N. York, já está a par de tudo, frequenta aulas de danças modernas. O teatro parece mais um clube, e os artistas trabalham como se fossem vistos por grande público. Trabalham por prazer, pelo gosto de representar, e convidam pessoas para assistir. Ficamos na primeira fila. Estamos tão próximos dos artistas que podemos ver as lágrimas escorrerem do rosto de Margarida, quando interpreta a cena mais dramática. Agora, Margarida nos aperta as mãos. Pergunta por minha viagem, toma um cálice de vinho conosco e promete ir à minha exposição amanhã. Fausto é canadense e conhece todo o lado do Pacífico. Está interessado também no nosso programa de viagens. À custa destas viagens, tenho assunto para todos os públicos, não há ninguém que deixe de se interessar por uma tournée assim pelos E. Unidos, de lado a lado, como fiz. Com esta amiga brasileira, tenho aproveitado os teatros e ballets de N. York.

17 de abril

Muita gente em frente aos quadros e eu recebendo cumprimentos. Mãos e abraços, perguntas sobre os títulos e três línguas para transmitir ideias. Muita emoção, novas amizades, convites para almoço, atenção dividida e a cabeça longe, longe, na distância... Depois, a escadinha que vai dar à rua, saindo daquele poético subterrâneo de Greenwich Village. Meus quadros lá ficaram, da rua pode-se vê-los enfileirados nas

paredes. Mr. Zegree ficou contente, D. Dora ficou contente, e eu estou andando sozinha de volta. Tomo um ônibus e desço na rua 42. Vou olhando as vitrines. Não suportaria a solidão do hotel depois de uma tarde tão cheia e emocionante. Quero sentir de perto a vida palpitante de uma grande cidade, e paro para ver a multidão entrando e saindo das lojas. São 9 horas da noite e as luzes brilham em todas as direções. Poderia fazer uma ação heroica neste momento, salvar uma criança de perigo iminente, dar meu casaco a alguém que estivesse com frio. Mas não há crianças nem pobres à minha frente. O rádio anuncia a invasão de Cuba, ouço as vozes dos manifestantes, entro automaticamente numa loja e saio com dois chapéus novinhos. Não costumo comprar chapéus, mas preciso fazer algo diferente, algo que me distraia e não me deixe chorar no meio da rua. Estou com um na cabeça e outro embrulhado. Compro seis gravatas e dois pares de meias, já gastei todo o dinheiro da bolsa, agora só tenho para o jantar. Reparo que as pessoas me olham espantadas e vão seguindo para a frente. Meu Deus, será que nunca viram ninguém de chapéu? E as velhas floridas, por que não olham para elas? Quando chego ao hotel, quase morro de tanto rir. Saíra pelas ruas com o preço do chapéu dependurado atrás, no cabelo! ...

Lembro-me bem. Foi em Washington DC, naquele apertado quarto do National Hotel. Estava batizando os quadros. Aquele título veio-me de repente como uma ideia límpida, recém-nascida. Achei bonito o título, não tive intenção alguma, achei apenas bonito o nome de meu novo quadro. “Novas Fronteiras”, escrevi atrás no papel. O quadro é violento e firme. Assistira a neve cair lá fora, em tempestade fortíssima, quando o desenhei. Agora, me perguntam quem deu os títulos. Este, especialmente, é um título político. Um título que produz controvérsias, discussões. O quadro tem o espírito oriental, assim me disseram. As formas são orientais, as cores sóbrias, reduzidas. Lá está o título “Novas Fronteiras”, sugerindo coisas. Sugerindo ideias. É o oriente marcando novas fronteiras na terra, escuto alguém dizer. Não, não é possível, não tive intenção! ...

As ideias sempre me vieram pela força de uma poderosa intuição, nunca pensei, intelectualmente, em resolver determinado assunto. E como escolhi este título para denominar o quadro? Continuo sem saber responder. O quadro surgiu de repente, sob um impacto inadiável, também assim veio o título. Achei que ia bem no quadro e batizei-o, that’s all! ...

As notícias do homem em torno da Terra, do homem podendo transpor os limites e penetrar no espaço entusiasmaram-me. Deixei de sair de casa para ouvir o rádio, agora procuro ler nos jornais. Gagarin é o novo Cristovam Colombo, acho mais que Cristovam Colombo, muito mais até. O espaço nunca foi devassado por um ser humano senão através da imaginação; agora, lá está o homem, rodando como a lua. Rodando e podendo voltar à Terra, isso é que é mais extraordinário.

18 de abril

Já é de madrugada e ainda não consegui dormir. Ao lado, no quarto vizinho ao meu, conversam, riem. Moram uns rapazes ao lado. Agora, escuto vozes femininas, também. As conversas aumentam, os risos também. Trançam pelo corredor, batem a porta. Escuto abrirem garrafas e rirem. De uma feita, tive de bater na porta de ligação. Bati quando uma risada me doeu mais forte nos ouvidos. Quase duas horas da manhã e esta farra tremenda ao lado!

Os brotos ao lado são estudantes de uma Universidade. Vieram passar férias em N. York. Não adiantou nada reclamar do barulho. O dono do hotel contou-me, muito educadamente, um fato que aconteceu aqui no hotel o ano passado, com estudantes brasileiros – vieram em férias, também. No dia da viagem, para se despedirem, tocaram o alarme de incêndio às 2 horas da manhã. Um deles fingiu que ia pular do 10º andar, enquanto os outros gritavam em conjunto. Botaram o hotel em polvorosa. Contou-me isto rindo – coisas de estudante... E eu tive de me conformar. Meus vizinhos tocam violão, dão risadas, mas sempre é melhor que o alarme de incêndio...

21 de abril

Greenwich Village é o bairro existencialista de N. York. Copiam o Montmartre de Paris. Lá se veem homens Barbados e mulheres de longos cabelos, literatos e artistas se misturam à boemia da cidade. À tarde, depois do lanche, a praça está cheia. Estudantes levam sanduiches para comer na grama, fazem da imensa Washington Square um imenso pátio de recreio. Sentam-se ao longo dos bancos circulares, discutem problemas, estudos. Vi um negro atentamente lendo alguma coisa ao meu lado, e tomando notas. “Introdução à Filosofia”. É lá que fica a Universidade de N.

York. Lá também os artistas costumam alugar ateliers para trabalhar durante o dia. Reúnem-se à noite no Cedar Bar, junto à Universidade, para trocar ideias e beber. Há artistas que vêm de longe para participar do ambiente de inspiração que a Village lhes dá. Percorro a Washington Square, pensando como podem as opiniões serem tão diferentes. Prefiro uma quadra mais autêntica da imensa Washington Square. Há uma cerca para separar as crianças dos grandes. Os grandes lá estão, mostrando a “pinta” de gente diferente. As crianças não os veem, brincam inocentes no cercado de areia. Sujam as carinhas, constroem castelos. Cabelos ruivos, narizinhos sardentos, como são lindas as crianças americanas! Aquele pequenino acabou de comer areia, a mãe vem socorrê-lo correndo. A mãe é pintora e minha colega na Art Students League. Será que estas crianças, quando crescerem, vão ser também existencialistas? Bato uns slides da turma de guris, da miniatura do Arco do Triunfo, do povo sentado lendo.

22 de abril

Acabei de pôr em liquidação as telas inacabadas. Meus colegas americanos disputaram a herança de minhas coisas. Dei duas telas esboçadas para um, a lata de terebintina para outro; o terceiro ficou olhando e me pediu a chave do armário. Com a entrega da chave na portaria, tem direito a receber dois dólares de reembolso. Foi uma despedida feliz.

Turma desinibida, esta! Pintam loucamente, sem complexo, telas enormes. Não existe a preocupação da tinta, nem do preço do material. As cores são atiradas na tela a jato, sem o cuidado de um croqui preliminar. Mr. Stamos faz questão de o quadro ser pintado, não desenhado. A forma é o próprio quadro depois de pronto. As cores têm de vibrar, as pinceladas devem ser livres, espontâneas. Gostei da maneira. Precisava há muito deste contato com gente corajosa, para largar o medo de enfrentar a tela de um jato. Nunca imaginara poder me embrenhar em semelhante aventura. A aventura de falar diretamente, sem intérprete, para a tela branca. Consegui com facilidade me fazer expressar. Não sei se meus quadros estão bons, são grandes tentativas de libertação. Os colegas interessam-se por meus problemas. Perguntam onde aprendi a pintar, um deles, o mais caladinho e tímido de todos, veio indagar, num intervalo, se não teria, por acaso, estudado eu em Paris. Morou em Paris muitos anos, estudou em Lhote. Há o americano que já esteve na 2ª Grande Guerra, e lá conheceu um brasileiro;

há o argentino baixinho que briga e brinca como uma criança com aquela loirinha da turma. A loirinha é bonita e jovem, casada com um engenheiro, o marido veio buscá-la outro dia, na escola. O argentino tem um Studio em Greenwich Village e pinta o dia inteiro. Não trabalha fora, mas a esposa trabalha. Agora, anda às voltas com a loirinha. Tive vontade de avisar a pequena, mas não tenho nada com isto, o melhor é ficar calada. O monitor da turma pinta quadros deprimentes em fundo negro. Já dançou no carnaval do Plaza Hotel, em N. York, ficou encantado com a animação do brasileiro. Coisa de louco! Para demonstrar, puxou cordão com o argentino dentro da sala. O argentino é fã da música brasileira. Assobia samba o tempo todo. Aquele ruivo de cabelos compridos chama-me de little lady. Espantam-se da minha produção em massa. Resolvi dar as duas telas para aquele que já esteve na guerra. É dedicado à pintura e parece não ter muito dinheiro. Pinta quadros pequeninos, poupa as tintas. Queria me pagar, mas tranquilizei-o dizendo que as telas pertenciam a seu país, isto é, tinham sido pagas pelo Departamento de Estado. Ficou encantado com a herança.

CLEVELAND

Domingo

São 7 horas da manhã e eu estou a caminho de Cleveland. O trem é bem semelhante ao nosso Vera Cruz. O mesmo conforto e limpeza. Dormi a noite inteira com as pílulas que o guarda me deu. Fui procurar açúcar no restaurante e ele me perguntou se eu não queria tomar Buferin – guardas de trem oferecem remédios, aqui. São gentis e pacientes com os estrangeiros. Encontrei-o no corredor, hoje. “Thank you for the drug. Dormi a noite toda. Você é ótimo doutor”. Também Aspirina e Buferin são os poucos remédios disponíveis aqui. Os demais são vendidos debaixo do maior controle possível.

Acordo com uma batida na porta e a voz de uma criança ao meu lado. “- How are you this morning?”. A criança tem três anos, é loirinha, os lábios muito vermelhos. Veio me acordar, está interessada na misteriosa criatura que tem em casa. Criatura que chegou à tarde, ontem, com malas e bagagens e ficou para dormir no quarto de hóspedes. A criança me olha curiosa. Chama-se Fritz. Fritz é desembaraçado e falante. Já me mostrou seu livro de figuras, seus brinquedos. Agora, chama-me para o breakfast. Estou em casa de Mrs. and Mr. Conight. Receberam a hóspede sul-

americana com grande amabilidade. Há muito não vejo de perto este ambiente familiar tão meu conhecido! Crianças brincando, crianças rindo, crianças chorando. Mrs. D. Conight tem dois filhos. Fritz e Mathew. Mathew deve ser da idade do meu menor, mas é loirinho, cabelos quase brancos. Onde estará meu moreninho neste momento? Escrevo e olho a janela. As casas de Cleveland são lindas, lembram a famosa Beverly Hills de Los Angeles. Casas enormes, situadas no meio de parques, com imensos gramados. As árvores ainda não floriram, mas há flores no gramado e ao longo dos caminhos. Cheguei num dia de sol. Mrs. Conight recebeu-me à porta, sorridente. “- Você nos trouxe a primavera, seja bem-vinda!”. Estava constrangida de entrar, mas somente esta pequena frase deu-me coragem. Mr. D. Conight largou a máquina de podar grama, cumprimentou-me e trouxe-me até o quarto, que habito no 3º pavimento. Há um apartamento só para mim, com duas camas, banheiro e janelas para a paisagem de Cleveland. Depois de passar um mês em N. York morando em hotel, três dias em Cleveland significam três dias de descanso e paz. Já dei uma volta enorme de carro com Mr. Halle, pai de Elinor. Tirou-me retrato em frente a uma dessas casas de milionários, mostrou-me o bairro grã-fino da cidade. Conheci Mr. and Mrs. Halle, estive com eles ontem, logo que cheguei. Estou encantada de poder ter vindo esbarrar aqui. Têm sido gentilíssimos comigo. Já corri o museu da cidade, ontem, com Bárbara De Conight. Admirei-me de ver a quantidade de impressionistas que têm. Nunca imaginara que aquela menina vestida de cinza, com um buquê de flores na mão, aqui estivesse. É um dos melhores quadros de Renoir.

Aqui em Cleveland estão os mais conhecidos quadros, dos mais conhecidos pintores da arte moderna. Renoir, Manet, Cézanne, Picasso, Braque, Dufy, uma infinidade deles. Fiquei conhecendo Claude Monet aqui. Considero-o um dos precursores da pintura atual, não fazia esta ideia antes, no Brasil. Aquele quadro grande do Museu de Arte Moderna de N. York, e agora este, em Cleveland. Tela enorme, com formas distribuídas à maneira dos abstratos. Manchas cobrindo o espaço. Manchas que se fundem em ritmos dinâmicos. Às vezes, lembram-me os quadros de Stamos. As cores claras, suaves, as pinceladas largas.

3ª feira

Sáimos debaixo de chuva – Bárbara De Conight chama a vizinha para me ajudar na peregrinação pelas galerias. Vamos de carro, a vizinha guiando. Estudou na Escola de Belas Artes, gosta de conversar com artistas. Bárbara gosta de entrar em contato com estrangeiros, daria para diplomata. Estamos correndo as ruas largas de Cleveland, atravessando o bairro aristocrático da cidade, a famosa Sheigh Heights – depois, a paisagem mais comum do centro da cidade. Cleveland lembra um pouco Seattle. Nas galerias, tudo me desfila aos olhos. Esculturas, pinturas, desenhos, cerâmicas. Depois, o almoço neste restaurante pequenino, cheio de luzes vermelhas, a volta ao museu para ver o que ficou faltando. Mr. Hening me espera. É um dos diretores do museu e muito interessado em arte abstrata. Mr. Hening publicou um livro sobre pintura. Indaga-me como comecei a pintar, como cheguei até o abstrato. Está especialmente interessado na transição da figura para o abstrato. Não é pintor, mas se interessa muito pelos problemas de pintura e arte. Tem orgulho do museu. Fica encantado com os elogios para o seu museu. Museus nos E. Unidos são guardados com carinho, como joias. Há um pedaço da História Universal nestas galerias e mais galerias, contendo a vida dos diversos povos que povoaram o mundo em épocas remotas. Atrás das vitrines, o ouro dos incas se destaca, exibindo medalhões e emblemas; as figuras orientais às vezes traduzem o dinamismo das danças exóticas, às vezes o estático da contemplação mística. Os Budas olham perdidamente para o tempo parado à sua frente. Depois, os vasos gregos – os sarcófagos egípcios. As salas são espaçosas, hoje posso ver com mais cuidado, por não ser domingo. Volto mais uma vez à sala de Monet e Renoir. Como tem unidade a pintura destes dois artistas! ... Gauguin é a decepção, fica muito melhor em livros do que no original...

N. YORK

Milhares de pessoas em pé, batendo palmas. Os artistas já vieram três vezes ao palco e o público aplaude, aplaude. Acabam de levar em cena uma coreografia do ciclo de Soviet Pictures, representando a luta contra os nazistas na região do norte do Cáucaso. Uma luz vermelha ao fundo, as formas em preto deslizando pelo palco, depois, o movimento de espadas, espingardas, dança de guerra e vitória.

Lá estão os russos no palco. O Metropolitan de N. York está repleto, as danças continuam, o público aplaude. Os americanos estão fascinados com as danças russas.

Acompanham o ritmo dos Cossacos naquela dança final, batendo palmas. Os russos estão felizes lá embaixo, com o sucesso. São jovens e bonitos, agradecem dando adeus para o auditório repleto. Neste momento, as rivalidades são esquecidas. Não existe rancor entre os povos e o medo da guerra. Existe apenas o poder extraordinário da arte, confraternizando as nações. Há um entendimento mútuo, uma simpatia desinteressada e pura nestas palmas vibrantes ecoando pelos cinco andares circulares do enorme Metropolitan Opera House de N. York. Terminam com um número dedicado especialmente aos americanos. Vestem-se à moda ocidental, os rapazes de blusões estampados, as moças de rabo de cavalo, saias rodadas. Música vibrante! Americanizaram-se, os russos! Dançam em ritmo louco, o Rock and Roll. É o P.S., a surpresa da noite, e segundo o próprio catálogo da companhia, o número que quase arrancou o teto do Moscow Tchaikowsky Hall, quando lá exibido antes de vir para N. York. Saio do teatro às 11 horas da noite, empolgada por esta cena comovente de confraternização entre os povos. As luzes da Broadway anunciam no alto do prédio mais próximo as últimas notícias de Cuba e Castro...

Marcaram-me um appointment com Mr. James Brooks. Mr. Brooks é o autor daquela célebre frase que citei no meu trabalho sobre arte. É um dos melhores artistas americanos, e tem ateliê neste bairro modesto e pobre de N. York. Tomo um táxi para não ter de atravessar a pé as ruas. Há bêbados e homens discutindo, e eu prefiro parar exato onde preciso descer. Mr. Brooks espera-me às 3 horas. Foi avisado da minha visita pelo Departamento de Estado. Às 3 horas em ponto, estou tocando a campainha de baixo. O Studio fica no 3º andar. “- Are you Mrs. Andrés?”. Mr. Brooks está à minha frente, leva-me por aquelas escadas enormes até seu ateliê. Nunca vi um Studio tão grande! Há quadros empilhados nas paredes, painéis enormes, e os últimos desenhos sobre a mesa. Mr. Brooks mostra-me tudo, pergunta sobre o Brasil, interessa-se por minha exposição. Gosto de conhecer artistas, de ver de perto como trabalham. É melhor e mais interessante do que ver os quadros dependurados no museu. Oferece-me café feito por ele, na hora, conta um pouco do movimento artístico de N. York. “- Sou do Texas, mas há muito moro aqui. New York é o centro para onde convergem artistas vindos às vezes de todas as partes do mundo”. Os artistas do leste e oeste americano têm um estilo completamente diferente. Notei isto nas minhas viagens. Aqui em N. York predomina a escola de Pollock, Hoffman, De Koonig, Stamos e

Brooks. São violentos, expressivos, completamente informais. James Brooks pertence à categoria dos informais, suas fases são firmes e conscientes e há uma certa unidade entre elas. Todo o itinerário de sua pintura está aí nos quadros que me mostra. Este itinerário será publicado em livro brevemente. Mr. Brooks é polido com as senhoras, como todo americano. Desce comigo as escadas, leva-me até o ponto mais próximo de ônibus. “Vou levá-la até a Broadway, não convém que ande sozinha por aqui”.

Este é o primeiro treino de guerra a que assisto. Estou no quarto fazendo as malas. Colocar as coisas em ordem para a viagem final é mais difícil do que se pensa. Falta espaço, excede o peso. Estes pequenos problemas absorvem-me por completo. Nem escuto o rádio ligado. Há muito tempo que estão falando, falando. De repente, uma frase mais clara soa aos meus ouvidos. “Quando as sirenes tocarem, procurem os abrigos”. Ordem do presidente Kennedy em Washington. Fico parada escutando. Um arrepio corre-me pelo corpo, lembro-me daquele anúncio de S. Francisco. Antes que eu possa pegar o telefone e indagar na portaria, as sirenes já estão tocando, tocam insistentes, sonoras, como um longo gemido. Da janela, posso ver as ruas em baixo. A cidade movimentada de N. York está em completo suspense. Ninguém se mexe. O povo se comprime à entrada dos subways, embaixo dos toldos. Há alguém querendo tomar um táxi e os guardas impedem. A imobilização tem de ser geral, ordem vinda de Washington. O rádio parou também, apenas a angústia da espera, e esta sirene, tocando, tocando...

Não aguento ficar sozinha no meu quarto. Subo correndo as escadas para o 7º andar, onde mora o casal de brasileiros. Lá estão eles à janela, espiando. Não estão assustados, sabem que é apenas um treino de guerra. Depois de meia hora, a cidade se movimenta novamente. A vida volta ao ritmo normal e eu desço para acabar minhas arrumações. Graças a Deus, já estou me preparando para voltar! ...

O café chama-se Figaro, e é uma das atrações dos boêmios de Greenwich Village. Boemia de poetas, sem as exhibições pornográficas dos outros centros de diversão. Ali se reúnem os artistas para conversar, trocar ideias. Sentam-se em mesinhas para tomar um simples café e ali ficam até tarde da noite. Tocam violão, às vezes, fumam, deixam que a noite passe e seja testemunha de suas conversas. As moças têm aquele ar parisiense das caves existencialistas; os rapazes deixam os cabelos crescerem até quase enrolar na nuca. São amáveis com os visitantes.

Oferecem cigarros, buquê de flores. Procuram conversa com o vizinho da mesa em frente, num convite simpático para se ficar em casa. Estou com um casal de brasileiros do hotel. Viemos conhecer o Village à noite, para termos uma ideia da vida noturna deste famoso bairro de N. York. Em nossa mesinha encostada à parede cabem quatro pessoas, mas já estamos de prosa com os vizinhos da mesa ao lado. Falam em inglês e eu procuro ajudar na tradução da língua para o português. O rapazinho está interessado no Brasil, indaga sobre o meio de arranjar um emprego no Rio ou São Paulo. Dr. Danilo responde que lugares não faltam. É só querer trabalhar. Já encontrei muitos americanos com vontade de largar a pátria, e se estabelecer no Brasil. Agora me vem, de repente, à lembrança, os olhinhos verdes da mocinha do hotel em Santa Fé, desejosa de conhecer o Brasil. Depois, aquela senhora em Los Angeles, que se assentou ao meu lado no restaurante, indagando, indagando. Pelo jeito, queria se mudar definitivamente para a América do Sul e, de preferência, para o Brasil. Somos cinco brasileiros assentados num café americano, cinco brasileiros tomando café e fazendo propaganda do Brasil. Nos levantamos dali convictos de que o rapaz breve estaria a bordo de um avião com destino ao Rio. Corremos as ruas do Greenwich Village. A noite é bonita e fresca, as lojas estão abertas, e nas escadinhas dos apartamentos, os estudantes se assentam para conversar. Os prédios são velhos, de poucos andares, e conjugados; fileira de prédios escuros, tijolo descoberto, do mesmo tamanho, uniformes, estandardizados. Nos basements também as luzes brilham. São lojas chinesas, casas de disco, livrarias. As livrarias estão cheias, gente comprando livros, gente em pé, lendo. Há pequenas exposições em pequenas galerias. Andamos até a Street, e lá estão os meus quadros dependurados na parede. A porta está fechada, mas podemos vê-los através da vidraça. Não me sinto bem de me ver assim, olhada. Há um brasileiro na turma metido a engraçado, não gostei dos comentários que fez sobre os outros artistas. Não gosto de estar assim, parada em frente à minha galeria. Por que não andar mais, e ver mais coisas? Andamos, andamos. Não entramos nos tais night clubs, mas tivemos uma ideia do que é a vida esportiva e alegre da turma do Village. New York é uma cidade cheia de atrativos. Simultaneamente, encenam peças de teatro, ballet, orquestras sinfônicas. Os museus permanentemente abertos estão sempre lotados, não há um dia em que se possa ver os quadros tranquilamente. Vou ver o ballet da Marta Graham no seu último dia de cena. O ballet

moderno é expressivo e livre. Quando bem-feito, emociona muito mais que o ballet tradicional, baseado na ginástica e exercício. Há uma fusão completa das artes num espetáculo de Marta Graham. Os palcos são nus, sem cenários pintados, apenas o jogo de luz e aquelas enormes esculturas metálicas. Os artistas dançam, as túnicas coloridas criam formas, como um enorme quadro em movimento. A música é composta especialmente para o ballet, e é entrosada no conjunto, o drama se desenrola vivo, cheio de lances inesperados, como a própria vibração do som. Contam a história de Joana D'Arc. As esculturas de arame se abrem como uma misteriosa engrenagem, e a espada de Joana D'Arc fulgura nas mãos dos dançarinos. Especialmente este primeiro número me tocou de perto. Fiquei admirada como o simples gesto e o movimento do corpo podem traduzir um estado de alma, e levar a emoção direta do artista ao espectador! Quem deveria ver este ballet é o Klaus Viana. Vinha também aos Estados Unidos, por que não veio até hoje? Começo a admirar N. York quando vejo estas coisas. N. York não é apenas a cidade do comércio alucinante, das vitrines sugestivas, do subway, da vida agitada. É também um dos maiores centros de arte do mundo! Não é à toa que os artistas para aqui se dirigem e teimam em morar, empoleirados, empilhados em prédios escuros e feios. A vida se agita em baixo, no meio dos prédios a arte se desenrola. São exposições, são espetáculos de dança, são cinemas, teatros, conferências. Assisti há dias "My Fair Lady", peça que está há quase cinco anos em cartaz! Vi o ballet russo, repleto, estreando debaixo de um sucesso louco. Vi o ballet experimental do Juillard e agora este, de onde estou saindo. Há arte para todos os públicos, cinemas para todos os gostos. Há aqueles da rua 42, permanentemente exibindo filmes impróprios (quase não se pode passar em frente, de tão feios os cartazes), há o Radio City, com o seu show popular, e o conforto de uma das maiores casas de diversões do mundo. O Radio City está situado na 6ª. Avenida, e permanentemente lotado. Diria que o povo aqui tem fome de diversões. O povo se comprime para entrar nos teatros, nos ballets. Em frente ao meu hotel há um teatro de concertos. As filas são enormes, todos os dias, para ouvir aos músicos, violinistas, pianistas. As estreias de gala são um sucesso. Carros com chauffeurs fardados se estendem ao longo da rua. Os donos descem encasacados, com as mulheres decotadas. As joias faíscam, os cetins dos vestidos enfeitam a entrada deste cinema,

meu vizinho. Estão estreando um filme de Fellini já exibido no Brasil, “La Dolce Vita”. A alta sociedade de N. York ali está representada.

Escuto um barulho violento como uma bomba explodindo dentro da terra. Estou no basement do Museu de Arte Moderna, tirando as galochas molhadas da chuva. As pessoas perto não parecem assustadas. Aquele barulho deve ser normal para elas. Retocam a maquiagem, penteiam-se. O barulho se repete depois de alguns minutos. Estão me dizendo que é o subway que passa em baixo, juntinho do Museu. New York tem um verdadeiro mundo subterrâneo. Milhares de pessoas circulam nas linhas internas, rasgando a terra por baixo, a muitos metros de profundidade. A terra aqui foi feita para ser morada, para o homem se amontoar como num formigueiro. Crescem as casas para o alto, descem os túneis por baixo da terra. A vida circula em todas as direções. Cidade dinâmica, estranha, cheia de contrastes. Pude admirá-la do alto do Empire State num dia de sol. Toda a ilha de Manhattan é um testemunho da atividade humana. À noite, com as luzes brilhando, a cidade parece uma joia. Estou descobrindo aos poucos os aspectos positivos de N. York. No princípio, aquelas nevascas fortíssimas, aquela sujeira nas ruas depois de alguns dias de neve; aquele movimento, apesar do frio castigando a pele, ressecando as mãos, tudo aquilo me espantou e deprimiu. Lembro-me de que só me senti feliz em N. York naquele mês de fevereiro, quando, ao sair do Guggenheim à tardinha, dei com o espetáculo do Central Park coberto de neve. A neve branquinha cobrindo a terra, as árvores secas e o parque colorido de blusões, slacks, gorros, levantou-me o espírito. Afinal, tenho de fazer justiça. N. York é uma cidade que merece ser vista.

Agora já estou para regressar ao Brasil. Uma fumaça de cigarro impregnando o elevador, uma negra conversando em inglês, vestida em casaco preto, à minha frente, muita gente querendo descer daquele prédio na rua 57. Lá ficou para trás, no 14º andar, o State Department. Lá ficou Miss Belt, com o seu sorriso de despedida. Espero vê-la algum dia no Brasil. Seu sonho é conhecer Ouro Preto. Os funcionários se reúnem para a despedida. Estão sorridentes, desejando um regresso meu aos States. Tenho de voltar depressa ao hotel. O Cel. Miranda e senhora estão me ajudando a empacotar as coisas. O Cel. Miranda está de férias aqui, gosta de fazer embrulhos e ajeitar coisas. Cecília também tem a grande virtude doméstica de descobrir lugares jeitosos para os menores embrulhos. Gastaram uma tarde comigo. Puseram tudo dentro do malão.

Sempre se encontram pessoas boas e prestativas. Sem esta ajuda, não sei o que seria de mim, assim carregada de embrulhos.

Estamos a 10 mil metros do nível do mar. A temperatura exterior é de 52 graus abaixo de zero. O rádio de bordo anuncia, os passageiros não se espantam. O jato continua riscando o céu por fora, e com a sensação de se estar imóvel por dentro. O progresso da humanidade neste século XX nem dá tempo para o homem gozar uma descoberta, e já vem outra. Isto de se estar a 10 mil metros da terra é assombroso, e o homem já rodou o globo inteiro em menos de duas horas. Mais frio ainda deve ser lá em cima! E o despertar do dia, como será visto da lua? Estou vendo o dia despertar a 10 mil metros da terra! O céu imenso e essas imensas manchas vermelhas, roxas, azuis. Não há acidentes geográficos, apenas o céu. Parece um enorme quadro abstrato em tons de vermelho vivo; já estou em céus brasileiros, a América ficou para trás, dentro da noite. Agora, o silêncio da madrugada e a manhã, aos poucos, descobrindo as montanhas. Sinto que descemos devagarinho. Vejo agora a paisagem tão conhecida do Rio de Janeiro, o Pão de Açúcar envolto em nuvens, o Corcovado... Não posso esconder a emoção de enxergar o Brasil novamente. Terra bonita, a nossa! Lembro-me das palavras daquele americano explicando ao outro – “Uma cidade linda, cheia de praias e montanhas, prédios enormes, verdadeiro milagre no meio das selvas!”. Referia-se ao Rio visto do alto, quando de viagem para a Argentina.